

Antologia de Hébron

Apresentado por

Meu Lado Poético 



resumo

Nada

Sentimento de menino

Um desdobramento

Sopro de vida

Abismo

Minha pele

Seria loucura ser são?

Desumana Morte

Alma Cativa

Vida Substantiva

Poemas

Calos

Lua

Um revoar de pássaros

Nuvens

Guardião

Rebeldia incontida

Fragmentos

Pedaços de mim

Súplica do seu poema

Caminhos da minha terra

Amizade sem limites

Frios longos

Seu nome

Silêncio

Composição

Sereia de Jardim

Tempo sem regresso

O simples poeta

Carta a um amigo

Novo porvir

Noturno sentimento

Signos

Trem bão!

Colírio

Eu e o tempo

Um olhar para sempre

Divagar

Palavras para se cumprir

Destino

Nesta hora de sempre

Lua Mediúnica

A lágrima

Liberta-me

Queria ser uma manhã!

Oculto semente

Mato! Desmato!

Tempos de pouca poesia

O elixir mitológico da cura

Trabalhador de nome qualquer

O que é a chuva?

De repente

Filha na Terra

Cantiga

Hora incerta

Cheiro de mato

Alma profana

Estranha Paz

Cálice que transborda ecos

O Errante

Vizinhos

Sua presença nunca se esvai

Nas dimensões do tempo

Coração vago

Lutas

Vaso do oleiro

Amanhã será um lindo dia

Nunca me vi

Amor pequenino

Lucidez

Careço

Olhar em transe

Vinte!

Num alvorecer qualquer

Lamúrias

O amor é sim

Reticências astrais

Ofereço-te

Inclua o irmão

Cooperativo

Faz-me vigília

I love you!

Mãe que me guarda

Apenas me deixe ser

Velas por mim

Quebra-cabeça

Sonho passarinho

Sê

Anseios de perdição

Perspectivas

Recanto de pássaros

Ruminar de traças

Como um rio

Valor do Tempo

Tempo irreal

Grito

Trincheiras

Aurora

Mensagem do infinito

Poema de uma certeza

Indecência

Um chuveiro

Além

Razão do espelho

Meu recanto, novo canto

Grande família

Valha-me Deus

Meu querer

Se contigo

Amor multicolor

Seta luzente

Lancinante

Garoa saudade

Sou o que sou

Minas Gerais

Existência

Sonho de criança

Assunção

Viagem no tempo

Nós

Luto

A primeira poesia

Universo que persiste

Pela ordem, Dr. Poeta!

Poesismo - uma nova ordem social

Versos multiverso

Carícia do silêncio

Caminho Sideral

Espírito de Natal

Nova trajetória

Olhar cigano

Benzedeira

Deixo

Novo tempo...

Uma nação centenária

Alma do jardim

Pensando em mim

O Sorriso

Lembrança da janela

Inflexível Realidade

Morte e Vida

Nostálgico

Corcel

Lacunas da sua presença

Transbardo

Odoyá!

Buscas

Fio canalha

Pedra

Rimas óbvias

Juras

Rarefeito

Onipresente amor

Versos do desvario

Páginas da vida

Verso saltado

Mania de sonho

Sinas

Quando escrevo

Ainda escrevo

Dom Quixote

À noite

Quadro na parede

Tom carmim

Despe-me o chão

Você nunca se foi

Lembro-me

Seja assim

Vai...

Estações de você

O feminino

Ciclos de mim

Sem fronteiras

Justos devaneios

Pequi vale mais

Além da razão

O céu e o trovador

Qual saudade

Rio

Homenagem a um amigo

Perfume das Flores

Insurgente

Amor intemporal

Ser poente

Palavra Mãe

Inspiração em tormenta

Amanhã, talvez

Luz e forma

Poesia musicada

Elementos da vida

Anticristicamente

Caminho do destino

De ti

Sigo

Todo o semblante do seu ser

Imagem e sedução

Formosa dama da poesia

Nuvens e voltas

Aos meus amigos amantes da poesia

Caminho

Realidades

Sementes de eternidade

Transcendente presença

Aquela mulher

Se é morte, sorri

Um poeta Shimul

Descomposturado

Sonho e realidade

Sem pulso

Ninfa do Jardim

Semeando Amor

Abraço vazio

Rugas

Parabéns ainda

Em Cabul

Letra de verso

Em seu pensamento

Nascer da paisagem

Destino Passarinho

Ipê Amarelo

Ninho da serpente

Face do Amanhã

Tempo despercebido

Muito sonho

Fronteiras

Canto de emoção

Cortejo do vento

Trecho de um diálogo

Soneto da Revolução

Rotina e Sonho

Sem Sentido

Lar estelar

Crônicas de realidade

Eu já era criança

Valores e escolha

Tanto queria

Dimensões do Poeta

Versos na guerra

Inanição de versos

Doravante

Desenhada dor

Despertar da ilusão

Inexistido

Trovoado coração

Quando

Admiro as nuvens

Todo meu céu

Ciclo Hidrológico

Brevidades

Natureza

Decadência

Uma manhã

Emergido

Soneto Inacabado

Após a manhã

Um pulsar apenas

Puro amor

Carta para o amanhã

Talvez eu escrevesse um poema

Num olhar de céu

Partituras da vida

Tocante amor

Eu o via

Nova Era

Muito mais

Abecedário

Meu pensamento

Crônica da Primeira Infância

Soneto pirilampo

Ele chama

Odoyá, Mamãe

Jardim da Fantasia

Sonho e insanidade

Leve brisa

Um rascunho

Estrela morta

Enamorada canção

Eram linhas vazias

O inverso da poesia

Carta a mim

Fluidamente

Estive em Kiev

Bela Composição

Sonho no sonho

Amor e torpor

Uma luta

Soneto de uma forte mulher

Enigmática

Não importa o tempo

Sem culpa

Tramas de um jogo

Lamentos de pedra

LEI 12.3SEMPRE, DE 14 DE MARÇO DE 2022

Não via

Soneto Sideral

Um pingo

Destino que se cumpre

Letra muda

Corsário da fantasia

Visão Obtusa

Ânimo

Sou

Artífice das letras

Ao velho Bardo

Casas e quintais

Se pudesse

Feito vento

Estações

Eu vô

Além do Pássaro

Silêncio concreto

Crônica da Adolescência

Saudade sedosa

Tanto infinito

Ritmos

Imagem dela

Por um clarão

Além do limite

Sonhos e retrografia

Pátria traída

Procissão da noite

Rio impossível

Tempos escritos

Labirinto de ilusões

Trovas

Uma esperança

Região das Gerais

Soneto da Morte

em despensamento

Letra delirante

Em estante

Democracia Maldita

Acróstico da poetisa

Lugares e paisagens de ti

Como o rio ou o tempo

Fronteira da noite

Tanta estrada

Uma poça d'água

Turvo encanto

Sempre

O último suspirar

Canteiro

Abreviaturas

Este Livro

Em letras

Lampejos do absurdo

Yanomamis

Estranho calor

Tem cura

Junto a mim

Mais que nós

Areia da ampulheta

Iemanjá

Talvez, sobre as contradições deste mundo

Som sem brilho

Chão

Assim

Noite

Dia

Vista do tempo

Sem luz

Sem estrada

Mulheres, talvez

Passado insepulto

Verbos e sentidos

Inusitada visita

Prescindido Abraço

Em seus pensamentos

Andança

Lu!

Sopro de olhar

Enganos e alguma luz

Futuro com atraso

Casa vazia

Despertar

O enigma

Aquele beijo

Cárcere

Terça-feira 13

Do céu e do chão

Onde quer que seja

Uma escrita

Idas e chegadas

Versos e brisas

Ensaio distópico de um quase futuro

Em meus olhos verdes

Do voo e do ar

Antes do enfim

Um verso apenas!

O falso poeta

Chãos e céus

Intergaláticas ilusões

Soneto do poeta abstinente

Sobre o céu e a terra

Soneto claudicante

Pedras mudas

Olhos fechados

Carente, entanto

desalento

Algo tanto

Sonhos mutilados

Tempo bendito

Declaração Universal aos Fulanos

E o contidiano...

O eco do infinito

Genuflectido

Sensação de saudade

Num inverso de luar

Seu olhar

Algumas verdades

Melancolia

Sem mágoas

Passo a passo

Amor e beleza

Alagoas

Palavras e sonhos

Quem és?

Asas do vento

Verbo transitivo intemporal

Poema de Amor

Amanda

Letárgico

Dois sóis

Do pouco que calo

Alguém poético

Amor de dois

Sobre a dor de uma mãe

Andarilho

Quando eu sonhava

Errante, prossigo

Avó do Amor

Ainda assim

Talvez amor

Um anseio

Transmutação

O poder da poesia

Três leituras do injusto

E nada mais

Por aí

Um impulso

Alma da rosa

Luz palpável

Pobre poeta

Crônica de um Cruzeirense

A morte

Colo de mãe

Sonho e reflexo

Mensagem do relógio

Tormento infantil

De repente

Sem resposta

Dou-te o olhar

Juízo suspeito

Carta ao Poeta

Inspire

Versos Sem Pudor - Imagens Explícitas

Partícula do Infinito

Nada

Dizem que o nada é assim
Apenas uma ficção
Que o nada não existe
Vazio que não cabe existir
Assim sendo, se nada tenho
Eis que tenho o impossível
E eu, tendo o impossível
Torno-me improvável
Mero personagem de uma ficção
Que ninguém assiste
Que ninguém assiste, pois inexistente
Resigno-me, inexistindo então
Resigno-me em não ser visto
Sou impossível, se não existo
Nesse mundo perfeito do existir
Onde o nada persiste em ficção
Mas não existe
Sou um impossível qualquer, pois nada tenho
Mas ao menos um mundo tenho
Ao menos um mundo
Para inexistir

Sentimento de menino

Queria a você dizer meu sentimento de menino naquele quintal...

Queria ver o tempo passar eternamente no fim de tarde nostálgico, vendo o sol se fracionar no horizonte

Queria ser a noite para estrear o dia

Bastaria ser eu um orvalho de alegria em uma manhã carente de entardecer

Fluido pensamento que me escapam os momentos, os quadros, gravuras, janelas de tábua e tramela, com gosto de poeira de estrada

O tempo é minha alma em páginas de livro

O tempo é o terreiro onde corro, é o mato onde vivo, é o morro altivo, de onde vejo o aceno do longe

Queria ser aquela brincadeira esquecida, ser a alegria espontânea que passou quase despercebida

Queria reviver a lembrança do gosto da fruta direta do pé enquanto criança

E na beira de um rio, águas em remanso cumprem a lei, seguem o caminho, sem olhar para traz e certas de nunca mais voltar

O canto de um sofrer me distrai...

Queria dizer a você meu sentimento de menino naquele quintal...

Um desdobramento

Pergunto àquele que encontro:
Quem jaz lá embaixo em vida?
Respondes-me a estranha mente:
Jazes, mas és semente!
Escapo-me por mero instante
Do que me prende, da armadura
Fluo-me em bruma, descingido
Em tênue ilusão, errante
Do alto vejo o mundo,
Estendo-me ao horizonte...
Vês-me o céu do chão
Vês-me estrelas
Vês-me imensidão
Do alto, meu olhar profundo
A vida, a morte, quero tê-las
Faço-me lua, sou luar
Sou resplendor, sou amar
Morada de Jorge e o Dragão
Revolto a maré do mar
Excito o cio do chão
Também sou noite, sou distante
Da vigília escapo, um instante
Escapo-me então, em loucura
Sou divindade e sou criação...

Sopro de vida

No sopro,
Um destino
Indefinido
Infinito
É curso de rio
Sem foz
Que singro
Que sinto
Que sangro
Naufragando
No porvir
Emergindo
No sonho
Ainda respiro
Guardo a voz
No alvedrio
E silencio
Se quietude
Seguindo
O rio

Abismo

Abismo,
Arranca-me o olhar
Fite-me o mistério
Despenha-se em mim sem temor
Meu peito aberto, o clamor
Destila-me sua queda
Mergulha em quem lhe medra
Cala-se o eco
Na ânsia do meu afeto
Lança-se profundo
Faça-me seu mundo
Abraça-me com seu vazio
Em seu horizonte vertical
Abeira-me arredio
Na minha altura sideral
Destina-me sua queda
Ternura de quem se entrega
Tenha-me por amante
Estenda-me, sou ponte
No limite, último passo
O voo ao meu céu, o abraço
Cala-se o grito
Nem tudo está escrito
Meu peito aberto, seu amor
Despenha-se em mim sem temor
Fite-me o mistério
Arranca-me o olhar...

Minha pele

Deixe-me respirar
Não me sufoque
Minha pele também é sensível ao toque
Qual valor que lhe domina
Que pendores lhe fascina
Das cores da minha sina
Deixe minha melanina
Um choro, uma lágrima, um soluço
Quero ir livre, estar de pé
Andar como outro qualquer
Como aquele a quem não se aparta
Por ser branca cor a sua raça
E não a cor preta que ainda motiva o luto
Racismo não podemos aceitar
Necessário um grito de basta
De todos um grito de basta
Da indignação que não se desgasta
Minha pele também é sensível ao toque
Não me sufoque
Deixe-me respirar

Seria loucura ser são?

Seria loucura ser são
Nesse mundo cão?
Por onde ir?
Quais as razões?
Há dores e há prisões
Labirintos e ilusões...
Há sussurro, arrepio
A cadela sempre no cio!
Sorradeira, no covil
Força que se fomenta
Feixes para tormenta
Medo, calafrio
Mundo que se depena
Com disfarce, pena a pena
Achegando-se com ardil
A cadela sempre no cio
Há sussurro, arrepio!
Ainda em meio a mazelas
Surgem cores de aquarela?
Há saídas, sonhos, quimera?
Esperança, indagações
Motivos para nos unir
Motivos para resistir
Nesse mundo cão
Seria loucura ser são...

Desumana Morte

Sinto
Do meu corpo
O único calor que me resta

Ouçó
No meu peito
Batidas em ritmo fúnebre

Vejo
Da fresta do meu olhar
Vultos dos passos do desprezo

Degusto
Do meu vazio
A fome concorrendo com o frio

Vejo
Do meu olhar turvo
As sombras desvaido meus desejos

Ouçó
No gelado chão de rua
Gemidos do meu próprio devaneio

Sinto
Na minha dormência
Os últimos suspiros de desalento

Sinto
Da minha desdita
O socorro que me recolhe em morte

Alma Cativa

Cativa minha alma cativa!

Quero viver, oh! sorte!

Não me liberte, oh! morte!

Vida Substantiva

Podia lhe dar um boa noite, um beijo talvez...
Jogava conversa fora, lá fora, estava por aí...

Um pretérito imperfeito pode ser prenúncio de um futuro mais que perfeito...
Assim o amanhã seria meu melhor presente
E o outro amanhã do porvir do tempo infinito teria histórias de um passado perfeito
Em tempos verbais diversos
De ações diversas
Na incessante busca de adjetivos que correspondessem com a felicidade!
Vida substantiva!

Podia lhe dar um boa noite, um beijo talvez...
Jogava conversa fora, lá fora, estava por aí...

Poemas

Li um poema que me fez sentir música no silêncio, em rimas de fazer o instante esperar, de palavras de final feliz desde o início, com emoções de melodia e noite...

Li um poema que me fez gargalhar sem sentido, com verso ao avesso e distorcido, brincando comigo com insanidades de luz e sensações de criança...

Li um poema que me trouxe o dilema, que soprou o problema e riu solução, sem destino desenhado mas riscado nesse chão de trovas e expiação...

Li um poema que me fez tocar o sol sem a rima, fez todo o espaço ser minha presença, fez-me o próprio firmamento a contemplar com estrelas distantes...

Li um poema que me fez rezar, fez distração de figuras com minhas sombras, dos meus passos ritmados fez percussão em orquestras inteiras sem partituras...

Li um poema que me fez recitar sozinho o universo em alinhô, que tocava minha alma tirando notas eternas da sinfonia de Deus, fazendo estrofes de mim.

Calos

A dignidade no calo das mãos
Do trabalhador de vida rude
É para mim uma lição

Lição também é o calo dos pés do viajante
Andante desbravador de caminhos
Para si e para tantos

Calo dos pés do caixeiro
Ambulante de esperança
Que também ensina

Dos pés da bailarina na ponta
Quase saindo do chão
Calos da arte!

Calos da vida que grita
Reproduzindo ecos
Calos que doem, mas edificam.

Calo!
Apenas voluntariamente!

Lua

Gosto quando brilha
E quando de mim se esconde faceira
De brincadeira
Nessas voltas que o mundo dá...

Quando se camufla nas fartas sombras do meu ser
Fantasia-se, percebo-lhe sem dizer
Sem nada escrever
Elipse, eclipse...

Gosto desse tapete de estrelas
Amplidão de beleza infinita
Da passarela em que orbita
Divaga, divaga-me, arrebatá-me o eu...

Quando despida da luz se insinua
Vejo sua silhueta e o despertar do desejo
Ansiando sua tangência nua
Renova-me sonhos...

Gosto dessa grandeza, da sua exaltação
Da fartura do cio, das marés
Do lumiar do seu clarão
Quando cheia no meu horizonte...

Quando no solo do seu esplendor
E na alma do meu terreiro
Saúdo São Jorge guerreiro
Padroeiro do nosso amor...

Gosto quando brilha
E quando de mim se esconde faceira
De brincadeira

Nessas voltas que o mundo dá...

Um revoar de pássaros

Um revoar de pássaros é o desenho da liberdade em movimento...
Um desenho que nunca pausa...

A palavra vive no sentimento que persiste, ainda que triste...
Pode sorrir poesia ou declamar sem rima dores em silêncio...

Vejo nuvens de temporais no horizonte cinza a realçar o arco-íris...
Trovões e relampejos prenunciam o fim da sede...

O som não se vê, nem o sabor ou o saber, no breu tateio de olhos fechados...
Mas sinto a beleza e graça das cores da sua aura...

Perceba os sons coloridos, dons sonoros, tons de almas...
Muitos versos em universos únicos desses múltiplos planos de toda vida...

Um revoar de pássaros é o desenho da liberdade em movimento...
Um desenho que nunca pausa...

Nuvens

Nuvem,
Sonho límpido
A vida em sopro d'água
Substrato do divagar
Imponderável, etéreo
Fantasia no céu
Desvario de um rio
Desdobramento de um mar
Abstrato, vago
Stratus de um lago...
Depois de sonhar
É nimbus, limbos...
É torrente...
É nuvem com pé no chão
É chuva
Água com alguma razão
É chuva
Molhando o torrão
É freático esquecimento
E de repente
Nova nascente
Com espírito fluente
A evaporar...

Guardião

a minha casa é o destino
não tem limites, não tem parede
é aconchego, não é prisão
nas ruas me encontra em proteção
na cruz do Cristo mato minha sede
nas encruzilhadas sou contra maldades
a minha casa é o destino
nessas janelas que não têm grades
ficam abertas à liberdade
são sem contornos não têm molduras
desfaço demandas de toda paragem
protejo o caminho, faço passagem
a minha casa é o destino
e o firmamento de muitas alturas
é o meu teto, é meu abrigo, é céu estrelado
com sol, com a lua, é um lar destelhado
mas sigo cantando, eu sou soldado
seguindo com fé, fico a seu lado
a minha casa é o destino
é o chão onde piso, trabalho com fé
sou trabalhador de nome qualquer
minha falange é de guerreiros
de vários nomes e tantos terreiros
sou servo de Deus, exu, justiceiro
a minha casa é o destino

Rebeldia incontida

Uma rebeldia incontida...

Diziam a ele: você não pode viver livre, sua casa é gaiola...

Diziam a ele: você não tem capacidade de voar!..

Diziam a ele: você deve apenas cantar...

Dizia ele: eu determino minha liberdade, não aceito grades!

Dizia ele: tenho asas! E vou embora! Voo...

Dizia ele: faço meu canto mudo sem os céus...

Ele conseguiu escapar, mas lamentaram sua morte...

Ele ganhou os céus, mas não o viram voar, pois não tinham horizonte...

Seu canto chegava apenas na alma daqueles que revolucionaram o próprio mundo com a sensibilidade e a verdade que fizeram o cego ver, o surdo escutar, o paralítico levantar, o homem voar...

Enquanto isso, há quem lamente o silêncio da gaiola vazia...

Fragmentos

Fragmentos

De silêncio

Quebrado por íntegro som

Anúnciação de uma partida

Dores de minha parte

Quebra-se, reparte

Um parto, um aparte

Nesse mundo de ida

De espera, de volta

Nesse mundo de ida

De esperança ou revolta

Um silêncio que se quebra

Um grito que se dobra

Uma palavra que se verga

Promessa que se cobra

Integridade que se vai

Em tantas partidas

Remendos de vidas

Fragmentos

Pedaços de mim

quebra-me integralmente
em pedaços que me caem
esparrama-me pelo chão e pelos ares
decanto-me em canto a canto, e sigo o vento
sou levado e sou regado, vejo mares
germino em todo canto de instrumento
sintonia dos afetos que me atraem
espraiando-me jubilo o momento
sou errante, não dependo de pilares
sou poeira dos astros do firmamento
ganho os mundos sem destino e sem pesares
quebra-me integralmente
em pedaços que me caem

Súplica do seu poema

Nesse meu clamor, rogo-lhe a vida!
Meu sopro de vida é seu olhar
É a criatividade que você renega
Uma derrota não se projeta
Meu existir depende do seu ar
Preciso do seu fôlego
Da sua ofegância, da sua ânsia
E do suspiro da brisa da esperança
Ainda confio em você, mesmo trôpego
Indeciso em dar o passo, sôfrego
Sangrando ainda sua ferida
Mas nesse meu clamor, rogo-lhe a vida!

Ou o sol perderá um pouco o brilho
A lua sempre se mostrará escura
O coração em pleno amor vai parar
As notas fugirão dos acordes
Uma melodia gemerá em tom de dó
O brinquedo da criança parará de sorrir
O relógio perderá a fé no amanhã
E o amanhã não mais aurora
Ao chão se retirará o céu
A mim se negará o verso
Sua poesia será abandonada, sem rima
Café com pão virará descarrilho

Não seja o algoz da minha desdita
Lembre-se de quem você é:
O maior amor de um alucinado
A sanidade que abraça as estrelas
As fantasias de vida bandida
A santidade que se alastra em fé
A ficção de um malvado

A perfeição das canções refeitas
A prece são de plena cura bendita
O herói e o anjo com harpas e trombetas
A prosa contente com a fruta no pé
O pássaro veloz em vôo de partida

Lembre-se de suas proezas
Das certas incertezas
Das coisas impossíveis
Das palavras inventadas
Dos paladares das crianças
Das musas e malabares
Das cores dos invisíveis
Das guerras e outras danças
Das nuvens garimpadas
Nas profundezas dos mares
Dos risos de palhaços e princesas
Lembre-se das suas proezas

Veja o que diz um profeta, com seu lema:
Da loucura sem saudade
E da reluzente escuridão
Não surgirá o refrão
Ou mesmo a prosa poética
O conto do drama ou da liberdade
Nem a precisão de um repente!
Sem a narrativa profética
Do derradeiro expoente
Morrerei em poesia, sem verdade
Peço-lhe, pois sou fascinação
Sou criação, sou seu poema!
Não deixe de ser poeta!
Nesse meu clamor, rogo-lhe a vida!

Caminhos da minha terra

Caminhava por mim
Por minhas estradas
Pelos caminhos dos ouros
Dos tantos tesouros
Caminhos das brisas, das alterosas
Das minas d'água
E montanhas rochosas
Por minas de ferro e diamantes
Por noites amantes
Caminhava por Minas
Caminhava na serra
Serra do Curral, da Piedade
Caminhava por minha cidade
Pelo Belo Horizonte da minha terra...
Minas são tantas...
São tantas Minas... Minas Gerais!
Da minha terra, com belo horizonte
Caminhos distantes, longe
Onde já não me alcanço
E ainda assim me encontro
Pelos atalhos
No cotidiano, no momento
Nos retalhos
Retalhos das memórias
Nos detalhes do tempo...
Em retratos da história...

Amizade sem limites

A amizade é um tanto quanto sem limites...

Espaçosa, se avizinha, vai entrando, achando que o coração é sua cozinha, sua sala de estar, que é seu o leito íntimo, quer estar e quando menos se espera torna-se a própria janela, o sol, a paisagem, o céu...

Agora está aí o coração, com a ordem que conheço invertendo, agora está aí, o coração em si me contendo, sem limites, no entanto, deixando-me livre, portanto, numa lógica além da minha razão...

Graciosa, expargindo o éter, defumando o coração em cada canto, no ritmo cantado do ponto, em toda melodia, em tons das estrofes de verso da poesia, em magia a amizade refaz do meu recanto o próprio universo...

Agora está aí o coração, muito além do peito, na transcendente revelação, agora está aí o coração, imponderável, amando sem dimensão, ainda que o defeito, mais afável, pulsando o espírito em expansão...

Coisas dessa amizade que é um tanto quanto sem limites...

Frios longos

Frios longos
Noites longas
Dias curtos
Inverno verão...
Vida estreita
Reza-se a seita
Da turva visão...
Segue-se a luta
Sem cobertura
Sem cobertor...
Da vida dura
Da criatura
Que ara a dor...
Cria-se a crise
Dessa marquise
Calor da gente
Vida cogente...
Fé e os aprestos
Afetos de restos
Largados no chão...

Seu nome

Um enigma...

Pronuncio seu nome!

Mantra da vida

Que ecoa em som melodioso...

Quebra o silêncio

Em fragmentos impossíveis

Quedando-se inerte

No tempo raro, precioso ...

Inebriante átimo

Que parece a eternidade

A recitar meu destino

Numa brevidade

Para sempre

...

Silêncio

Silêncio!

Quando o silêncio se faz, escuto...

Quando o silêncio escuto, faço-me!

No turbilhão do mundo, luto...

Luto-me!

São tantos os sons sem paz

São tantas palavras em vão

São vazios sem sorte

São barulhos de cada morte

São insistências sem cais

São naufragos da ilusão

Quando o silêncio se faz, escuto...

Quando o silêncio escuto, faço-me!

No turbilhão do mundo, luto...

Luto-me!

Silêncio...

Composição

Olhe-me, faça-me boa leitura
Traduza-me livre e sem nexos
Deguste-me em cada letra no seu verso
Extasie-se no gozo da minha rima
Sua harmonia excitante me anima
Componha-me com fervor e com ternura
Musique meus contornos com fantasia
Pela sintonia das minhas linhas de poesia
Então, recite-me a alma
Ressaia-se comigo por aí
Despenha-se em minha cantoria
No ritmo fremente desse ir
Em todo néctar da melodia
Sua regência me acalma

Sereia de Jardim

À toda formosa flor de perfumada pétala
Não se oferece o malmequer que afasta
Graciosamente se oferta a vida do ar da graça
A propulsão interior, mantenedora da célula
O original respiro, o encetado sopro
Hálito de nutrição do iminente broto
Gênese do primoroso esplendor
Protuberância esbelta em expansão
Já bela, inspiradora de canção
Regiamente fluindo o pérfido olor
Ópio entorpecedor, estonteante
Musa menina com cantiga delirante
Valsejo expurgando no ar o delírio
Sereia de jardim, quase maldita
Perturba sua fragrância o meu brio
Qual feromônios de proestro, um cio
O broto insinuante ao olhar é um colírio
Insidiosamente se faz suave veludo
Nas pétalas excrescentes em tom rubro
Tom de cor da paixão, tom que é minha sina
Sina que despreza a morte, carma que fascina
Do broto saliente de toda a saliência
À flor fatal que me encastela na opulência
Da sua luxúria que me faz dobrar genuflectido
Na ânsia por satisfazer um desejo sem sentido
Num arrebatamento magnético insano
A rezar grato por esse prazer hipnótico profano
Quedando-me na inércia nesse feitiço consentido
Enquanto isso, no cárcere dessa fantasia
Em sensação de trova de amor impossível
Platônico amor, amor candente, imperecível
Nessa obsediosa trama de fascinação me perdia...

À toda formosa flor de perfumada pétala
Não se oferece o malmequer que afasta...

Tempo sem regresso

Choro de menino...
O tempo passa!
Meu tempo ainda menino,
Em gotas do oceano que represado
E me afoga, transborda...
Tempo sem regresso...
Pelos sulcos de minha face
Doída dessa ida,
Escorre-me o rio da vida...
Rio da dor e do lamento
Rio da maldade
Rio do alento e realento
Rio da esperança
Rio da noite clara e da alegria
Rio da lembrança
Rio da verdade, rio do dia
Pelos sulcos de minha face,
Rugas da criança em desalinho...
Meu tempo ainda menino...
Pelos sulcos de minha face
Doída dessa ida,
Gotas do oceano que represado
E me afoga, transborda...
Tempo sem regresso...
Choro de menino!

O simples poeta

Há liberdade quando se escreve...
Quando me livro!
Mas escrevia com amor
A alegria se refazia
A simplicidade repercutia
A poética era o desejo
E colhia esperança
Escrevia errado, mas não se continha
Cadê a vírgula? Sobrava o sinal
E se esquecia do ponto final
Mas escrevia com amor
Palavra por vezes errava
Às vezes ela nem mesmo existia
Mas versos ainda lançava
A alegria se refazia
A rima era seu sonho
Até lhe faltando o sono
Sonhava mesmo acordado
A simplicidade repercutia
Um poema assimétrico
Fora do padrão estético
Não se encaixava, não se media
A poética era o seu desejo
Publicava seus poemas, sem jeito
Não temia o preconceito
Desbravava inocente sua 'ignorância'
E colhia esperança
Dizia-se poeta, e assim se fazia
Emoção latente em letra ausente
Lúdico suspiro do encanto
A poesia já era seu manto
E hoje é o que vejo, e não são poucos
Muitos eruditos vaidosos, moucos

Estéreis com sua indolente rima
E ele era só esse anseio que fascina
Mas ele aprendia, se superava
Escrevia e admirando mostrava
Poema não é somente erudição
Antes, é um querer com emoção...
Antes, é um querer com emoção...
A poesia já era seu manto
E ele era só esse anseio que fascina
E colhia esperança
Há liberdade quando se escreve...
Quando me livro!

Carta a um amigo

Amigo!

Convém lhe dizer que o pão que dividimos se multiplicou.

Que a água cristalina agora jorra em cascata.

Creio que tenha percebido que a fome e a sede foram abrandadas e podemos ser fonte de inspiração para os famintos e sedentos.

O banquete em que se transformou o pouco que era escassez é algo admirável!

Nosso recíproco bem-querer foi o fermento da transformação, o cuidado contínuo que da divisão fez soma, subtraindo carências, multiplicando afetos. Encorajando-nos a outros afetos. Expandindo nossa humanidade.

Companheiro, obrigado por ser comigo caminheiro, irmão!

De mãos dadas podemos ser multidões, espelhos mútuos para retoques constantes, ser o próprio pão a se doar, multiplicando-se como alimento da vida, sendo a própria água a jorrar, refrescando corações.

Contigo me encontro! Sozinho me perderia nos caminhos de mim mesmo.

Gratidão por ser meu amigo!

Novo porvir

quero de novo o porvir
o infinito impossível abraçar
o limite que se descinge liberto
pois nada que prende é afeto.
amor dessa alma partida
é que fica...
em todos os descaminhos
do destino a estrada se faz
escolhas da vida que erra
raízes soltas da terra
desse venha, dessa volta
dessa ida, ou revolta
tudo que se descortina agora
incompletude que não se escasseia
anseios de sabedorias, arcanos
de tantas dimensões e planos
universos ao raiar do dia
e em toda noite...
quero de novo o porvir
o infinito impossível abraçar
o limite que se descinge liberto
pois nada que prende é afeto.
amor dessa alma partida
é que fica...

Noturno sentimento

Silencio

Na calada da noite

Solidário à madrugada...

Em noturno sentimento

Reflito em tela escura

A timidez luzente

Dos rastros das estrelas

Em distante brilho...

No espelho turvo

Do meu ser

Percebo medos

Reconheço coragem...

O universo em mim se expande

E meu peito inflama o firmamento

Na tormenta do movimento

Em contraste com a paz

Que de mim se esconde...

Solidário à madrugada

Na calada da noite

Silencio

Signos

Querer gritar e não ter qualquer palavra com mínimo significado

Querer dizer e não perceber sentido no sentimento que calo

Querer calar e em vão murmurar discurso vazio enquanto falo

Querer prosear mas não ter assunto, caminhar junto, mesmo calado

Entoar uma canção, se cantador, mecanismo do verbo sem palavra, dizer melodia...

Escrever um verso, se poeta for, artimanhas das diversas letras em metáfora de fantasia...

Criar desenhos de tintas, disformes, conformes, abstração da sensibilidade colorida...

Se bailarina, bailar canções e versos ou flutuar no silêncio em harmonia, em rebeldia...

Signos que oferecem caminhos e rotas, muitas fugas, ressentimentos, desencontros, muitos escombros, escombros...

Signos que favorecem carinhos, muitos tons e notas, abraços e lutas, muitos encontros, amor de afetos e ombros, ombros!

Trem bão!

Trem! Trem bão!
Trilhos de ferro, caminhos que levam!
Levam e vão!
Levam e vão!
Levam e vão!
Vou vagando em vagão!
Vagando em vagão!
Ritmo!
Ritmo!
Ritmo!
Harmonia em percussão!
Batida monótona, então não é o coração...
Paradas, paisagem, reflexão!
Tempos em tempos, cada estação.
Vidas nas molduras das janelas...
Lá vão elas...
Lá vão elas...
Lá vão elas...
Vidas que passam, diferenças de cada chão.
Paradas, passagem, introspecção!
Há vida nos limites de cada vagão...
Pensamentos cá de dentro... cá de dentro...
Lá fora contemplação!
Contemplação!
Contemplação!
O destino lá na frente!
Lá na frente!
Lá na frente!
A beleza da vida se sente...
É um ir até lá!
Ir até lá, vão-se... vá!
O mundo é a vida em um vagão!
Viagem! Vida! Trem! Trem bão!

Trilhos de ferro, caminhos que levam...

Levam e vão!

Levam e vão!

Levam e vão!

Vou vagando em vagão!

Vagando em vagão!

Ritmo!

Ritmo!

Ritmo!

Harmonia em percussão!

Trilhos de ferro, caminhos que levam!

Colírio

Preciso de um colírio, de um brilho, das cores que criam alívio à minha visão opaca, que adornem meu coração de muitos ritmos com valores e ardentes amores e dê ao paladar originais sabores...

Preciso de um colírio, de um brilho, da luz a me mostrar as trilhas das estradas que nunca pisei, e tantas outras que errei, que me faça transeunte do desconhecido, dos mistérios que não sei...

Preciso de um colírio, de um brilho, da coragem a me tirar da inércia, da viagem sem qualquer pressa, dos caminhos sem sinais, das estradas vicinais, dos matos e das montanhas; das entranhas da existência, ter ciência...

Preciso de um colírio, de um brilho, de enxergar um palmo a mais do universo do que sou, do espaço em que estou, do tempo do porvir, de ir e me perder sem medo de me encontrar, de amar, de amar, de mais amar...

Eu e o tempo

O que deixo de mim
Nesse tempo que passa e não espera?
Eu fico, o tempo passa...
Fico com ele?
Ele me leva, o tempo passa!
O que deixa o tempo de si
Nesse Eu que passa e não espera?
O tempo fica, eu me vou...
Fica comigo?
Eu levo o tempo, sou Eu quem passa!
Estações do tempo, lembranças...
Estações de mim, lembranças...
Verão de mim o que deixo aí para todos, verão;
Frieza do meu toque, inverno que não mais existe;
Perfume de flores, pétalas, sonho da vida que persiste;
Folhas que caem do outono do meu viver, reflexão, adubos do meu chão!
O que deixo de mim
Nesse tempo que passa e não espera?

Um olhar para sempre

Seria apenas um olhar
Um singelo olhar pela janela
Uma cidade, visão de casarão
Mas lá estava ela
De repente um ponto estático
Eram dois olhares, única visão
Entre dois pontos, um despertar
Uma eternidade num olhar
Um universo, um átimo
Uma ponte, uma estrada
Tempo parado... fizemos a travessia
Aquele olhar foi a primeira poesia
Uma reciprocidade, uma sintonia
Enxergava a batida do seu coração
Era melodia, era canção que se fazia
Sua aura cintilava perfume de emoção
Lá estava ela, estonteante, bela
Escultural, musa de artista em tela
Beleza em tangência que serpenteia
Alucina, fascina, prende, apeia
Mas lá estava ela, para sempre
Eu fitava seus olhos, o mundo parava
Cabelos negros cacheados, anelados
Pele doce, veludo em clara negritude
Lá estava ela, para sempre
Desejava seus anseios, seus anversos
Seus lábios me pediam, calados
Sonhava ela em contornos, em virtude
Continua ela a me olhar, para sempre
Eu a olhava, desejoso do seu ventre
Sonhava para sempre, e algo ainda peço
Que nosso amor seja eterno nesses versos
Não piscava, era o medo, medo de lhe perder

Não desviava o olhar, não ruiria nossa ponte
E hoje só há saudade ao longe, no horizonte
Um horizonte carente do seu resplandecer
E como pode ser tão infinita uma brevidade?
Acredito que muitas vidas viverei e já vivi
E ainda é vida meu olhar para ela, não morri...
É vida de encarnação o olhar dela, é verdade...
Aquele instante ainda é o meu presente
Ainda vivo sem o tempo essa semente
Gérmen de amor em lembrança
E em cada sonho é devaneio de esperança
O olhar continua como uma vida, na mente
Na mente errática ansiando a reencarnação
No pulsar de todas as minhas vidas,
Amor dos tempos, guardado no coração
Lá está, em quânticas existências unidas
Destino na transcendência que se cumpre
Mas lá estava ela...
Todo o carma num olhar, para sempre...

Divagar

Divagar e sempre...

Para todo o mundo
Ser nesse segundo

Para todo segundo
Ser a eternidade

Para toda a eternidade
Ser o meu mundo

Para todo o mundo
Ser a eternidade

Para toda a eternidade
Ser nesse segundo

Para todo segundo
Ser o meu mundo

Para todo o mundo
Ser a eternidade

Divagar e sempre...

Palavras para se cumprir

Feitor das minhas desilusões,
Clamo por um breve momento,
Bálsamo para o ressentimento.
Ergo a cabeça e tenho o horizonte...
As feridas não lamento,
Estímulos são os incômodos.
Sinal da reação, levantar é ressurgir o alento.
Punhos cerrados da luta...
Poderio que não me acovarda,
Na peleja desse fronte.
Dos asseclas do covil, sou contra todos.
Da escuridão me escudo
Com a espada de luz que não tarda.
Há sangue derramado, devastações.
Segue a guerra, a disputa.
Dos quadros da conveniência
Figuras das mentiras, indecência
Das molduras sem verdades.
Heróis das falsidades,
Da história sempre há registro
Malicioso, destacado com grifo.
Oficial história de mitos.
Armas da deslealdade,
Ainda assim no curso do tempo
Há de surgir o realento.
Em que pese tantos proscritos,
Vítimas da desigualdade,
Da opressão e poder da maldade,
O amor há de prevalecer!
Das sombras do complexo humano,
Do mais santo ao mais perverso e obtuso,
A virtude há de resplandecer.

Porém, há um entretanto!
Para a efetiva conquista esperada,
Para o império da verdade aclamada,
Das lutas não podemos fugir!
Das ações de transformação somos atores,
Somos vozes e somos marchas, portanto.
Palavras para se cumprir!
Fé, união, liberdade e entendimento,
Na luta por nossos valores,
A felicidade é o sacramento!
19/02/2019

Destino

Pai, por que me abandonaste?

Um silêncio profundo, escuto a paz quando me aquieto do mundo.

Uma tormenta imprevista que me arremessa na reflexão involuntária e intimista, reflexão que me direciona o alvedrio e se faz vela de direção nesse mar bravio.

Diante do espelho, o reflexo me favorece o reparo, o nexo, equilibra o plexo, simplifica o complexo...

Nas profundezas em que me toco, em meio às distorções da luz e da sombra que me tiram o foco, uma multidão de mim de repente me assusta e, em desatino, esboço uma fuga...

Mas sou impedido pelas correntes de caráter inexorável, com cheiro de uma mistura dos tantos eus que me saliva a boca, com gosto ainda um quanto impalatável:

O faminto é o cativo da fome!

Invisível esquecido de nome!

Sorvendo dor, carente do amor...

Se é alimento, degusto alheio ao sabor...

Quase sem esperança, rebatendo-me à procura do fôlego, a fé se faz a tábua que me mantém à tona, mesmo trôpego, garantia da minha salvação...

Só assim percebo que meu coração é tomado, de um esplendor da sensação que me parece impossível é arrebatado! Ímpeto rumo à luz, qual a planta prescinde da razão!

Como posso de fora observar pela janela a dentro a própria providência infinita?

A ignorância orbita!

Como posso de fora ver em meu interior toda dimensão sideral?

Inconclusões, enigmas transcendentais!

Arcanos, dilemas metafísicos, existenciais!

Olho para baixo e vejo dor, vejo discórdia, futilidades, rugas e lutas vãs, gente aflita...

A escuridão grita!

Alvorço infernal, malsão, bestialidade das sombras, despenhadeiro abissal...

Inconclusões, enigmas transcendentais!

Arcanos, dilemas metafísicos, existenciais!

Ergo a face e me deparo com o eloquente chamado do horizonte indefinível, onde nasce e onde se põe o sol e de onde surgem todos os astros, as estrelas e constelação, sempre adiante de mim, imponderável, inspirando-me, acalentando-me o coração...

Olho para o alto e nada enxergo, tudo se espraia, tudo se esvai... Mas escuto ecos das dúvidas do meu eu humano, sinto um certo abandono, cão sem dono... Devaneios tolos, ilusão da criança no seio da mãe, no colo do pai...

Por que me abandonaste?

O desconforto promove movimentos, um soerguer, a necessidade precipita ação, reação, os desafios instigam todos a querer sobreviver, a querer viver...

E viver é seguir a viagem contemplando a paisagem, caindo e reagindo, ignorando o destino, provendo-se nas paragens....

Talvez escolha seja sinônimo de vida...

Talvez a provisão seja a fé rediviva...

Sempre haverá um abismo a lhe enfrentar o olhar, a lhe chamar para a queda que também é uma andada, é caminhada, que se pode contemplar, pode-se aproveitar...

Mas na dúvida, sugiro agarrar-se à fé, sem medo do caminhar além, avante, mesmo não vendo o horizonte, sem temor ao que possa ser, ao que possa vir, ao que é, ao que der e vier...

Enquanto não se constrói a convicção de poder voar sem as dúvidas que o medo fazem ressoar, sem o receio daquele que lhe agride, sem a sensação de abandono que aflige.

O céu também é uma jornada, em ti se decanta e faz sua morada, enquanto o destino é o próprio Deus que está em toda estrada, estrada que faz chegar... Destino é Deus que está em toda parada de descansar...

E em toda parada de refazimento, de reabastecimento, é o próprio Deus que está no olhar do outro e em seu coração, que está aqui e ali, na poesia e na canção ou na ausência do som, silente, Deus

é onipresente...

O destino é Deus em seu pensamento,
Em toda inspiração, em toda a verdade
Destino é amor, sopro de vida, criatividade
Deus é amor em arrebatamento...

O destino é a criação!
Afirmção da divindade!
É solução!
É a pergunta e a resposta!
É o resgate! É a recolta!
É a chave de tudo que não se sabe...

Por que me abandonaste?

Um silêncio profundo, escuto a paz quando me aquieto do mundo.

Nesta hora de sempre

Nesta hora de sempre

Não lhe roubo
o segundo

Nesse instante
fecundo

Faço do cárcere
o mundo

Nesta hora de sempre

Lua Mediúnica

Lua bela! Céu romântico de lua cheia
Lua cheia de sol, a clara lua o céu prateia
Ocaso do dia, foi tarde, jaz o arrebol
Dia se fez noite, acabou-se, morte do sol

Esplendor do céu, ilusão do véu
A lua traz luz, mensagem do céu
Em carta do outro lado, de onde já é dia
Demonstra que a morte é mera fantasia

Céu sagrado, estrelas, uma noite única
Que se contempla reverente, genuflectido
Atento ao espírito do sol que é refletido

Na revelação do além, por lua mediúnica
Que profetiza a vida eterna de amanhecer
Em que o sol ressurgue em novo alvorecer

A lágrima

Do meu interior
aforrada flui
precipitada
escorrendo na face
cheia das memórias
aos olhos saltadas
a lágrima
memórias da palavra emudecida
da vaga lembrança da infância
da indignação contida
da emoção do filho que nasce
da saudade sem motivo
do que foi perdido
em erosão do tempo
pelos sulcos das histórias
rastros que me perseguem
aforrada flui
precipitada
escorrendo na face
a lágrima
Do meu interior
aforrada flui

Liberta-me

Liberta-me daqui, oh vida!

Livra-me de toda desdita
Dessa guerra maldita
Das dores e das agruras
Dos gostos de amarguras
Do vício que arrasa
Da ignorância que atrasa
Da ilusão deprimente
Das amarras da mente
Do ego pomposo no altar
Daqueles que estão a me assaltar
Das mortes calculadas nas tramas
Das negociatas, dos lodos, das lamas
Do prato servido sem pão
Do vazio de cada mão
Do açoite em quem labora
Das trapaças desta hora
Da mordança a quem grita
Da falta da fé bendita

Liberta-me daqui, oh vida!

Queria ser uma manhã!

Vi minha imagem no espelho
Sorri, corri, acenei
Fiz careta, estripulia, brinquei
Sem limite, sem relógio
Sem limite do que é lógico
Ilógico, lúdica diversão...
Ainda era manhã...

Agora vespertino no espelho
Minha beleza admirei
Os contornos, a silhueta
Planejei, ignorei, sonhei
Sou letra, tinta de caneta
Insanidade, informação
Era entardecer...

Sem apuro no espelho
O reflexo me fitava, me olhava
Um olhar sem tempo, deslúcido
O desânimo penetrava
Desgosto, paladar insípido
Vida acinzentada, desilusão
Já demais entardecido...

Noturno vulto no espelho
Irrefletido, enfadado, não luto
Opaco, extemporâneo, atrasado
Distante esperando, reluto
Inerte, com relógio, limitado
Sem imagem, sem reflexão
Era já anoitecido...

Queria ser uma manhã...

Oculto semente

Na terra e no chão
Era oculto semente
Quando não de repente
Além do que se via
A vida surgia
Erguia-se em silêncio, lento
Natureza do tempo
Romper da vida, o brotejo
A toda vida o cortejo
Folhas de se viver
Folhas de escrever
Fruto fresco
Caroço seco
Era oculto semente
Na terra e no chão

Mato! Desmato!

Mato! Desmato!

Mata! Desmata!

Não é poesia de flores

Imagens de horrores

Memórias de tantas dores

Lamento dos meus amores

Mata! Desmata!

Mato! Desmato!

Tempos de pouca poesia

Minha casa coração, versos de uma canção em tempos de pouca poesia;

Densidade no clima que retarda meu abraço, me evita o passo, precipita-me o choro, embarga-me a voz;

Visgo da revolta que não afina a razão, cegueira da paixão das tropas, dos muitos em carreira com sua prepotente convicção, loucura da coerência;

Em cores pintadas para a sensatez, bizarrices da pseudo sabedoria, arte abstrata da estupidez, produto insano;

Rimas caladas por maioria risonha, minas camufladas em campos verdejantes, alegria bisonha, dor eufórica;

Terra seca, mata no chão, mata no chão, outorga sem reservas, sem opinião, canto mudo de pássaro sem voo;

Minha casa coração, versos de uma canção em tempos de pouca poesia...

O elixir mitológico da cura

Diante da proeminência de um novo medicamento em Madagascar, obra de uma misteriosa profeta brasileira, tão milagroso como a prestigiosa Cloroquina, o governo brasileiro firmou parceria com o presidente malgaxe Andry Rajoelina, para juntos curarem o mundo.

A intenção do governo é ser referência regional e exemplo mundial em medicação alternativa e tecnologia subcientífica, o que viabilizaria o desenvolvimento nacional e fomentaria o ressurgimento da Alquimia, com suporte do conhecimento astrológico olavista para o devido fundamento filosófico, gerando benéfica concorrência que favoreceria o mercado químico, bioquímico e alquímico.

O entusiasmo do presidente brasileiro é evidente, com foco no reconhecimento internacional e geração de empregos:

"Tem tudo para dar certo, táôquêi, a cloroquina já é medicamento que existe e pode ser tomado por qualquer um, visto que não é sempre que mata, e com a parceria com Madagascar e a substância deles que vem dando certo, vamos acabar com esse vírus aí facilmente. Afinal, cloroquina rima com Rajoelina, e isso já é um bom sinal (risos)."

O presidente brasileiro ainda afirma, causando mal-estar e indisfarçável ciúme na ministra da abstinência sexual, que a vaga do Ministério da Saúde está sendo preservada para a brasileira profeta misteriosa responsável pela descoberta do substrato essencial natural medicamentoso que se tornou a solução de cura em Madagascar e que poderá ter potencializado os efeitos mediante combinação dos seus elementos com os princípios ativos da Cloroquina, transformando-se no elixir da vida, segundo deduz o próprio presidente da república, com base em sua cércea experiência militar.

A profeta misteriosa brasileira deverá ser anunciada com pompas como a nova Ministra da Saúde em grande evento em Brasília, com farto churrasco na esplanada, no próximo final de semana.

Até a publicação deste texto, o governo de Madagascar ainda não havia respondido sobre a eventual presença do seu presidente Andry Rajoelina ou de algum representante daquele país na solenidade de anúncio da nova Ministra da Saúde.

Trabalhador de nome qualquer

Piso contigo o chão,
seu passo é sobre minha pegada.
Faço ponte, quebro corrente, abro estrada,
sou escudo de proteção!

Faço guarda sou guardião,
sou filho, sou pai, sou menino,
sou trabalhador de nome qualquer...

Deus é quem manda,
Sigo vencendo demanda...
Sigo o Cristo, sou testemunho de fé!

Abro caminho...

Piso contigo o chão,
seu passo é sobre minha pegada.
Faço ponte, quebro corrente, abro estrada,
sou escudo de proteção!

Faço guarda sou guardião!

Sou trabalhador de nome qualquer.

O que é a chuva?

o que é a
chuva?

é
a

n
u
v
e
m

querendo

um pouco de chão!

De repente

Não se vê
É como semente
Que quando desperta
É de repente

Uma palavra
Sem avisar surge
Na mente uma palavra
De repente

É o brotejar
Suspiro da vida
Vida a discorrer
Vida até morrer
De repente

Do mundo
De tudo o que se leva
No peito se encerra
O que não se enterra
De repente

Vem uma frase
Enraizamento
E algo se eleva
Do seio da terra
De repente

Do pensamento
Como que um sopro
De imaginação o broto
Vivo buscando o céu

De repente

Filha na Terra

Soprei-lhe aos ouvidos
Recitei meu nome
Para saciar sua fome
Para não esquecer
Espelho de se refazer
Fiz-me semente
Nasci, germinei
Sou sua tangente
Cresci, musiquei
Ao meu crescer
Minhas folhas, meu florescer
E as raízes, desde o alvorecer
Fizeram-se âncora de segurança
Em seu peito, cais da minha esperança
Ancoradouro da minha coragem
Para seguir viagem
Enquanto o céu me sorri
Esperando-me ir
Sou estrela escondida na luz
Desse amor que reluz
A essência pura
De doce candura
Sou seu amor próprio
Quase seu eu, o mais próximo
Sou expansão do seu universo
Sua rima, poemas, seus versos
Sou sua cadência
Sou sua essência
Sou sua essência
Sou sua cadência
Sua amiga astral
Filha na terra
Onde o amor se encerra

O existir transcendental
Para saciar sua fome
Recitei meu nome
Soprei-lhe aos ouvidos...

Cantiga

Cantiga de ninar

Me nina...

Sono a embalar

Sonho de embalar presente

Canto de encantar

Conto que me faz contente

Enlace de laçar

Enlace de enlaçar a gente

Conto que me faz

Canto de encantar a mente

Sonho a embalar

Sono de embalar presente

Cantiga de ninar

Me nina!

Hora incerta

A sombra do relógio indica precisamente a hora incerta...
Até quando esse tempo sombrio?
Tempo sem fatos, tempos irreais
As ideias não convergem ou não existem mais
Desencontros marcados, sem afetos
Encontros desmarcados, desafetos
Casa sem teto, coração arredio
Sem agasalho em dia frio
Enganos, desenganos, revolta
Miséria cercando em volta
A ira do grito nublado
Grito surdo, grito calado
Indigna indignação ordinária
Uma multidão solitária
Sem cor, dolorida
Uma multidão sem dor solidária
Em turvo cinza colorida
Tempo sem fatos, tempos irreais
As ideias não convergem ou não existem mais
Até quando esse tempo sombrio?
A sombra do relógio indica precisamente a hora incerta...

Cheiro de mato

Nesse silêncio da mente encontro sinfonia das folhas ao vento, dos pássaros e do meu coração bater sem margens de rotas, na frequência harmônica dos ruídos perfeitos da beleza bucólica a me envolver, sem barulhos mas com muito som da vida que me faz lembrar que também sou natureza...

Brisa fria de uma manhã fria, respiro profundamente... cheiro de mato... pés descalços, piso a grama de orvalho...

Imagino o que será o dia, sensação de tempo infinito do aconchego divino...

O sol aquece e conforta, a água do riacho sereno não revela sua força...

Sinto-me o mundo, sou esse sol, sou o vento, sou a água a correr, o gorjeio no mato, o mujido preguiçoso do gado sem pressa, o primeiro canto de despertar do galo no quintal, sou tudo que brota do chão, fartura na mesa, sou a quietude que revela esse universo do que sou...

Nesse silêncio da mente encontro sinfonia das folhas ao vento, dos pássaros e do meu coração bater sem margens de rotas...

Alma profana

Dos artifícios que a vida exclama
No percurso de uma alma profana!
Relevando o que seja ufano
Dos contornos do espírito humano.
Na escuridão garimpando o brilho,
A dedicação da mãe a um filho!
Das dores das quedas inglórias,
Do suor das lutas e vitórias,
O apreço das muitas memórias.
Das virtudes dos escritos,
Dos tantos versos proscritos...
Da fadiga ao final dos trilhos
E rugas de ano a ano,
A experiência de sábio decano.
Dos artifícios que a vida exclama
No percurso de uma alma profana...

Estranha Paz

Onde encontro estranha paz, encontro também uma suave, vivaz, imprecisa e enigmática sensação que não sei bem descrever...

Paladar de não sei o quê...

Talvez uma leve dor dessa paz que inova minha emoção, toca-me breve o coração, afaga minha aura...

Se for, é pequenina dor ou cor ingênua e clara...

Essa paz transcende minha compreensão, surpreende a ilusão, é vida, é plenitude da natureza em graça...

Prescindo o saber, vivê-la simplesmente me basta...

Da saudade que desconheço, resta esse aperto no peito, sem fim, sem meio ou começo, faz-me chorar sem lembrança, arcanos de cheiro aspergindo...

Idades em caminhos sem volta, vou indo...

Cálice que transborda ecos

Cálice que transborda ecos...

Metade do silêncio

Corta-me a voz sem meias palavras...

Desouvo perplexo toda a incompreensão

Dos labirintos diários...

Perco-me a cada encontro.

Encontro-me em cada perdição...

Palavras são ditas

Palavras que se vão,

Palavras em vão partidas

Signos indecifrados, cheios de vazios...

O resto do silêncio que me resta

É solidão de letras e números

Na expressão aritmética

Do não saber violento...

Metade do silêncio

Corta-me a voz sem meias palavras...

Cálice que transborda ecos...

O Errante

Deslizo-me pelo tempo...
Quantas vidas?
Quantas almas tenho?
Tantas estradas se alastram
Nos rastros do meu saber
Todas conduzem a um destino
Todas me foram caminho
Ainda me sinto menino
No aconchego de um ninho
Ainda ressinto um carinho
Nas trilhas de muita desdita
E tralhas de vida maldita
Bagagem do mal proceder
Respostas que se anunciam
Palavras que se prenunciam
Do caráter de tanto viver
Também foram benditos os passos
No percurso das vidas que arrasto
No curso dessa construção
Luz que me abriu as estradas
No fluxo de tantas jornadas
Ainda sem conclusão
Quantas almas tenho?
Quantas vidas?
Deslizo-me pelo tempo...

Vizinhos

Avizinha-me a dor
E convivo com ela ao meu lado
Sem amizade,
Sem afeto,
Mas com indisfarçável respeito.
A presença dela intimida,
Mas inspira confiança.
Prefiro deixá-la quieta,
Do outro lado da cerca.
Não a convido para tomar café.
Inflexível,
Não devolve a bola caída em seu quintal!
É quase indiferente
Faz-me cauteloso!
Avizinha-me o amor,
Com quem convivo bem e feliz.
Certamente é o próximo que amo
Como a mim mesmo.
Sua presença aquece meu peito
E acalenta meu coração.
Conversamos até tarde no passeio
Reunimos-nos vez ou outra
Jogamos, brincamos
Pede-me açúcar.
Dou.
Rega meu jardim quando viajo.
Cuida dos meus passarinhos.
Faz-me humano!
Convivo bem!

Sua presença nunca se esvai

Aponta-me a direção
Acolha-me o coração
Proteja-me, pai
Sua presença nunca se esvai

Bastava um simples olhar
Um afago, um sorriso
Ralhava se fosse preciso
Cuidado de muito amar

Inocente, via nele a perfeição
Pedia a camisa que ele mais gostava
Para eu usar quando crescesse
Aos olhos da meninice

Queria o corte igual do cabelo
Tocar violão como ele tocava
Emocionava-me sua emoção
Seu amor era por mim o maior zelo

Aos olhos da meninice
Inocente, via nele a perfeição
O modelo, o exemplo, o herói
Hoje sua ausência me dói

Aponta-me a direção
Acolha-me o coração
Proteja-me, pai
Sua presença nunca se esvai

Nas dimensões do tempo

Enquanto isso, nessa hora que não vivi
Além do passado em que morri
Na luz do futuro nasço
Já no crepúsculo, no ocaso
Do recomeço de um fim
Distante o presente de mim...
Onde estava quando mais lhe quis?
Nas dimensões do tempo em que de mim se esconde?
Enigma é o manto que lhe cobre a nudez
Entorpece-me a compreensão
Pavimenta a estrada da minha imaginação
Que decifra seus contornos com ou sem malícia
Alisando-lhe em carícia
Alcançando em toque essa abstração fugaz
Nesse tempo fantasia que me apraz...
Loucura talvez
Encontro-lhe onde?
Nas dimensões do tempo em que de mim se esconde?
Onde estava quando mais lhe quis?
Minha alvorada longe das tantas idas
Além do deserto da noite madrugada
Alcançarei em quantas vidas?
Em quantas mortes?
É minha criação na eternidade do céu em cada amanhecer...
É o raio do sol de todos os manhãs
É o embalo sempre que me vê nascer
É o beijo de saudade do mesmo entardecer
Enquanto isso, nessa hora que não vivi
Além do passado em que morri
Na luz do futuro nasço
Já no crepúsculo, no ocaso
Do recomeço de um fim

Distante o presente de mim...

Coração vago

Coração vago!
Sigo deserto...
Nada guardo!

Por aí divago a emoção
Afogo-me em lágrimas
E escrevo algo que alivia...
Traços de poesia!

Escorre-me sem graça
E ainda assim rio
Em percurso distante
Ao destino que se perde

Na imensidão de sal
Verte-se o instante
Ao encontro que abraça
Sem tempo, oceano

Afoga-se em lágrimas
Por aí onde divaga
A emoção que não se apaga
E nada guarda

No coração, ainda vago...
Escrevo algo que alivia
Traços de poesia...

Lutas

Lutas de todos os homens
Lanças, espadas e escudos
Livramento sigo sempre!

Ainda que mordanças me calem
Ainda que grilhões me aferrem
Ainda que grades me parem
O pensamento não é passarinho
Mas com asas de voo, vai indo...

Não se engaiolam ideias ou brisas
Nem se evitam o raiar dos dias
Amor é a liberdade
Do sonho de fraternidade
Imune a toda maldade...

O pensamento não é passarinho
Mas com asas de voo, vai indo...

Lutas de todos os homens
Lanças, espadas e escudos
Livramento sigo sempre!

Vaso do oleiro

O som melodioso da chuva
Dessa chuva que há muito não caía
É água que lava, é pranto sem sal
Fazendo lama, lamaçal

Fazendo barro de moldar em olaria
Retornando do pó, vaso do oleiro
Fazendo no barro vida, criação
Milagre, benção divina do obreiro

Ao Deus que estende a mão
Peço, ao cuidadoso pai amado
Peço, renova-me num novo vaso

Pois me fiz em mil pedaços
Após a desídia dos passos
Fluindo minha essência turva

Amanhã será um lindo dia

Amanhã será um lindo dia?
Mesmo celebrando-se a morte
Nessa longeva noite obscura?
Antecedida do escárnio, qual sorte?
Da carne e da alma a tortura
Da mordaça que cala
Que da boca impede a fala...
Amanhã será um lindo dia?
Que o vento da esperança ainda sopra
Mesmo com a truculência torpe
A lhe assassinar o alento,
Ou com a violência insana a lhe inspirar a brutalidade,
Mesmo se as anátemas da dor forem a rotina do lamento...
Ou que a estupidez indigna não reverencie a verdade!
Amanhã será um lindo dia?
Apenas se o raiar do sol estancar as sombras da obscuridade...
Amanhã será um lindo dia!

Nunca me vi

Nunca me vi
Talvez seja esse o enigma
Para viver uma digna existência
E expiar uma má experiência
Procurando-me espelho a espelho
Inspirado por tanto desejo
De decifrar-me todo, por inteiro
Meu temor ainda é perene, não é fugidio
A rebeldia me faz um ser arredio
Ainda careço de um lumiar
De um candeeiro no meu altar
Meu destino é me procurar
É me resgatar, libertar
Libertar-me da escuridão
Tocar meu próprio coração
Repercutir uma canção
Compreender o perdão
Compreender o perdão
Até me encontrar
Repercutir uma canção
Tocar meu próprio coração
Até me encontrar
E poder amar e mais amar...
Talvez seja esse o enigma
Nunca me vi

Amor pequenino

Onde for, não importa, decerto,
No barro, no chão, ou deserto
O amor pode ser pequenino
Talvez seja ainda criança
Presença de um Deus menino
Ainda em singelo gotejo
Da vida em bica brejeira
De uma futura ribeira
Destino de gotas ao rio, ao mar
Da criação sem cessar
Flor ainda em brotejo
O amor pode ser pequenino
Gérmen daquela semente
Latente, lentamente
É luz em profundas entranhas
Seiva da fé que move montanhas
Mesmo se grão de mostarda
Universo do Deus que não tarda
Ainda em singelo gotejo
Da vida em bica brejeira
De uma futura ribeira
Destino de gotas ao rio, ao mar
Criação sem cessar
O amor pode ser pequenino
Talvez seja ainda criança
Presença do Deus menino
No barro, no chão ou deserto
Onde for, não importa, decerto

Lucidez

Desafia-me a própria lucidez
Além do contraste das minhas sombras!
Apego-me ao tempo e ele de mim foge
Incompreendido, incompreensível...
Estendo a mão à altura e ela me desouve
E me escarnece inatingível...
O horizonte ao longe se mantém distante
Inalcançável por qualquer caminho
Ignora esguias estradas e o destino
Mas reverencia o meu olhar fixo ao longe...
Resta-me o chão que me abraça os passos
Em desapego, acolhe as minhas raízes
Chão firme, terra preta ou de outras matizes
Ajuda a me encontrar através dos meus rastros
Encoraja-me asas, sem receio de me perder
Sustenta as vias do ir e do voltar...
Sem a humildade do chão não iria saber
Que toda senda começa com o valor
E a proximidade do primeiro passo
Mesmo o caminho que nos eleva ao espaço
Ao desconhecido ou que nos revela o amor
Amor, esse recanto onde guardo o afeto
Vejo uma luz que não vai se apagar
Iluminando o percurso por onde vou
E vejo as sombras dizendo quem eu sou
Não permitindo me perder no trajeto:
Eis a própria lucidez a me desafiar
E ao mesmo instante me guiar!

Careço

O que sobrou do sol?
Sombras do meu desejo...
Nesse céu limpo não haverá relampejo!
Careço
Das figuras
Das nuvens escuras
Careço das gravuras
Dos espinhos, das ranhuras
Das quebras após fissuras
Do encobrir da lua
Nessa noite nua
Desta vida crua
Careço das branduras
Das cores de travessuras
Das chaves das fechaduras
Do lúdico e das leituras
Careço...
O que sobrou do sol?
Sombras do meu desejo...

Olhar em transe

Uma noite-tempo escuridão
Meu olhar em transe, intuição
Esperando certamente a luz
Além das voltas desse mundo

Livre o pensamento reluz
Iluminando o instante e o segundo
Esvaindo-me livre, etéreo, rarefeito
Ressaio-me errante, fluido, satisfeito

E num profundo suspiro
Olhos fechados, num longo piscar
Asas abertas, num longo sonhar...

Nesse universo que inspiro
Estro cósmico sideral
Espraio-me em tempero de sal

Vinte!

Vim te ver, bem-te-vi
Vim te contar até o infinito
Vim te dizer e me flori
Vim te recitar e me poesia
Vim te todo dia e noite
Vim te dormir, vim te ninar
Vim te sonhar, sonho feliz
Vim te cantar e me encanta
Vim te viver, viva! Vim te viver...
Vim te escrever e me livro...
Vim te escrever e me livro!
Vim te carregar num abraço
Vim te sussurrar um suspiro
Vim te todo dia e noite
Vim te beijar um carinho
Vim te acarinhar um beijo
Vim te amar! Vim te amar!
Vim te soprar um arrepio, vim te amar!
Vim te assumir uma vida...
Vim te semear uma vida...
Vim te semear outra vida...
Vim te amar!
Vim te caminhar e me carrega, me leva
Vim te levar e meu caminho
Vim te escolher e me escolhe
Vim te suplicar e me cúmplice
Vim te sonhar e me sonha
Vim te amar! Vim te amar!
Vim te cuidar e me cuida
Vim te proteger e me guia
Vim te viver!
Vim te escrever e me livro!

Vim te ver, bem-te-vi!

Num alvorecer qualquer

Num alvorecer qualquer vi a revelação de luz em plena manhã de vida...

Um suspiro um tanto assustado, incompreendido rosto regado, na boca um gosto de sal...

Neófito, pronto ao primeiro compasso, pranto antes do passo, quero é o aconchego do colo de ternura...

Como um grito de rebento, inicia-se novo momento, receio e um espreguiçar inocente ao raiar da vigília...

Um desjejum de fé nesse dia que clareia, um olhar a vislumbrar no horizonte o grande astro que alteia, desnudada minha sombra...

Num alvorecer qualquer vi a revelação de luz em plena manhã de vida...

Lamúrias

Cerra-se acinzentado o céu
Fecha-se o tempo
Nubla-se a alegria
Um dia já foi assim a vida

Uma noiva arranca o véu
Fúria do desalento
Alma que lamuria
Um dia já foi assim a vida

Em caminhos há espinhos
Nas encruzilhadas o dilema
Seguindo o rumo do vento

Fluindo o sopro do alento
Há muitas flores nos caminhos
Em drama de vida, um poema

O amor é sim

É sim...

O amor é raiz no chão,
Quanto mais profunda
Mais perto das estrelas
As nuvens, quero tê-las
É afeto ao coração
Nessa terra, nesse torrão...

É sim...

O amor é além da razão
Que de repente me inunda
Intrigante qual o universo
Cantado, sentido em versos
Da poesia, a inspiração
Não possui dimensão...

É sim...

O amor é além da paixão
Seu esplendor infunda
Em essência o espírito
Transcende ao que é prescrito
Expurga o divino em emoção
É sublime virtude do coração...

É sim...

Reticências astrais

As diferentes perspectivas constroem caminhos em que se expande o universo das diversidades...

Quantos céus há acima das nossas cabeças?

Será na proporção das diferenças dos tantos chãos sob nossos pés?

Na proporção da individualidade dos múltiplos seres que constitui cada personalidade?

Indagações de mentes sublunares...

Aspirações de intenções subliminares...

Sustentados na ilusão de um firmamento, inúmeros astros!

Dias de sol e estrelas tímidas escondidas na cortina de um manto claro e azul...

Noites de tantas luas, que alternam paixões, sensações, afetam ânimos, crescem sonhos, impulsionam a natureza da vida...

Sustentados na ilusão de um firmamento, inúmeros astros!

As várias constelações que na escuridão guiam no navegar quem seria perdição em muitas belezas e formas sugerem os caminhos daqueles a que regem, mistérios de lendas, do desconhecido, da magia e dos dizeres de todas as previsões dos oráculos...

Há infinidade de estrelas nos tantos céus acima de nossas cabeças...

São incontáveis estrelas, onde uns vêm poder e força em movimento, alguns vêm conjuntos de desenhos, outros as fazem de bússola, outros ainda estreitamente enxergam meros pontos finais frios das histórias que ignoram...

E, com esperança, outros tantos lucidamente divagam nos luzentes pingos siderais da chuva de imensidão, no infinito imaginário das variadas reticências astrais...

No infinito imaginário das variadas reticências astrais...

Ofereço-te

Ofereço-te rosas

Rosas e jasmims

Dou-te flores

Dou-te amores

Ofereço-te prosas

Prosas em festins

Dou-te valores

Dou-te sabores

Ofereço-te trovas

Trovas de bandolins

Dou-te olhares

Dou-te os mares

Ofereço-te amores

Amores e tantas flores

Dou-te jardins

Muitas rosas

Ofereço-te sabores

Valores de tantos sabores

Dou-te em festins

Muitas prosas

Ofereço-te os mares

Os mares e tantos olhares

Dou-te em bandolins

Muitas trovas

Ofereço-te rosas...

Inclua o irmão

Nessa cidade, no interior ou lá no sertão
Nesse chão, caminho de travessia
O arrepio que se dá é da fome fria
Chegando no inverno, persevera no verão

As folhas secas, seca perene de caatinga
Seja na primavera ou no outono que se vai
A estação não transforma a aridez ferina
Nem as dores ou o vazio da barriga que contrai

No vértice soberbo da sociedade
Aguardam-se certos a fartura da ceia
Noutro ponto, lá embaixo, não existe bonança
O cessar da fome é mera esperança

Em canto a poesia se fez canção
Há cantos com arpejos de solidão
Canções de melancolia e humanidade
E cantigas de distância, num canto marginal

Empatia é o escudo, o caminhar junto, o ideal
Faz da fraternidade essência da criatura
Para afetar esse povo que enfrenta tanta dor
Nesse caminho sinuoso, procissão da incúria

O abraço é o Sol que toda gente aneia
O acolhimento tem aroma de felicidade
Viver com dignidade, esse é o valor
Em qualquer recanto desse mundo severo

É o pão mais precioso o amor fraterno
Atente-se ao chão, estenda a mão

Liberte-se da ilusão, inclua o irmão
Pois não é livre aquele que o desdenha

Atente-se ao chão, estenda a mão
Liberte-se da ilusão, inclua o irmão

Cooperativo

comunitário, comunicação
ação de todos operando
comunitário, comunicando
andar de todos, andando

cooperativo, cooperação
operação de todos, comunidade
andança do andar, viabilidade
caminho de todos, caminhando

não se ignora, mesmo ignorado
dá-se as mãos, promove-se o que se une
o capital é o valor de todo bem comum

não adianta ir só, ir apartado
nessas trilhas de pó, solo que o ego pune
seja por todos e todos sejam por um

Faz-me vigília

Faz-me vigília,

Cuide dessa noite até o dia!

Deito o corpo em remanso,

Refazimento, descanso...

Que seja a madrugada tardia...

Enquanto isso sonho... Alma ressaída,

Alternativa transcendente da vida...

Caminho por ilusões e realidade,

Corro, morro, soo, voo.

O limite é minha identidade,

Na quimera de sopro que ressoo.

Caminho sem fim até terminar...

Aonde vou? Mistérios no despertar...

Que seja a madrugada tardia...

Cuide dessa noite até o dia!

Faz-me vigília!

I love you!

Não foi um desatino!

Foi um sincero amor ainda não correspondido, pois não perco a esperança...

Investi, resisti a uma indiferença charmosa, declamei publicamente a vitória do cortejo, de certa forma me atirei mesmo aos braços dele, despudoradamente até, na ânsia de tê-lo inteiramente na mesma intensidade da minha entrega... pois a paixão afinal não merece julgamentos ou limites...

Cedi apaixonadamente por conta de um receio meio que intuitivo de ser rejeitado, queria me garantir, desfilar com ele por aí a tirar onda, impactar...

Fez-me juras de amor... e permiti a revogação da exigência de visto ao americano, sem reciprocidade (assim como faz com meu amor); para agradá-lo, ainda determinei a subordinação de um general do meu exército às forças armadas do seu país, fui insinuante...

Fez-me elogios e liberei o subsídio a consideráveis cotas do trigo e etanol dele, no entanto, sem o mesmo carinho em troca, prejudicando meus produtores conterrâneos... e movido pela emoção ampliei a importação de derivados de petróleo, mesmo que para isso deixasse nossa estrutura de refino em prejudicial ócio...

Deu-me esperança... e em troca lhe entreguei a base militar espacial de Alcântara, onde sequer poderei entrar; prometi brigar com meu vizinho, renunciei posição na OMC e fiz a ele várias outras vontades e concessões... tudo para ter o gozo de um amor que se mostra platônico nos meus lapsos de lucidez...

Mas a paixão é uma loucura e tenho ainda o desejo vivo, seremos uma só carne, uma só nação, seremos a extensão da América e ninguém virá atentar contra nossa soberania, o amor ainda vai brotar verdejante no coração daquele que ainda me ignora...

Ele mais uma vez me fez afago, desculpa-se, diz que me quer... e eu quero me entregar plenamente, sou capaz de lhe entregar as reservas da minha verde esperança para realizar nosso sonho de casamento...

Muito além de um bouquet, com audácia lhe ofereço e quero dar, decisivo e confiante, o botão de toda flor, as flores de todo jardim, de toda uma floresta...

A ele entregarei a própria floresta e suas riquezas, vão também minha lealdade e dignidade... Acho que dessa vez ele não vai resistir...

A ele ainda declaro: "I love you!"

Mãe que me guarda

Estava com frio
Seu manto me aquece
Nas dores, em meu choro, tenho seu colo
Intercede por mim, quando justo lhe rogo
No fluir ao destino, olha-me no caminho
No curso dos meus tempos, abençoa-me os momentos
Na Terra foi guardiã do Jesus menino
É luz da misericórdia é esperança
No seio, no beijo, é alimento, é proteção em carinho
É amor, é vida, é o refúgio de quem erra
É a mãe do homem, da mulher e da criança
É luz que afugenta as trevas, é aura da paz na guerra
Mãe, rainha de toda ternura
Majestade de toda brandura
Milagre de toda candura
Acolhe-me em seus braços
Alivia-me o fardo, alivia-me os passos
Mãezinha, farol daquilo que não sei
Intercede por mim, o infinito amor é sua lei
Nas dores me acolhe, nas lágrimas do meu choro
Agradeço todo o carinho, todo o consolo
Agradeço a proteção e seu divino amor
Sua luz resplandecente é o abrigo de quem padece
Grandiosa mãe de todos nós, a ti clamo em prece
Nas bênçãos do Cristo Jesus e do Deus, Nosso Senhor
Seu manto me aquece
Estava com frio

Apenas me deixe ser

Apenas me deixe ser ...

Me deixe apenas ser sua distração de alívio de toda essa rotina

Me deixe apenas ser a inocente leveza da sua meninice

Me deixe apenas ser o sorriso de espontaneidade por qualquer tolice

Me deixe apenas ser a cantiga que lhe embala e nina ...

Me deixe apenas ser a palavra que rima em seu verso

Me deixe apenas ser um toque ou retoque, eu lhe peço

Me deixe apenas ser a água da vida que lhe revigora a alma com meu amor

Me deixa apenas ser o silêncio carinhoso cuidando em vigília do seu repouso

Me deixe apenas ser ventura pelas alturas, ser aventura do seu fulgor

Me deixe apenas ser o todo, em sonho alto, platônico, irônico, cômico, ou na tragédia ser pelo menos um pouco ...

Me deixe apenas ser a escrita que flui frases, palavras, formando versos em arpejos que harmoniosamente musiquem seus desejos...

Me deixe apenas ser a intuição do mais pleno amor, para que possa me amar, ou seja só incondicionalmente amor, seja como for...

Me deixe apenas ser as pétalas de todas as flores, sem um malmequer, mas com todo o bem-me-quer do meu benquerer...

Me deixe apenas ser o aspergir de perfumes, dos mais nobres frascos para o seu melhor prazer ...

Me deixe apenas ser a sensação de liberdade nas asas de um passarinho, ser no seu ninho a plenitude de céus...

Me deixe apenas ser a beleza da alvorada, a luz reluzente de um dia, até o crepúsculo, o ocaso...

Me deixe apenas ser a ilusão fremente, do poema envolvente de um inspirado bardo...

Me deixe apenas ser uma brisa que lhe refresca, o respirar breve ou seu fôlego, o sopro de vida até o descortinar dos véus ...

Apenas me deixe ser...

Velas por mim

Velas por mim!
velas ao vento, vão-se!
vão aberto, vazio constante.
ventos à vela quando fores ida
apagar de chamas!
tu chamas!
chamas-me!
irei também!
irei além!
não quero vazio
quero da tua chama o brio
quero encher-me de ti
não quero idas
quebras ou partidas
quero encher-me de ti
quero contigo toda idade!
não serei idoso com tua ida
minha alma é teu sopro da vida
quero respirar o vento que te leva
quero o alçar da brisa que me eleva
quero aquecer-me com tua chama!
quero o fulgor que de ti emana
não posso ficar ou serei saudade
chamas-me com teu calor
chamas-me com teu ardor
quero ser a vela com teu fogo
fazendo chama de luminares
quero ser a vela para teu sopro
conduzindo-me por teus mares
vento, vela, chama, idas
velas ao vento, vão-se!
vamos juntos!

velas por mim!

Velo por ti!

Quebra-cabeça

Vôo!
Alço vôo!
o que dirá
a terra quando distante?
o que será
distante sem pés no chão?
espaço e tempo
chão e ar
raízes e pensamento
completude de um quebra-cabeça íntegro
de peças que não se separam...
compreensão de um todo
e incompreensão dos cacos do que não se quebra
que se encaixam em mente de visão dividida
de visão confusa e fragmentada
a compreensão dimensiona a unidade
desvenda o amor
decifra a vida
fundamenta a fé!
a chave de tudo é o caminho que se percorre!
Vôo!
Alço vôo!

Sonho passarinho

Passos, passinhos
Com asas, passarinhos...
Voo ali e pouso num beijo...

Anseios expostos da vida em desejo
Repouso em seu colo, meu leito de amar
Coloridos sonhos, doce deleite

Passos, passinhos
Com asas, passarinhos...
Voo ali e pouso num beijo...

Cortejo de espelho, enfeite
Cortejo sem cor é rio d'além mar
Cores diversas rimas de amores

Passos, passinhos
Com asas, passarinhos...
Voo ali e pouso num beijo...

Sê

Sê bastião!

Baluarte de minhas palavras,

Passarão

Punhos cerrados, pés no chão.

Falo por mim, falo por ti.

Falas por mim, falas por ti.

Baluarte de tuas palavras,

Passarão

Vozes da tua convicção,

Liberdade compartilhada,

Construção.

Zelas por mim, zelo por ti.

Sê bastião!

Anseios de perdição

No cativeiro da minha mente há liberdades acorrentadas...
No cárcere desse viver há cortes sem sabor
Na senzala da negra consciência encontro o valor da luz...
Nesses devaneios, anseio a perdição
Dos caminhos que me levam...
Onde surgem novos destinos...
Onde insurgem horizontes...

Anseios
Enquanto vivo a ilusão do que não posso
Luto por mim, em cada morte
Luto sem fim na homilia
Dessa missa
Dessa premissa
Mesmo que a paz seja a flor no sétimo dia
Nesse cotidiano de mais um pão nosso
Rasgado em migalhas de sorte

Sonhos brotam das sementes dos meus poros
Enraízam-se paradoxais querendo flutuar
Embalam lamentos de um silogismo antiquado
Emanando boas conclusões ilógicas
Meus sonhos não sabem o que é chão...
Distante, areia escorre-me pelos dedos da mão...

No travesseiro deixo memórias de travessuras
Daquilo que temo na carreira desse solo
Desse lugar de receios
Nesses momentos,

Preparo orações para os vazios de coragem
Desafios preparam minha bagagem
Artifícios do viver são branduras

Traz um dicionário de palavras inúteis a ilusão
Que ensina a confusão, pugnando solução
E bem explica o caos sem venturas

No cativeiro da minha mente há liberdades acorrentadas...
No cárcere desse viver há cortes sem sabor
Na senzala da negra consciência encontro o valor da luz...
Nesses devaneios, anseio a perdição
Dos caminhos que me levam...
Onde surgem novos destinos...
Onde insurgem horizontes...
Meus sonhos não sabem o que é chão...

Perspectivas

Admiro a lua
Mas nunca quis possuí-la
Já desejei o arco-íris
Não pelo lendário tesouro
Mas por suas cores que seduzem minha alegria!
Segui o caminho da minha observação
Parti em busca do colorido
Cada passo adiante me fazia distante
Intrigante!
Quanto mais perto menos cor!
Chegando, encontro o cinza da frustração
Ilusão!
O arco-íris está apenas lá!

O horizonte me encanta
Limites do chão no céu!
Limites do céu no chão!
Moldura incompleta
Liberdade e vastidão
O horizonte seduz meus sentidos
Deixa-me em êxtase, sedento
Quero liberdade!
Quero o céu e quero o chão, no exato ponto da união
Segui a liberdade querida no sentido desse horizonte
Dei volta ao mundo e não o alcancei.
Ilusão!
Horizonte é sempre distante

O arco-íris e o horizonte!
Perspectivas diversas de valores imponderáveis!
Admiro a lua!

Recanto de pássaros

Um sofrer de alegria, alívio do pranto
Quando me prendo no entoar do seu canto
Toca-me a emoção, aguça-me o sentimento
Esse sofrer que não é um lamento
É voz da natureza, causa exaltação
Nas asas e nas cores do corrupião

Sufrimento da ganância de lucros marginais
Por nossas florestas que tombam em brasas
Nessa perversa ciranda que tanto devasta
Dizima a mata e mata, mata muitos animais
Mas a vida é maior, revive o que se arrasou
Traz a esperança qual rolinha fogo-apagou

Em tom que enfeita a tela em moldura
Num azul bonito que se camufla no céu
E sua musicalidade fazendo escarcéu
É sinfonia sublime harmoniosa ventura
Encanto de melodias em compasso
Como é belo, belo canto do sanhaço

Reverbera a ansiedade que se assevera
Repetindo o marcado ponto de toda a espera
Num breve porvir, hino do que se procrastinou
Mas demora insistindo: "amanhã eu vou"
E pela escuridão do agora e do quando
Persevera a promessa do canto o curiango

Quem sabe podendo encontrar
Nos acordes, no dedilhado ou bordão
Em versos de frases o refrão

Naquele que sabe me encantar
Eu diria, mas não disse se sabia ou se saberá
Nesse mais belo canto, o cantar do sabiá

A sábia prudência é sua marca
Nos caminhos se arisca, não se arrisca
No mato, remanso, brejo, na mata
Esconde-se, lépida se encorisca
Na saúde do seu canto em retoques
Saravá, saracura três potes

Voo indiscreto, alvo e carmezim
Colorido em tom da beleza
Ornamento da mãe natureza
Nas campinas fazendo festim
Recitando em cantos o madrigal
Mejestoso e altivo cardeal

De pouso delicado e voo ligeiro
Para no ar, rota de plano traçado
Átimo de um tempo abençoado
Visita de delicadeza por onde for
Toque de carinho, beijo passageiro
Encanta e me arrebatava o beija-flor

Mas com gosto, com muito prazer
Desde o agora ou no tenro alvorecer
Encantos ouço, ouço em canto
Melodioso enamorado, elaborado cortejo
Exalando à flor da pele um íntimo desejo
Bem-te-vi, bem-te-quis e quero-te tanto

Ruminar de traças

As traças adoram livros
Como delas me livro?
O gado que se dizia ordeiro
Agora se diz bombeiro!
A persuasão é imposta sem sutileza
Firme na imunidade de rebanho
Onde não ter voz a razão é o ganho
Fortalecendo a horda da vileza
Cidadão de bem
Cidadão aquém
Aquém da lucidez
Cultuam estupidez
Que caminho seguir, por onde caminhar?
Quem poderia o rumo indicar?
Onde já se viu uma bússola de ruminar?
Um ruminar que nos tira do rumo...
Depois, como encontrar o prumo?
No mundo somos vistos como párias
Não vislumbro solução
As traças adoram livros
Mas o conhecimento não é a nutrição
Que as fazem tão soberbamente sábias!
Como delas me livro?

Como um rio

Como as águas de um rio
Até em queda há liberdade!
Como as margens de um rio
A ética e a justiça ladeiam
E delimitam ações
Não há volta, sigamos adiante!
Como a força de um rio
Não há obstáculo a nos deter
Se me represa viro mar
Represando-me oceano!
Como o sofrer de um rio
Defincho-me em leito seco
Morro!
Sem amor, sem água a correr!
Sem destino, sem mar, sem oceano!
Como um rio de amor, rio
Rio de canto a canto!
Rio cheio de mar
Mar cheio de mim!
Sou caudaloso rio
Rio de água límpida
Deus oceano em mim!

Valor do Tempo

Tempo partido
De um ir que não volta...

Ignora solene todo embargo de revolta!

Vai-se! Restaram somente lembranças
Do que se foi dos momentos não vividos
E vividos
De todo tempo ido...

Resta-me o presente, apenas o agora
Resigno-me fugindo da desilusão de outrora
O valor do tempo é este exato momento...

O ontem não persiste!
Esta hora é a realidade!
Quero viver de verdade?
O futuro não existe...

Tempo partido, de um ir que não volta...

Ignora solene todo embargo de revolta!

Tempo irreal

Estou sentindo tanta poesia daqueles tempos de ilhas de nuvens no céu desse frouxo firmamento...

Das estrelas escondidas no azul claro, dos raios e trovões, do sol e da chuva...

Daqueles ventos que não voltam mais...

Estou pensando nas eras...

Tantas eras

De quanto mais 'era uma vez' tivera...

Sem cessar

No somar constante de uma nova história...

No branquíssimo papel, alvo do porvir dos meus alentos...

Dos meus lamentos, dos meus talentos...

Estou fechando os olhos para ver

Abrindo o coração para ser

Aliviando a mente para ir

Espargindo perfume para atrair

Fazendo atmosfera de flores

Rememorando épocas febris

Das saudades febris

Do presente sentimento...

Amor intemporal

Lembrança que dói até o amanhã!

A certeza do afeto que reviverá inexorável...

A carente compreensão do atributo divino do tempo

Faz saudosa sensação

Vivo o hoje com a dor do ontem

E o anseio das dores futuras...

Viajo no tempo das minhas memórias

Das minhas fantasias, prosas, abraços

Afagos, cicatrizes e gostos doces ainda no meu paladar
Revivo o passado até o que não vivi...

No presente,
Lanço sementes da saudade adiante
Penso na colheita distante
Mas do agora não me apercebo...

Já me explicaram que futuro não existe
Que o passado vivido não persiste
Que apenas o agora é vida...

Presente fugaz
Instante divino que sinto apenas na ilusão anacrônica
Ilusão que nos permite sonhar
Divagar livremente, ser infinito...
Estava imaginando, criando, riscando traços
Sem tinta, mas com colorido
Sem telas com limites de borda
Despretensiosamente compreendo que o tempo se faz em reticências...
Onde a realidade é apenas o ponto do instante que acabou de passar e não mais existe...

Estou sentindo tanta poesia daqueles tempos de ilhas de nuvens no céu desse frouxo firmamento...

Das estrelas escondidas no azul claro, dos raios e trovões, do sol e da chuva...
Daqueles ventos que não voltam mais...

Grito

Adia- me a cada anoitecer
No anoitecer de cada dia

O grito em silêncio parido
Ecos que devastam o vazio
Da existência do agora
De tudo o que lamento
Da guerra do meu tormento
Desperto meu sentimento
Das vidas de toda aurora
Crepúsculo do desvario
O silêncio em grito parido

Adia- me a cada anoitecer
No anoitecer de cada dia

Trincheiras

Nessas terras áridas, luto para sobreviver!
Pessoas em guerra consigo,
Contigo
Comigo
Pessoas também áridas
Isoladas em multidões
Nas trincheiras alinhadas
E olhos só para miras

Onde nessa terra cálida o choro de cada morte?
Avidez da afirmação da verdade absoluta!
Fome da razão!
Ódio consentido!

Nessas terras cálidas, luto por cada morte!
Pessoas em guerra sem eles
Sem vós
Sem si
Multidões também áridas
isoladas em cada só
Com miras alinhadas
Nas trincheiras do olhar

Onde nessa terra árida o corvo de cada sorte?
Acidez da anunciação da verdade resoluta!
Fome da razão!
Ódio sem sentido!

Aurora

Outrora

Outra hora

Um olhar que chora

O porvir da aurora

Ausente o agora

Marcas na face

Num sorriso errante

Sorrindo distante

Por caminho desbotado

Em descaminho

Pouco caminho

Caminho de espinho

Por caminho caminhado

Desencontrando-me ao lado

Carinho desprezado

Sonho delirante

Sofrer de retirante

Dores em face

De presente, a demora

Um olhar que chora

Um porvir de aurora...

Outra hora

Outrora

Mensagem do infinito

O infinito em sua mensagem
O que finda é sua roupagem
E fica a saudade ainda incompreendida

Um vazio, um frio
Busca de alento
Recurso do pensamento

O unguento
Sem esquecimento
É o carinho

Segue o seu caminho
Sem nunca estar só
Quem já partiu

E aqui pisamos ainda o pó
Presos nesse chão
Buscando no farol o clarão

A extensão do desespero, o sofrimento
O que na terra espera, aquém da lindeira linha
Urge a oração, a fé e suave acalento

A expansão da emoção, do sentimento
Além da matéria, adiante da margem que linda
A felicidade existe além do tempo

Um dia uma recordação
Com a perene confiança
Réstia daquilo que une

Escuto bonita canção
Em letras de esperança
Versos expargindo perfume

Em melodia de liras
Arpas, clarinetes, flautas
Sonho de céus

E no descortinar de véus
Alegria que ao coração salta
Reencontro de vidas

O infinito em sua mensagem
O que finda é sua roupagem
E fica a saudade ainda incompreendida

Poema de uma certeza

É de repente
Não precisa acreditar
É a certeza pungente
Que ninguém quer esperar
Como a inspiração de um bardo
Que discorre em palavras poesia
Mas não se sabe de fato
Se a inspiração seria cortesia
Se rima de versos fosse
Uma imagem, uma foice
A imaginação que se instiga
A vida em sopro que intriga
Em sonhos, nos travesseiros
Amedronta em pesadelos
Porquanto só causa espanto
Se não há conhecimento
Sobre esse pontual evento
Que faz escorrer o pranto
Faz o poeta declamar em prece
Com a liberdade dos versos seus
Que não se prende ao que padece
Mas se guarda sob o manto de Deus

Indecência

Um acinte
Crueldade em requinte
Acolhe-se o engano
Em um perjúrio profano
Escusa-se
Perdoe-me a imprudência
Engula minha indecência
Mero alívio de minha lubricidade
A sua queixa é vaidade
Perdoe-me a negligência
Minha imoralidade em tangência
Tolere minha luxúria
Minha mácula de incúria
Ignoro seu não-querer
Só importa-me o prazer
Se você ficou passiva
Sua silhueta lasciva
Ficou sob meu poder
Suas belas curvas sensuais
Para instintos animais
Estupra-se, gritos
Escusa-me, gritos
Mas digo que foi sem intenção
Apenas satisfiz meu tesão
Sua dignidade invadida
Por indignidade invasiva
Acolhe-se o engano
Escusa-se
Em um veredicto profano
A crueldade em requinte
Um acinte

Um chuveiro

Chove!

Um chuveiro

Dizem que terá trovão

Num gesto de delicadeza

Gotículas acariciam-me

Num gesto de chuva

Num abraço deslizam-me

Escorrendo pra chão

Num relance de desejo

Um relâmpago, relampejo

Água que minh'alma

Lava-me e me acalma

Água na boca, rega de flor

Seiva de nuvem, poesia

Água que molha, frescor

Gotas de versos, fantasia

Num gesto de chuva

Além da palavra, a proeza

Num gesto de delicadeza

Um chuveiro

Chove...

Além

Sinto o seu brilho na ponta da minha língua
Sabor de luz resplandecente...
Releva num deslize suave meu pensamento à mímica
Carícia a me arrancar suspiro candente...
Vislumbro o reflexo
Daquilo que não se imagina ainda...

Liberdade cativa desse universo etéreo
Cárcere infinito que clama uma âncora
Uma existência apenas...
Uma existência mais...
Limites que me moldam a compreensão
Disciplina que me amolda a prisão

Muito além do que a vida alude
A necessidade plural da plenitude
Que se apercebe com a singular carência
Paradoxo da intuição que me persegue a existência

O dilema da verdade rompendo a vida em seu limiar
A verdadeira liberdade é virtude do Deus a se decifrar...

Vislumbro o reflexo
Daquilo que não se imagina ainda
Sinto o seu brilho na ponta da minha língua
Sabor de luz resplandecente...

Razão do espelho

Clara razão de um espelho escuro!
O que de mim vejo em ti?
Cara ilusão de um esmero impuro!
O que há de ti em mim?

Tom das cores oscilantes de minha aura
Som das notas dissonantes da minha alma
Contornos do ser que me tange
Amargura, doce e acidez que me abrange

Canto de sereia a lhe desencaminhar
Miragem, figura abstrata a lhe desafiar
Labirinto dos meus planos sinuosos

Água na boca, sedução dos seus gostos
Cara ilusão de um esmero impuro!
Clara razão de um espelho escuro!

Meu recanto, novo canto

Recanto, novo canto!

Anseio por meu leito a me acolher em paz, nas plantas e passarinhos cantando soltos, o pé na terra e no mato, meu prazer.

Brilha meus olhos ao orvalho matinal da serena madrugada que sob minha vigília cumpriu segura seu tempo e recolheu-se rumo ao ocidente das novas terras, entregando seu turno ao brilho do sol, pontualmente.

Quiétude do tempo no despertar do dia.

Raio de sol, quase horizontal, achega-me com seu conforto de quentura ainda terna, suave carinho...

Brisa, balanço de galhos, zumbidos de minúsculas vidas que adornam meu viver.

Há beleza grande em detalhes pequenos!

Há beleza grande em detalhes pequenos!

Simplicidade da vida no quintal do meu mundo!

Quero meu recanto, novo canto, cantos de passarinhos!

Grande família

Há pouco tempo, ao final de um inverno brando, neste atípico 2020, na antevéspera do feriado em que se comemora a fictícia independência do Brasil, fui morar em um novo lar, quintal bastante amplo, esperando cuidados, esperando plantio do chão, com bastante espaço.

Quando me mudei, minha casa já estava desenvolvida nos toques e retoques dos amigos artesãos da construção civil, porém ainda inacabada, mas já seria meu sagrado abrigo, idealizado e construído com o esforço de toda a família com bastante suor, calos e sonhos...

A casa seria pequenina, mas tornou-se árvore um pouco mais frondosa, cumprindo o ideal que me inspira, satisfazendo também os anseios daqueles que são meus afetos mais próximos, a minha mulher e cada um dos meus filhos.

Mas a edificação que se constitui meu lar tem a aura da simplicidade, com bastante originalidade, onde a luz do dia irradia toda à vontade em todos os cantos e recantos, sentindo-se verdadeiramente em casa, com toda intimidade.

Mas a edificação que é meu lar acolhe igualmente as brisas, é refúgio de barulhos do mato e de alguns insetos que insistem em também comigo dividir intimidade, mas é dever meu trabalhar os limites para se evitar inconveniências, promover uma política de boa vizinhança, ainda que besouros, grilos, cigarras, formigas e outros visitantes façam-se de desentendidos...

Poderiam esses pequeninos seguir o exemplo dos pássaros, que preservam a distância conveniente, frequentam apenas meu terreiro, com a única indiscrição - que em nada me incomoda, ao contrário, muito aprecio - dos cantos muitas vezes até estridentes.

Todavia, mas, no entanto, contudo, porém, não vou apresentar a edificação que constitui meu lar, não era essa minha pretensão, simplesmente queria destacar uma curiosidade, o que quero dizer é que minha família de repente ganhou novos integrantes.

Para desilusão de Zack William, pudemos buscar o Otto, um garoto pastor alemão levado e brincalhão, branco com caprichosas manchas em leve ocre nos contornos superiores das pontiagudas orelhas e ponta da cauda. Um visual altivo e elegante de rara beleza.

O menino pastor já esperava para vir morar conosco há tempos, desde os três meses, mas precisou esperar o quintal grande. Veio para casa com oito meses, sendo recebido com muito carinho por todos, menos pelo Zack...

Zack com seu ciúme exagerado, rebeldia e caráter possessivo não aceitava, mas conseguimos contornar o conflito com algumas concessões e habilidades de mediação, contemporizando e suavizando o clima hostil, aproveitando um pouco da minha experiência profissional.

Mas os desafios não param por aí: por ter muito quintal, buscamos o Minus (derivação de Minúsculo) pequeno vira-lata já adulto, negro de pelo curto, orelhas longas estendidas horizontalmente, com formato parecendo as de elfos, dos desenhos ou filmes, inteligentíssimo e obediente, hiperativo e muito marrento. Gosta de uma briga com os outros cães e com o Zack. E encara qualquer tamanho como adversário.

E buscamos em seguida a Criola, vira-lata de porte médio, pelagem negra e curta, dócil, já com uns 7 anos. Ela é da paz, e os cachorros dão-se muito bem com ela, que impõe com sutilidade respeito. E o Zack também gosta dela.

A Criola agora é tratada também por Criola Augusta, de tão doce, com um carisma diferenciado e

sossegada, podia entrar dentro de casa. Ela até chegou a dormir no quarto, mas hoje divide as dependências da improvisada casa dos cachorros, juntamente com os outros cães, Otto e o Minus.

Minus foi praticamente criado como filho da Criola Augusta, que convivia com ele junto ao seu anterior tutor desde quando era uma pequenina criança carente de colo e proteção.

Como se não bastasse, e francamente espero que seja o basta, veio morar junto de nós o intrépido e irreverente Guerreiro. Um pastor alemão capa preta de 1 ano de idade.

Guerreiro já era conhecido do Otto dos treinamentos que faziam juntos, mas nunca foram amigos até então. Inclusive cultivaram algumas rúsgas.

A chegada do Guerreiro em nossa casa é bastante recente, precisou inicialmente ficar preso na corrente, assim como o Otto e o Minus, evitando-se brigas. A Criola Augusta ficou solta, entre o quintal e as dependências da casa. O Zack não se opôs à presença dela dentro de casa, facilitando o processo de adaptação.

Ainda assim, com tanto cuidado, tivemos algum entrevero que gerou preocupação.

Agora o Guerreiro já vive solto junto com os demais, apesar de não totalmente integrado, ainda não aceitou a nova realidade de convivência comunitária.

Não temos convicção sobre seu futuro conosco, mas seja qual for o destino, terá o acolhimento de cuidado e amor no seio da nossa família enquanto aqui estiver.

Estamos em fase de adaptação ao nosso novo lar, que carece de acabamento e várias melhorias físicas, e também estamos nos adaptando ao convívio com a vizinhança de toda natureza e com os novos integrantes da família.

E a vida vai nos dando essa contínua oportunidade de mudança e transformação, de realização e integração, restando-me agradecer sempre e continuar a fazer de cada dia um motivo a mais para novas bênçãos.

Ah! O Zack não gosta de ser tratado como cachorro, e às vezes acho que nem cachorro ele é! Ele tem certeza que não...

Valha-me Deus

Valha-me Deus da Liberdade que transforma!

Embargo da palavra oprimida
Da vida apenas sobrevivida
Do encanto reprimido
Das terras do ego involuntário...

Meu mundo é o universo que existo
Mas desejo ir além do que ascende
No sentimento que transcende
Norteando a razão encruzilhada...

Repressão
Mordaça da voz inconformada
Alimento de rebeldia

Valha-me, Deus!
A liberdade é que transforma

Revolução
Estímulo do espírito
Força rompendo amarras

Quero apenas dizer a emoção
Gritar o gozo de ser universo ainda em expansão
Tatear corações
E dos lábios ouvir sabores de beijos...

Voz que surge e ressurgue harmônica
Fluindo nas ondas dos ares
Traduzindo sentidos na frequência do entendimento de amor...

No levante do meu espírito
Escuto música de embalar criança
Passeio de dedilhados nas cordas de violão
Conquista do livramento
Surpreende-me a paz...

Valha-me Deus da Liberdade que transforma!

Meu querer

Afirmo que o impossível é meu querer
Na métrica que define o imponderável
Impossível é a galga que dimensiona a fé
Da fé que move montes, que abre mares

Da fé que me sustenta em todos os pesares
Em desafios grandiosos de dimensão qualquer
No eclético sentido do que ainda é improvável
Impossível é a utopia que me arrasta o viver

Meu impossível é o perseverar nessa lida
Essência da convicção que se faz estrada
E que apenas se prostra genuflectido à razão

E sigo o caminho dessa fé com o coração
Desbravando a transcendente caminhada
Meu impossível é a fragrância de toda vida

Se contigo

...

Quando chegas, para sempre
Prendes-me ao chão
Com palavras que voam
Palavras que vão
Prefiro, se comigo
O aconchego do seu ninho
Prefiro, se contigo
Ir por qualquer caminho
Sendo um do outro a estrada
Sendo um do outro o escudo
De toda cilada
O porto seguro
Um com o outro agora
Um com o outro outrora
Espelho e razão
Dadas as mãos
Em desalinho, toques, misturas carnavais
Em descaminho, o rumo, mútuos sinais
A direção, a bússola, pontos cardeais
O porto seguro
De toda cilada
Sendo um do outro o escudo
Sendo um do outro a estrada
Prefiro contigo
Preferes comigo
Prendes-me ao chão
Palavras que voam, que vão
Quando chegas, para sempre

...

Amor multicolor

Minha alma percebe amor multicolor!
Meu paladar não percebe cor
Percebe apenas sabor
Sabor da humanidade
Meu tato toca tanto
Toca o branco
Toca o preto
Cor não revela defeito
O aroma da humanidade é meu cheiro
Em qualquer chão, em qualquer terreiro
Sem sentido de tons
É a fragrância da diversidade
A cor não define dons
Escuto uma canção que toca meu coração
Em notas tocadas, indiferentes de raça
Por qualquer um que tenha o dom da harmonia
Escuto uma orquestra, uma sinfonia
Tocada por qualquer sopro, por qualquer mão
Cordas de violas, canto de flauta, tambores
Minha visão!
Minha visão vê diferença, vê diversidade.
É o único sentido que me privilegia a beleza das cores
Enxerga sem distinção
Do amarelo ao vermelho
Do branco e do preto!
Sentido abençoado a visão!
Minha alma percebe amor multicolor!

Seta luzente

forte nesse trajeto de lutas e ideais
enfrentando bravias ondas de mares
busco refúgio onde vou, onde estou
tenho muitas moradas, muitos lares

o caminho indicado que nunca é velho
toda chegada é reinício, do porto o cais
toda ida uma saída, ressaída, alçar de voo
sigo a direção da seta luzente que me guia

vou decifrando mapas, a luz do evangelho
a cada passo nessa jornada oro, vigio
vigilância na noite, vigilância todo o dia

na serenidade e na fé me firmo e me atino
enfrentando essas tormentas de mar bravio
são fortalezas que direcionam o meu destino

Lancinante

Peço, insisto, não despreze meu drama
a dor lancinante, angústia que me devora
sarcástica, a morte sadicamente demora
Rezo, acolha-me, minha lágrima clama

Meu peito aberto, sofrido coração devastado
desdita, queda, choro de um derrotado
um infortúnio proclamado por seu desdém
Açoite, tortura, sangue que jorra hemorrágico

Abstenho-me da vingança, resguardo-me porém
meu melhor sentimento não fica, agora é a ira
em maldição, tormento do coração trágico

no enfrentamento dos desafios da árdua lida
sinto a brisa, paredes do abismo que me correm verticais
Amargurado, sem luz de fim de túnel, sem sinais

Garoa saudade

Agora garoa

Garoa agora

Suave tristeza

Tempo nublado

Chão molhado

Garoa agora

Agora garoa

Cheiro da terra

Tempo de espera

Dor da saudade

Agora garoa

Garoa agora

Chuva e trovão

Vêm e vão...

Sou o que sou

Flutuava em brisa
Era o próprio vento
Varria ruas
Virava o tempo
Sou o instante
Instante que já não existe
Sou o agora
O agora que persiste
Venturava em sonhos
Era o som da espreita
Variam-se luas
Passagem estreita
Sou o camelo
Em buraco d'agulha
Sou o que sou
Sem mentiras pra mim
Universo em fagulha
Eu sou o que sou
Sou o próprio fim
Flutuava em brisa
Venturava em sonho

Minas Gerais

Ondeuô levo meu 'uai'
Onde trilho, levo um trem
Um trem que bate no peito
É amor demais da conta
Em cada estação que se vai
Um cafezim quentim vai bem
Um queijo, um pão de queijo...
É bom demais da conta
Terra de montanhas, alturas
Povo acolhedor, afetuoso e altaneiro
Serras, águas, morro pra toda vida
Voz da inconfidência, movimento
Tesouros culinários, gostosuras
Frango com quiabo, tutu mineiro
Trapeiro, torresmo, a melhor comida
Pra quem faz dieta é sofrimento
Quero Minas, sou mineiro, gente de fé
Bom sem base é esse nosso povo
Quero ser sua história, ser o novo
Contar casos regados a xícaras de café
Quero Minas, sou mineiro, terra da graça
Bom sem base, bom demais da conta
Felicidade que o belo horizonte aponta
Uma resenha a doses da melhor cachaça
É amor demais da conta
Um trem que bate no peito
Onde trilho, levo um trem
Ondeuô levo meu 'uai'

Existência

Desde quando?
Em verdade, no amor existo
Fora dele apenas persisto
Em vão
Sem o chão
Sem o coração
Um sentimento
Eu não invento
Um elo para sempre
Irmão sem passar ao ventre
Uma solidez mineral
Antes do pulsar do sangue
Caminho vegetal
Seiva fria em derrame
Natureza animal
Instinto de paixão infante
Humanidade astral
Diversidade de espírito errante
Eu não invento
Um sentimento
Fora dele apenas persisto
Em verdade no amor existo!

Sonho de criança

Um sonho pequenino
Tive um sonho bem singelo
Um sonho de criança
Príncipe, areia, castelo

Sonho de esperança
Tive um sonho de menino
Um sonho inocente
Papai noel, barco de papel

Fantasia, sapato de cristal
Ilhas de nuvens, piratas no céu
Fada do dente, saci, duende

Machucado que não dói
Aventura, luta, espada de herói
O mundo era um quintal

Assunção

Ainda que o desprezo pareça nessa queda a minha sina
mesmo sentindo ainda o gosto do impacto e o peso do chão
um lampejo: o que é perene não poderia ser esse frio torpor
Desse corpo dilacerado, quase morto e digno de dó

O que cega e entorpece é a ilusão que me fere a retina
quando a dor solavanca e apunhala inclemente o coração
percebo o que me prende na tristeza: não pode ser amor
Sublime amor que se faz luz para o ressurgir do pó

Abstenho-me da vingança, salvaguardado na fé rediviva
agora é resignação, meu melhor sentimento suplica
momento mágico, o que era maldição é restauração

no enfrentamento dos desafios da árdua lida, assunção
sinto a brisa, paredes do abismo que me correm verticais
Sublimado voo, céus, estrelas, luz de oportunidades astrais

Viagem no tempo

Imagino o tempo

O tempo como uma estrada

la até ali e não voltava

O passado, sentimento histórico

Memória, distante lugarejo

Traz o estandarte sólito

Comezinha saudade

O presente é aqui o que pelejo

Aqui agora onde tem mais gente

Mas na periferia da posteridade

Mora meu sonho mais fremente

Imagino o tempo

O tempo como um caminho

Inexorável avenida principal

Procrastino em rua lateral

Perdido em descaminho vicinal

Imagino o tempo

O tempo como uma estrada

la até lá e não voltava

Nós

Voz

Embargada em vós

Embargada em nós

Nós

Calados

Amordaçada

A voz

Amores calados

Em nós

Vós

Sois

Sóis

Soerguei vós

Só erguer a voz

Nós

Desatados em voz

Desatados em nós

Nós

Luto

Sejamos livres! Lute!

O soldado morre na guerra e constrói sua bravura no tombar, na sua queda, com ou sem armadura, mas o estandarte da voz do seu ideal em sua luta severa, incólume ainda arde, persevera, como valor da virtude!

Mas calar a voz dos nossos valores é calar todo o batalhão, em todas as patentes, é oprimir atitude, é sufocar a indignação, é perversidade, vilania, tirania, é brutalidade, é calar as gentes...

Calar a voz é violência, é frustrar a liberdade de soerguer nossa flâmula ao vento... É tolhir o justo grito, nos tornar reféns sem pensamento, proscritos, é embargar nossa fé, sem justiça ou razão qualquer, é nos matar em toda fronteira...

Sem nossa voz, sem nossa bandeira, sem nossos valores e virtudes, sem nossas atitudes, com ideais sufocados, amordaçados, sem nossa opinião, haverá campo livre para toda opressão e crueldade, para toda maldade, a nos escravizar, violentar, explorar e nos matar...

Sejamos livres! Lute!

A primeira poesia

Minha primeira poesia
Foi breve
Breve como um raiar de um dia
De dia longo, dia de agonia
Sentimento em turbilhão
Adolescente emoção
Foi densa, não foi leve
Minha primeira poesia
Foi fria, não se aquece
Arrefece o coração
Letra antiga que não se esquece
Foi breve
Foi assim minha primeira poesia
"Queria estar em casa, sozinho
Ouvindo Raul num sono eterno...
A morte me acordaria..."

Universo que persiste

Na queda o invigilante, um abismo
De um céu sem chão, um sismo
Tremor de trovão, tempestade
Irrequietude sem brevidade

No abismo, a ilusão, o engano
Queda sem gravidade
Espera de eternidade
Mistério sagrado e profano

Das quantas estrelas contadas na amplidão
E das quantas folhas caídas dos galhos
Da imensidão de tudo o quanto existe

Das tantas escolhas do meu universo falho
Um universo em expansão inexorável persiste
Purificando o cerne, fagulha de luz da criação...

Pela ordem, Dr. Poeta!

Pela ordem!

Não viver de poesia

Guarda flagrante imprecisão, *rogata maxima venia*,

Pois o valor essência da vida transcende a economia

E ainda que sem ganhos o poeta em poesia vive

Mas quando lhe é privado dos poemas, sufoca-se sem poesia,

Mesmo sendo grande causídico, a vida seria vazia...

No entanto, neste aparte, não me oponho como seu *ex adversus*

Somos colegas em duas frentes

Mas caminho contigo apreciando seus versos...

Poesismo - uma nova ordem social

A proposta que se faz, tendo em vista que na vida pela paz vale o risco, pela felicidade da sociedade e das gentes, insisto, uma nova ordem muito além da individualidade capitalista ou da incompreendida ideia socialista, uma nova ordem a reger a economia, tudo giraria em torno da simplicidade à base da troca, da solidariedade, em moedas de poesia.

Surgida do ideal, numa dessas manhãs de loucura literária, da lavra de erudito poeta, que de repente rabisca, com sua convicção humanista, pensamento surreal, revolução social com fundamento em rimas trocadas por tudo o que precisar para a leveza da vida, doando-se quinhões à caridade do novo dinheiro que promove o alimento por poema-moeda.

Com a proposta dessa nova ordem de poesia, a se constituir no mundo e nos corações, valorizaríamos o mercado de capitais com virtudes em moedas do tamanho da necessidade, minorando ais, onde a justiça se mediria pela sensibilidade, pelos verbos de emoções, substituindo por refrãos os cifrões.

No ideal de poesia, não teríamos capitalismo, com pregões em frias bolsas de valores, com disputas e gritarias, teríamos poetismo, onde as discussões econômicas seriam em instituições que poderiam se designar Bolsa de Valores do Coração, com sessões de alegres cantorias, onde se mediria a intensidade da canção, da prosa ou valor do repente, cantando e encantando a gente.

Seria revolucionário! E suplantariamos a desigualdade; não teria mais famintos, pois bastaria olhar o céu estrelado e soltar um verso declamado, para se ter o pão, ou com humildade apreciar um soneto, valorizando a inspiração, teria o alimento da alma e o estender de uma mão, indiferente se da zona sul ou do gueto, em um mundo transformado, solidário.

Seria revolucionário! Quem fosse carente de inspiração, se abasteceria com deleites de poemas recitados e lidos com o coração ou por docente ensinados e espontaneamente surgindo como perfume da mais pura sensibilidade em letras e flores, palavras com a rima da verdade, para quitação à vista, em espécie de amores.

A poesia como moeda de troca é a melhor solução, estancaria a ambição, floresceria na alma o valor mais profundo de humanidade, que rimaria nas relações humanas com a solidariedade em franca fraternidade, com verdade em versos de abraços, nas prosas e poesias que faz e que faço, com café e gostosas guloseimas rimando com tantos poemas, brandos seriam os problemas!

Por fim, uma sociedade poetista, nesse sistema de um mundo rimado em cada rotação, em diplomacia poemista, girando na harmonia constituída pela humana construção, com profundidade da alma, com prazerosa calma, na nova sociedade sem fronteiras, rompendo barreiras, onde o bem-estar será rígido pelo arrebatamento de cada um nessa bela ideologia, em cada pagamento

da moeda de todo dia, onde as letras de câmbio elevam as relações em valorosas notas de poesia!

Versos multiverso

**Atiro-me aos céus
Tiro os pés do chão
Meu destino é voar
Abraçar a imensidão
Sou o universo em versos
Sou poeta da criação
Sou o vento que carrega a estrada
Sou a estrela distante
Meu destino é sonhar
Embrasar todo o coração
Sou a poesia em multiverso
Sou o hálito da inspiração
Sou o raio de sol quente que abrasa
Sou a linha do horizonte
Afino-me com cinzel
Sou talhado em canção
Meu destino é amar**

Carícia do silêncio

Escuto

Acaricia-me o silêncio, fico mudo

Sinto o deslize do impossível

Fechando os olhos, vejo

Um céu que se desfaz em meu peito

No coração constelações ainda sem nome

Um silêncio tão profundo que dói

Não compreendo ainda tanta paz

No que há além de tudo o que se constrói

Abrindo os olhos, um beijo

A vida guardada em segredo

Mistérios de um arranjo infinito

Sinto o deslize do impossível

Acaricia-me o silêncio, fico mudo

Escuto

Caminho Sideral

Sobrevivente

A sina daquele

Que a vida não socorre

Mormente

O açoite e a lágrima

Que pela face escorre

Descrente

E em todas as quedas

Sempre o gosto do chão

Carente

Na privação severa

A espera de uma mão

Indecente

Negado e renegado

De tanto desdém, a tristeza

Resistente

Sem escolha, do pouco se mantém

Queda-se irresignado, proeza

Resiliente

Mas segue firme com fé

Criando tintas que a vida colore

Transcendente

Caminho sideral

Da vida que nunca morre

Espírito de Natal

A mensagem ainda reverbera
Jesus Cristo ainda nos espera
O espírito do natal é o amor
O amor em cada momento
Surgiu na pura simplicidade
Onde a humildade era o valor
A pobreza era a realidade
Uma pobreza apenas material
Não era uma família tradicional
Sem casa, sem teto
Mas com fé e muito afeto,
Perseguidos, marginalizados
Tornaram-se refugiados
Mãe antes do casamento
Filho de outro relacionamento
Nascido quase ao relento,
Em cocheira de animal
O natal assim se daria
Deu-se assim o natal
No improvisado leito de estrebaria
Às margens da sociedade
Diante das pessoas mais carentes
Pastores simples daquelas cercanias
Que ao menino deram presentes
Na periferia daquela cidade
Deu à luz Maria uma bela criança
Espírito que reluz esperança
Que seria o Salvador, nosso Cristo
E o companheiro por dignidade
Assumiu a responsabilidade
Por grandioso motivo
Tornou-se pai zeloso, pai adotivo

Revestido de verdadeira fé
Cumpru sua missão José
Anunciado por estrela guia de luz
Sinalizando ao mundo Jesus
Nascimento festejado por outras culturas
Por viajantes das escrituras
Cumprindo o que estava escrito
A mensagem ainda reverbera
Jesus Cristo ainda nos espera

Nova trajetória

OH! MEU DEUS
NESTA TRAJETÓRIA, EM CARTAS ANUNCIO
DE DIMINUTAS PRETENSÕES, VERSOS MEUS
EM PALAVRAS DE POESIA PRENUNCIO

MINHA VIDA, TODAS AS VIDAS
NOSSO DESTINO CERTO É AMAR
ERRANDO EM TERRA, EM AR OU MAR
EM REVOLTA, OU NA RAZÃO DA VOLTA, AS IDAS

UMA TRAJETÓRIA DE AMOR
BÁLSAMO PARA FERIDA, ALÍVIO DA DOR
SEGURANÇA DE UMA MÃO ESTENDIDA
FRATERNIDADE, UM VALOR DA VIDA

SE A VIDA É SONHO OU NÃO
NA VIGÍLIA AVANÇO EM FIRMES PASSOS
FRENTE AOS DESAFIOS DOS OBSTÁCULOS
DESBRAVANDO O PÓ DESSE CHÃO

EU NÃO QUERO ACORDAR
FICO EM VIGILÂNCIA MESMO EM SONHO
SEREI ALEGRIA NESSE MUNDO TRISTONHO
E NÃO FAÇO ACORDO, SE NÃO FOR UM DESPERTAR

E QUE NESTA TRAJETÓRIA, OH! MEU DEUS
EU POSSA SEMPRE AMAR...

Olhar cigano

Que magia há no olhar dessa cigana que me desnuda a alma?
Decifrado o que seria indecifrável
Meus arcanos compartilhados
Nada se esconde, sinto-me nu
Apontamentos sem veredicto, olho, também percebo...
O que há em mim guardado, despojos de um passado esquecido?
Presentes de aniversários diários?
Paisagens da estrada que sigo!
Sigo errando, certamente.
Piso na lama, cheiro de lodo, mofo angustiante...
Mostra-me algumas flores e vagalumes;
Estrelas no céu e no mar, luz de dentro e de fora...
Maldade e bondade, feiúra e beleza, misturas, humanidade...
Esculturas de um aprendiz a treinar novas formas, na perfeição das oportunidades sem fim.
Que magia há no olhar dessa cigana que me desnuda a alma?

Benzedeira

ondas de magia
para o encanto
faço meu feitiço
movimento santo
a fé é que me guia
benção de acalanto
benzimento, magnetismo
faço qualquer curativo
força da energia
cura, alívio do pranto
a fé é que me guia
movimento santo
faço meu feitiço
para o encanto
ondas de magia

Deixo

deixo o coração transbordar
no voo por onde vou
na poesia por onde estou
são as asas de sonhar
na fantasia por onde sou
deixo a razão serenar
no pouso de alguma nuvem
quando no chão aterrissar
altruísta em gotas que tecem
na cantoria por onde soo
deixo a loucura despertar
na pétala e no gosto do pólen
nos caminhos por onde flor
no milagre da abelha
na alma de passarinho
no toque de carinho
do Onipresente em centelha
deixo o coração transbordar

Novo tempo...

Era o primeiro dia novamente do novo tempo que ressurge...

Do meu recanto, reflexivo, ouço o vento soprando com liberdade - símbolo de movimento, tempo nublado e terra molhada pela chuva, um frescor manso combinando com a seriedade do momento e a necessidade de serenidade.

Do meu contemplamento observo uma poça d'água, chão marcado de caminhada, lama e barro... Uma cigarra indiscreta me alegra, trilho de formigas em perfeita coordenação e, admirado, percebo outro alento: gorjeio estridente de um casal de joão-de-barro no alto de uma árvore trabalhando na construção da sua casinha. Um buscava o barro do chão e o outro moldava o novo lar! Inspirador esforço comum de natureza solidária, cumplicidade de vida!

Manhã diferente! Um refúgio de quietude dentro de mim mesmo é o retiro das minhas reflexões...

O que fizemos com o tempo de ontem? Qual o significado de tantas emoções afloradas e tantas palavras ditas, benditas e malditas?

O que construímos, destruímos ou inspiramos?

O que nos restou para o novo tempo como legado para esse recomeço, renovação ou continuidade?

Quem éramos e em quem nos tornamos? Quem seremos ao final da nova fração do tempo que nos agracia?

É construtivo observar as experiências recentes, as atitudes nossas e das pessoas, a história acontecendo, refletir o próximo passo e o caminho a ser desbravado, os desafios a serem enfrentados...

Somos a natureza também!

Era o primeiro dia novamente do novo tempo que ressurge... Como me convencer do novo Aeon?

Uma nação centenária

Já nasceu rompendo fronteiras.

Genuinamente do povo, do mundo...

Uma palestra de história, em 1921 surge o Palestra Itália, agregando e acolhendo, inicialmente os imigrantes e seus descendentes italianos, trabalhadores e suas famílias que escolheram essas terras das montanhas mineiras como lar, em busca de uma vida nova, originando uma nova nação fruto da união e miscigenação...

Em 1925 abre as portas para todos, revolucionando em ações além do esporte, diminuindo abismos sociais entre as pessoas em razão da sua origem ou raça, promovendo um clube sem divisão social, nacional ou racial (numa sociedade extremamente preconceituosa, foi o primeiro clube em Minas Gerais a incluir e inscrever jogadores negros em seu time de futebol).

O Palestra Itália já era um time de todos e para todos!

Na sua trajetória, várias conquistas...

Nasceu Palestra e forjou-se Cruzeiro!

Mas a fama da astúcia de uma raposa continuou com o Cruzeiro...

Em 1942, por imposição política e legal, transformou-se nas cores do céu, para representar sua grandeza e no branco das suas estrelas reluzentes: Cruzeiro Esporte Clube!

O Palestra Itália nasceu revolucionário e sua transformação nas cores azul e branco do Cruzeiro reescreveu e reafirmou sua virtude de se transformar, surpreender e revolucionar, constituindo a essência da sua fibra que caracteriza a garra que marca sua permanente superação.

Seu povo, o torcedor que é a alma do seu ânimo, carrega também essa característica de garra e superação.

Seu povo se fez nação, por ser multidão, imensidão, uma verdadeira China Azul...

Sua história é também marcada pelas grandes conquistas, é uma tradição que não respeita fronteiras, assim como seu nascimento se deu assim, rompendo fronteiras...

São tantas as conquistas do Cruzeiro que causa admiração e também constitui camuflada motivação aos rivais, que almejam escrever o mesmo sucesso.

Mesmo com os desafios da dificuldade atual, a tradição construída pelo Cruzeiro e sua gigantesca torcida o sustentará e essa página será escrita com a mesma dignidade da sua história, mais uma vez demonstrando a capacidade de superação da sua alma revolucionária e surpreendente.

Há exatos 100 anos, 1921, surgia o clube mais popular e amado das Minas Gerais!

Uma paixão sem fronteiras, que não tem tamanho, não se mede...

Nasceu Palestra, forjou-se Cruzeiro!

#Cruzeiro100anos

Alma do jardim

Em todo o jardim as flores são a alma, da existência o ânimo...

Das flores a vida carece e nos jardins cada flor jamais perece, ainda que murchem em desânimo e outras venham brotejar ocupando o espaço apenas aparentemente vago...

As flores não perecem, ainda que as suas pétalas toquem o solo, pois a beleza das cores e contornos repercutem como música nos sonhos do verdadeiro universo da vida...

A fragrância das flores constitui o verdadeiro éter que reveste toda dimensão da possibilidade infinita...

As flores de ontem são eternas e as de hoje são regadas pela luz de vida de cada contemplação e as de amanhã são a esperança do universo da beleza expandindo para sempre, imperecível, nas almas sensíveis e em cada verso de poesia...

...O poeta sabe ser flor e jardineiro, e sabe ainda voar como borboleta ou colibri, sabe ser infinito...

Pensando em mim

PENSANDO EM MIM

(Hébron)

Sonhei que me esperava
À tarde, numa mesa de café
Em um lugar qualquer
Não sei bem onde estava
Sonhei que pensava em mim
Degustava o aroma da bebida
Embevecida em devaneios
Queria viver sem receios
Sonhei que era realidade
Entregava-se plenamente à vida
Seu pensamento era-me afim
Afinidade mútua em mesma sintonia
Sonhei que éramos versos de uma canção
Éramos estrofes de mesma poesia
Duas vidas, várias letras, uma inspiração
Amor em êxtase, prazer era o estribilho
Sonhei que tinha visto seu sorriso
E que por um instante era meu brilho
Mas de repente lhe via estrada de chão
Eu seguia o seu clarão, lumiava onde piso
Sonhei que me esperava
À tarde, numa mesa de café
Em um lugar qualquer
Sonhei que era realidade...

PENSANDO EM VOCE

(Edla Marinho)

Entrei pra tomar um café...
Enquanto esperava,
pensei em você!
O café chegou,
quente e com um aroma
agradável,
tomei um pouco,
pensando em você!
Olhando pela janela,
a chuva caía suavemente...
Enquanto contemplava,
pensei em você!
Acabei de tomar meu café,
levantei-me e sai,
e por um instante sorri
pois, mais uma vez,
me peguei pensando em você!

O Sorriso

O SORRISO

Sorrir da tristeza
Até da falta de carinho
Tira pedras do caminho
Sorrir mesmo se a vida
com o dedo em riste
Apontar os defeitos
Ou a falta de jeito
Sorrir pro vizinho
Que a sorrir nunca foi visto
O sorriso contagia
Como os versos, na poesia
Quem sabe, então, ele sorria...
Sorrir de si e pra si mesmo
Cura o tédio, pois sorrir é remédio
Para as dores da alma, posto que a acalma
Também alivia do corpo os males
Sorrir em todas as horas
Pra tristeza ir embora...

(Edla Marinho)

Sorriso

O sorriso ativa serotonina,
Hormônio do prazer e alegria. Sorrir então, é preciso!
Pode te fazer sentir menina
e sorrir sem siso!
Já se disse e confirmo: ele massajeia todos os músculos do rosto!.
Sacode fora o desgosto.
E ainda te coloca um rubor no rosto.
Só lembrar que um beijo fácil foi por ele roubado assim
Quando de ti arrancou um sorriso!
Desde então, uniram seus dois sorrisos, numa eternidade.

Sem idade!

(Maria Dorta)

Palhaço...

Rira...Rira...

Da vida que tinha,

Da dor que sentia,

Da impotência que havia...

Derramou tanto sua alegria,

Que escorrera com a maquiagem...

Aparente jaz,

A face de uma alma doente...

(Ema Machado)

Sorriso cativador,

Aquele que dói na barriga

De 8 a 80 anos sara a dor

No picadeiro alegria saltitante

Do olhar, de um rosto maquiado

Reina o sorriso de uma palhaço

Palhaço e suas galhofadas

De boas gargalhadas

Entre uma e outra traquinagem, cai

Levanta e não perde o compasso

Quem nunca riu com um palhaço?

(Corassis)

Sorrir até que o choro seque

Sorrir de mim mesma e de tudo

Sorrir um riso breve

Um riso mudo

Onde os olhos riam

Onde os gestos riam

Onde as emoções fluam

Sorrindo de amor

Sorrindo ao favor

Sorrindo sob a máscara

Que em breve se irá
E de todos virá
Um largo
Um intenso
Um aliviado
Sorriso...
(Lucita)
Rio muito, rio um mar
Rio caudaloso
Margens de um rio
Contorno de encanto
Não se limita a alegria
Rio de canto a canto
Dou gargalhada
Rezo pro santo
Recito poesia
Faço troça, rio da anedota
Invento algo só pra rimar
O que faz a boca torta?
Mato a charada
Todo sorriso importa
Aceno para o oceano
Riso de todo tamanho
Riacho é bom e é pouco
Bem feito, riso de qualquer jeito
Ri o maluco, o louco
Rio de tanto amar
Rio muito, rio um mar
Brinquedo de rir
Quero brincar
Todo sorriso importa
(Hébron)

Quando você sorriu pra mim
Naquele dia...
O céu estava estrelado!

Mesmo assim eu te olhei
Meio desconfiado...
Ainda que o nosso amor
Tivesse ficado no passado,
Mas não importa, o teu sorriso
Me deixou iluminado!
Percebi que tudo estava mudado
Teu sorriso não havia mais amor,
Apenas sentimentos e carinho.
Que importa se amamos no passado
Hoje estou no presente e
Contínuo apaixonado!
Na esfera do amor
Teu sorriso é o néctar da flor!
(Ernane Bernardo)

Risos incontidos nos filmes de comédias,
Risos acima das médias,
Diga-me quantos risos serão
precisos pra tirar um sorriso teu
Moça, rir é coisa de Deus!
Veja a mãe de "Isaac"
que o "riso" concebeu,
Moço do riso fácil
cuja moça se encantou,
seria este o segredo?
o riso antecede o amor,
O sorriso soa elegante,
E o riso? é quase infante!
Riso e sorriso são sinônimos,
Ninguém fica indiferente
deste ato cativante,
Se hoje você não riu, ou nem sorriu
se valha de uma boa lembrança,
Relaxe por um instante,
vale até piada picante

(Shimul)

Lembrança da janela

Lembro bem, era criança
O quarto de muitos irmãos
Não faltava brincadeira
Quando se fechava a janela
Era uma janela toda em madeira
Tábuas ladeadas, fixadas
E por duas outras pregadas
No sentido transversal
Sustentadas por duas dobradiças
Fixadas com uso de prego
Espaçadas no marco lateral
E também com uso de um prego central
Trancava-se a janela com a tramela
Era a tramela de madeira
De um azul claro eram coloridas
As partes internas e externas
Também as outras partes
Os marcos e ferragens
Com uma tinta a óleo de brilho já velho
Mas eu dizia de minha recordação
Quando se fechava a janela
Fazia-se breu no quarto, escuridão
Lembro muito bem, eu sonhava...

Inflexível Realidade

um tanto mais
além daqui
ou de qualquer ali
suportando ais

um tanto faz
desprezo gratuito
coração de granito
orgulho tenaz

a vida segue
segue como a verdade
a sina persegue

a colheita será feita
inflexível realidade
seja qual for a seita

Morte e Vida

Letras num verso da morte
Da vida perfeita é a rima
A espreitar a morte num canto
Melodia enigmática da certeza

No sopro, reinício da proeza
Redivivo ânimo sacrossanto
Mistério, é estrada que finda
Qualquer que seja sua sorte

Pouco, muito pouco é o que se sabe
Porta que se fecha, porta que se abre
Perde-se, preciso, estendido ao horizonte

Esse caminho-destino abençoado
Transcendente propósito velado
Ainda é vida que pulsa etérea, vibrante

Nostálgico

Eram algumas fotos largadas de qualquer jeito

A caixa com objetos antigos

De repente senti um paladar de saudade

Um aroma de outros tempos

Nas fotos imagens estáticas que corriam animadas em meu repentino sonho...

Vejo um aceno de alguém que não me recordo mais

Como o sonho de assalto

Lágrimas acariciam-me a face

Já sem sorriso, imagino a nostalgia do amanhã...

Corcel

Imponente, era um sonho clemente
Daqueles ao qual não se entende
Era negro, todo meu, reluzente
Um verdadeiro dossel...

Um amor antigo, um namoro sem fim
Um ciúme doentio, aos olhos um desafio
Mantê-lo intacto, só para mim...

Sensual e mágico, magia é assim
Um jeito arredo, de charme senhorio
Um amor antigo, um clássico, enfim

Sem explicação, era paixão simplesmente
Das curvas insinuantes, estilo expoente
De trote incomum, forte, carreira eloquente
Raça Ford Corcel

Lacunas da sua presença

As lacunas da sua presença
Faz do meu caminho espinheiro
Dói muito em mim seus hiatos
Machucado em espinhos afiados
O sofrimento me faz hospedeiro
Queria ser seu paradeiro
Achegue-se a mim
Preencha meu vazio amiúde (Hébron)

As horas em que estou distante
São também hiatos em meus momentos
És o meu desejo constante
Estar longe de ti, é estar vazio por dentro
Queria ser teu bem, não mal
De ti preciso, do nascer ao pôr do sol
Não me bastam noites, para estar contigo
O dia torna-se lacuna, tormenta sem igual (Ema M.)

As horas e luz do dia já não têm graça
As noites me abatem, precisa estar comigo
Os espinheiros por onde ninguém passa
Tomam-me o ânimo, fazem-me amargo
Fazem-me distante, inacessível, vago
Nesse tormento lhe espero em solidão
Não demore, achegue-se a mim
Preservo nessa esperança a saúde (Hébron)

Se falas assim, a mim machucas
As lacunas não são minha culpa
Se pudesse, juro! Nunca me ausentaria
Essa distância, nossa constante luta
É coisa diminuta, frente ao sentir que nos ocupa

O amor não tem lacunas
És meu, sou tua... (Ema M.)

Se assim me diz em segunda pessoa
E nessa solidão já me fazia refletir
Sobre um amor que é o meu existir
Meu sofrimento não reverberará mais em dor
Meu amor é seu, é acalento, é amor aterno
De braços abertos, meu coração ressoa
Sem lacunas, na esperança sem ausência...(Hébron)

Transbardo

Além da borda, transborda
Além do bardo, transbardo

Um poema que invade
Sublime letra do vate

Um canto pru'cantador
A trova e o trovador

Superação que nos afeta
Inspiração que faz o poeta

Além da borda, transborda
Além do bardo, transbardo

Odoyá!

Odoyá, mamãe sereia!

A onda do mar não se perde
No seu destino sem estradas
De onde surge, insurge rebelde
Das profundezas das águas

Infundas visitas às areias
O mar ressurgue sem esforço
No seu caminho de ida e de volta
Nessa ressaca de esculpir a rocha

De onde surge com alvoroço
Em águas que levam presentes
Afoga as mágoas das gentes
Se espraia em marés cheias

Odoyá, rainha do mar!

Buscas

Fui buscar na memória
Cicatrizes de história
Que ainda causam dor

Fui buscar um lamento
Reviver um momento
Em lágrimas de torpor

Fui buscar um sentido
Encontrar um abrigo
Um aconchego, um calor

Fui buscar outros ares
Ir por novos lugares
Trajeto de sonhador

Fui buscar aventuras
Lúdicas travessuras
Histórias do contador

Fui buscar os momentos
Astros no firmamento
Sono sem despertador

Fui buscar sabedoria
Poesia e cantoria
As trovas do trovador

Fui buscar a verdade
E no calor da saudade
Ressentimento de amor

Fio canalha

Por um fio

Calafrio

Sempre no cio

Fio da navalha

Gente canalha

Bandalheira

Bandalha

Fria gente

Gente fria

Bandalha

Bandalheira

Gente canalha

Fio da navalha

Sempre no cio

Calafrio

Por um fio

Pedra

Era um chamado...
Chamavam-me pedra
E me atirei...
Ferida aberta, feri
Alucinado, morri
Era um chamado...
Chamavam-me pedra
E me quedei...
Fui tropeço, caí
Tempo perdido, distraí
Era um chamado...
Chamavam-me pedra
E me lancei...
Fui alicerce, construí
Sou fundamento, vivi
Era um chamado...

Rimas óbvias

Inspiração desse litoral, coisa bonita de se ver...
Dessa areia litorânea, uma poesia espontânea
Essas ondas que vêm, essas ondas que vão...
Transborda o peito e o coração
As ondas que nunca se repetem
Assim como nesse verso óbvio
Do coração tocado pela minha emoção
Desse mar, que me faz amar
Rimas óbvias, rimas inevitáveis...
Um cenário propício de se inspirar
Não se pode evitar uma rima óbvia de amar
Com essa imensidão de mar
Não se pode evitar a rima óbvia da emoção
Com o pulsar do meu coração
Não se pode evitar...
As ondas do mar, assim como essa rima óbvia
Que nunca se repete
As ondas do mar nunca se repetem
São como as rimas óbvias, inevitáveis...
As ondas do mar, para quem tem olhos de imensidão
Para quem tem olhos da eternidade
Nunca se repetem...
As ondas do mar nunca se repetem
Assim como as rimas óbvias
Frutos da inspiração, nunca se repetem...
Amar, mar, coração tocado pela minha emoção
As rimas óbvias, nos versos diversos...
Versos diversos
De mesmas rimas
Rimas óbvias
Óbvias como esse vai, como esse vem...
Essas ondas que vão e que vêm

Mas que nunca se repetem
Para aqueles que têm a visão da eternidade...

Juras

O som sussurrado ao vento

Em quebra de juramento

A maldição se faz

Abjura sem remissão

A honra na contramão

Desvelo que não se apraz!

Rarefeito

Sem palavras
Mas vivo o olhar
Sem suspiro
Sofrimento do ar
Vento vem soprar
Um dizer, mudo
Palavras presas
Voz às avessas
Um olhar perdido
Súplica ao leito
Luz do vigor altivo
Força, respeito
Sem suspiro
Mas vivo o olhar
Sem palavras
Força, respeito
Vento vem soprar
Sofrimento do ar

Onipresente amor

Perdoe-me a ausência enquanto ignoro...
Não ignore que a densidade me entorpece

Não presuma que eu tenha sentido seu afeto
Seja evidente em seu olhar, seja certo
Como um toque de dedos no ombro
A me abordar distraído...

Que seu olhar seja a carícia a me deslizar contornos
Seja já o abraço acalorado afetuoso
Seja um escândalo
A sussurrar-me aos ouvidos...

Que seu olhar seja seus braços e mãos a me tomarem o corpo
Para sentir meu gosto
E, sem distância, sentir o aceno do meu calor ofegante
Sem luz, sem olhar...

Ausente a luz, tateia-me a emoção...
Lance seu olhar magnético, se ainda distante
E em carícias me tange...
Carente luminar, ou fugaz lonjura do coração...

Encontra-me então em meu descompasso, no abraço
Sem o tempo... Sem o espaço...
Sem qualquer dimensão que linda a beleza da plenitude...

Fulgor de um pensamento intenso de amar
Que faz do firmamento um quintal de brincadeira
No universo faz-me onipresente companhia...

Perdoe-me a ausência enquanto ignoro...
Não ignore que a densidade me entorpece

Versos do desvario

Conceda-me esta dança
Meu desejo, esperança...

O amor é sem limite, ainda sente
Meu toque ainda quente
Em sonho no travesseiro
Das suas carícias, carente
As suas curvas, meu devaneio
Sem pudor, calorosamente
É o brilho dos meus olhos
Em sua nuca, o meu roçado
Meu rastro em seu corpo tocado
Suspiro, deslizo-lhe, água de rio
Explorando toda sinuosidade
Desfiladeiros, corredeiras, vales
Dos seus olhos todo brio
Na ponta da língua, seu nome
Desejo quase febril, me consome
Contornos do seu quadril
Sedenta sensualidade
Que desemboca em seus lábios
Lábios que me represam o paladar
Com gosto de sacra luxúria...
Fronteira da paixão, incúria
Oratória de amor, é meu púlpito
Múltiplos beijos, lábios múltiplos
Hálito fresco, ofegância de luz
Êxtase de todo um oceano em que rio
Numa hipérbole da fantasia
Versos do desvario
Sonho ardente que me seduz
Sonho candente em que lhe despia

Anseios expostos, sedução
Anverso, em minhas mãos
Sou seu poema, faço-lhe poesia...

Conceda-me esta dança
Meu desejo, esperança

Páginas da vida

A vida nos é dada, é dádiva
Inexoravelmente, para se viver
E nessa história a se escrever
Cada dia se faz uma página

No curso desse tempo e espaço
Em experiência que tanto ensina
Na ida na cadência dos passos
Escolher é a tinta da própria sina

Por vezes sinto a vida um labirinto
Decifrá-la é o desafio instigante
E sempre nos é dada a chance

De superarmos nossas mazelas
A vida pode ser uma aquarela
Dos valores de tudo o que sinto

Verso saltado

um verso saltado d'alma
um poema jorrado em prantos
uma sensibilidade rimada
em palavras de encanto

cada lágrima decerto se justifica
em uma fantasia ainda não escrita
na sintonia da letra ainda nascente
introspectiva, libertando-se da mente

traduzindo as estrelas num beijo
mergulhando no mar bravio do meu ser
transbordando arco-íris siderais

desbravando caminhos astrais
suspirando êxtase de todo prazer
simplificando o impossível no desejo

Mania de sonho

...

tem mania de sonho aquele que se diz poeta
acha que tudo pode ser magia em infinita meta
tudo pode ser vida em estrofes de poesias
nas palavras que pulsam do lastro da emoção

...

criando, avançando, rompendo a amplidão
as fronteiras, os mundos, os sabores e as profecias
alguma rima sem sentido, aquilo que bem aproveita
inventa a lua, degusta nuvens, a fantasia é uma seita

...

sem limite, explora todo e qualquer sentimento
na escrita arranca lágrimas com apurada arte
em versos de dor da raiva ou da indignação

...

em estribilho de flores, dos amores, da paixão
da saudade que fica e do destino de quem parte
nas reflexões e nos enigmas do vasto pensamento

...

Sinas

...

Um caminho trilhado, sigo, mas o mundo fica
O caminho por onde se vai, caminhando eu sigo
A sina do mundo é ser o chão da minha pisada
Além do sol há luz que me ilumina a estrada

...

A sina do chão é ser alimento e repositório do meu pó
Da vestimenta que me desfaço para poder voar
Muito além do pensamento guarda-se a verdade
No horizonte ainda ignorado que a tudo justifica

...

Enfrentando os desafios, esculpindo a razão e sabedoria
Na travessia tortuosa, amores, sombras, luz e tudo o que vivo
Com genuína fé, escudo da vigília de quem não anda só

...

Nessa lida árdua da existência, franqueza da realidade
Milagres diversos, flores, perfumes e cores para aliviar
Um passarinho indiferente segue confiante a cantoria

Quando escrevo

...

Quando escrevo, escrevo o vazio, a fria palavra sem estação, muda, sem leitura, em carência de entendimento, crua de acalanto

...

Quando escrevo, escrevo o pranto, o chão franzido carente de passos, a devastação da alma, a severidade do açoite

...

Quando escrevo, escrevo a noite, a dose de esquecimento no copo, o abandono repentino, a madrugada sem alvorada

...

Quando escrevo, escrevo a mordança, o olho insípido, a voz sem paladar, o céu sem lucidez, o ânimo da calamidade

...

Quando escrevo, escrevo a tempestade, o dilúvio do devaneio, o colostro do seio, o sal de todo mar em ressaca do meu cio

...

Quando escrevo, escrevo o vazio, a fria palavra sem estação, muda, sem leitura, em carência de entendimento, crua de acalanto

...

Ainda escrevo

...

Ainda escrevo, escrevo o amor, o elemento de transcendências astrais, o idioma da alma, as vibrações nas profundezas abissais, o perdão, a criação infinita em clamor

...

Ainda escrevo, escrevo o estupor, o êxtase do passado, antítese da eternidade, o tempo esparramado em átimos do potencial de todo o porvir embalado em presente

...

Ainda escrevo, escrevo a tangente, a curva que não penetra, o deslizar de carícia e o abraço que aperta, em multidão o despretensioso toque na barra da virtude

...

Ainda escrevo, escrevo a magnitude, além do existir, o impossível, grão de areia e o deserto, o renitente persistir, o ponto futuro da flecha lançada no alvo do amanhã

...

Ainda escrevo, escrevo a anciã, a sabedoria ignorada, as cores do infinito, o destino da estrada, a dimensão do sonho, a magia, o mantra da natureza

...

Ainda escrevo, escrevo a beleza, o suspiro de satisfação, a vida no beijo, o encanto de fascinação, o curativo imanente, a ternura da flor, o espanto da existência

...

Ainda escrevo, escrevo a paciência, a brandura que acalenta, a estrofe que faz sorrir, a luz que a treva afugenta, a descrição do esplendor, a colheita do verdadeiro valor

...

Ainda escrevo, escrevo o amor, o elemento de transcendências astrais, o idioma da alma, as vibrações nas profundezas abissais, o perdão, a criação infinita em clamor

...

Dom Quixote

nas lutas contra o impossível
nas aventuras do incrível
alcançar a derradeira vitória
inimaginável seria a história
das virtudes que já eram dantes
dos valores iniciais da semente, o mote
das dúvidas inexistentes nos instantes
e da inspiração da personagem de Cervantes
o sonho sempre parece crível
se não conhece o impossível
com a bravura de um Dom Quixote
irrompem-se horizontes
sejam monstros ou moinhos
desbravado resta o caminho
nas aventuras do incrível
com ventos e ventanias
a glória contada em versos de poesia

À noite

-É só mais um carinho
Quero lhe dar a noite
Com a lua e todas as estrelas, quem sabe
Ser a madrugada...

-Seria um sonho lindo
Se tivesse um acento grave, se fosse uma crase
Veria constelação, se fosse
Seria enamorada...

Quadro na parede

...
sinto-me na parede um quadro
uma janela, uma paisagem
desejo escondido na imagem
a luz do meu olhar é ar
ar do seu respiro, transpiro
ar do seu sopro, suspiro
quero ser seu lençol
acalento de um cobertor
quero ser do dia seu sol
acalanto de um trovador
anseio ser seu chão
passarela dos seus passos
segurança de um solo
desejo-lhe o colo
abraçar-lhe em abraços
toma-me o coração
faz prazer no meu paladar
mate-me a sede, seja-me o cantil
seja da minha vida todo ato
dê-me suas curvas, seu quadril
dê-me um olhar e fico grato
desejo escondido na imagem
uma janela, uma paisagem
sinto-me na parede um quadro

...

Tom carmim

Eu só quero pra mim
Sua boca, tom carmim

Seu olhar me aquece
É luz que me alumia
Luz com sabor de sina
Tatuagem do destino
Esquecer é desatino
É todo sentido, aproxima
Ímã, inevitável alquimia
Seu olhar me aquece

Sua boca, tom carmim
Eu só quero pra mim

Despe-me o chão

...

Despe-me o chão

Leves passos desde que eu tinha idade

Meus rastros altaneiros me perdem ao vento

Não sou o pássaro que corta afiado o céu

Mas sou a vastidão do voo em liberdade

Mais ao alto sou um astro no firmamento

Mas distante dos vazios ídolos de barro

Tocar a plenitude da possibilidade é raro

Seria a chave que decifra o enigma do impossível

Desvendando segredos do imponderável

A idolatria se dissolve rarefeita e a fugacidade se dissipa igual bruma ao ressurgir do sol

Tal qual para a água do rio o mar é o trespassar do véu

As dimensões da existência são o descortinar do meu quintal

Sou do pó da estrela que se apagou

E sou a eternidade da expansão sideral

E sou ainda como o grão de areia que no deserto não existe diante da infinitude

Sou a minúscula gota do divino oceano astral

Sou filho da sabedoria infinita

Minha criatividade é perfume que não se contém em frasco

Mas a insignificância é o próprio frasco da contenção do que é limitado

A resposta encontra-se sempre liberta

Meus rastros altaneiros me perdem ao vento

Leves passos desde que eu tinha idade

Despe-me o chão

...

Você nunca se foi

O sol já cruzava o oceano céu, já se preparava para submergir no horizonte oposto, quando seus olhos me fitaram, fazendo novamente manhã em pleno ocaso, fazendo-me orvalhar em minhas folhagens, trazendo o frescor da madrugada de toda nossa história.

Não compreendia e não compreendo sua ida, perdendo-se da minha realidade, ferindo meu tempo com o hiato da sua presença, desperdiçando minha vida em saudade e ressentida esperança, sequestrando-me os momentos de todo meu presente no cativo da construção de sonhos para poder me apegar, na ânsia de nutrir minha abstinência, de respirar a ilusão que me sustentava.

Confesso que lhe malquerei, ainda que hipocritamente, mas foi devaneio da mágoa do abandono, senti-me assim como se arrancado em raiz e deixado agonizando em prantos. Foi um desafio conseguir afirmar, mesmo que falsamente, que havia me restabelecido da sua ausência, com o lema motivador de apenas hoje, apenas mais um dia em desamor, e no íntimo alimentando um amanhã contigo...

Mas nos dias que sucederam sua ida, relutei em admitir que não estava inteiro. Mesmo em cacos, dilacerado pela decepção, queria poder dizer que ainda tinha chão, sendo que estava em queda despenhado e sofrido.

Busquei auxílio até no terreiro, entregando-me com mais afinco à minha fé. Roguei aos caboclos guerreiros lhe encontrar o paradeiro para também parar, supliquei aos orixás, aos santos, recorri aos patuás, aos pretos velhos um acalanto, um alívio, um encontro com a paz que não mais reconhecia, ajoelhei diante do gongá. Fiz prece sublime a Oxalá, fiz descarrego, fiz oferenda a Yemanjá! No desespero pedi proteção aos guardiões exus, nos caminhos de encruzilhada, encorajando-me a prosseguir nessa cruzada de contigo de repente o caminho novamente cruzar. Pedi por mim, e também por ti.

Remediei a ferida que insistiu aberta, mas com dor mais amena diante do bálsamo da resignação, após acolhimento da caridade santa, que fez retirar do meu coração qualquer sequela de maldade, mas nunca me afastou a dor devastadora da saudade que é uma tormenta, que me atormenta em vigília e em sonho...

Pensei que me restaria na vida viver mutilado, pois assim desinteiro seria minha sina, um espírito fracionado e subtraído errando esqualido pelos caminhos desse mundo sem compreensão.

Já estava decantado em aceitação de uma espera sem solução, aguardando o fim da expiação, confiando convicto na eternidade que nunca se abalou na minha consciência, ainda que a aflição

me açoitasse nas trilhas pedregosas da carência e fome de amor, nessa existência apenas sobrevivida.

Mas a vida nos surpreende! Seguia a minha estrada com meu olhar turvo, preparado e curtido pela dureza da vida de privação de mim mesmo, ainda no exercício do apenas hoje, apenas mais um dia em desamor, em que todas as noites, transcorrida a madrugada, o sol se punha absurdo ao oeste, já não tinha dias...

Mas a vida nos surpreende! No fim de uma tarde sem manhã, com o espírito preparado para enfrentar as revoltosas trevas, um raiar de luz restabeleceu todos os meus dias, todas as minhas manhãs!

Fez-se alvorada que há muito não vivenciava, uma sensação de libertação de todas as dores que jamais senti... Uma felicidade de uma proporção que estancou toda a angústia que nunca mais senti... Um milagre que fez da minha jornada triste uma ficção de um não existir...

O sol já cruzava o oceano céu, já se preparava para submergir no horizonte oposto, quando seus olhos me fitaram, fazendo novamente manhã em pleno ocaso, fazendo-me orvalhar em minhas folhagens, trazendo o frescor da madrugada de toda nossa história.

Lembro-me

Lembro do seu sorriso, ele não se perdeu no tempo e ainda me ilumina a face, alegra-me a cadência e me faz sorrir como criança

Lembro do seu olhar, guardo-o no mesmo lugar, quando me sinto carente busco-o nos meus aprestos, e me alento na lembrança nesses restos de esperança

Seu nome eu ainda recito, é como música de encanto, como versos eu musico, mantra que acalenta meu coração, alimenta a razão dos meus devaneios

Lembro-me da sua silhueta se esvaindo, antes do meu toque ia distante diminuindo, luz da minha visão se desluzindo em seus passos indo para outra direção

Do seu nome eu faço prece, é como bálsamo ao desencanto, como cantiga que aquece, que entenece o coração, alivia-me a vazão dessa vã espera

Lembro do seu sorriso, ele não se perdeu no tempo e ainda me ilumina a face, alegra-me a cadência e me faz sorrir como criança

Seja assim

Faça-se

Chuva

Chova-me

Faça-se

Sol

Bronzei-me

Seja

Noite

Venha sonhar

Torne-se

Dia

Meu despertar

Vai...

Vai, servil abjeto
Anda, mostra sua torpeza
Inconsequentemente, mente

Tanta estupidez
Onde está a sensatez?
Mesmo no torpe momento
Até o óbvio é renegado
Ruminam, reverberam tolices

Não dá para acreditar em tantas asnices
Ontem ou antes, não falava tão alto o gado

Como não se indignar com tanta canalhice e degradação?
União revolucionária da vilania, da tirania e da corrupção

Vai, servil abjeto
Anda, mostra sua torpeza
Inconsequentemente, mente

Estações de você

Primavera

Seu perfume

De flor

Estação

Verão

Seu calor

Outono

Achego-lhe

Clima terno

Friozinho

Aqueço-lhe

Nesse inverno

O feminino

O feminino

No olhar que encanta

Na força que espanta

Que gera

Que cuida

E protege

Que cria!

Mãe

Filha

Companheira

Amiga

Mulher!

De lá

Do lar

De cá

De todos os lugares

Onde mais quiser

Dos sonhos

Da realidade

A expressão mais terna

A expressão mais sensível

Portal da humanidade!

Ciclos de mim

Uma bruma que me molha
Garoa-me a madrugada
Brisa-se em noite calada
Num olhar que me aurora

Raio de minha luz tangente
Acendo-me o dia ainda menino
Faço-me manhã plangente
Avoco-me a tarde, vespertino

Ocaso, poenta-se o momento
Anoiteço-me, em sombra, descanso da luz
Revivência, reinício do que não tem fim

Estrela-se meu firmamento
Desenha o meu destino, guia que me conduz
Sou noite e dia do tempo, ciclos de mim

Sem fronteiras

...

Um solo de caminhada
Um colo de algum carinho
Uma brisa, um sopro
A carícia do vento é a pétala invisível caída do céu
Das incomensuráveis nuvens, dos jardins do mistério
É o toque imaterial que desperta o arrepio
Por vezes é frio
Um solo de caminhada
Um colo de algum carinho
Sem solidão num universo sozinho
A linha do horizonte, como uma cicatriz de céu e chão, de céu e mar, já não vejo...
Talvez seja o gosto do meu desejo
A linha do horizonte enrolo em carretel
Solto papagaio de papel
Nas águas de oceano, em terra firme planando
Surfando nas ondas num céu aberto...
Um calor de um sol que se põe ao luar...
Sonho sem fronteiras...
Enquanto isso nuvens livres me levam ao chão....
Um solo de caminhada
Solo, sem prumo
Errando, certo, sem rumo
...

Justos devaneios

Acusado de devaneio poético, defendi-me bravamente em confissão!

A voz da alma salta-me em palavras escritas, articuladas na sensibilidade crua da cognição.

Não espero clemência, é um julgamento em vão!

Meus versos são como diamantes sem lavras,

surgindo à flor da terra, brotando os sentidos de sonhos, desatando o improvável, decifrando o imponderável...

Em qual delito se encaixaria as ações em letras da fantasia?

Ainda defendo minha liberdade, pois descareço da ilusão; todas as minhas orações guardam a razão na verdade, essa é minha retórica.

Quem em plena consciência desmentiria o sonho?

Quem em insana inconsciência refutaria a livre expressão?

O que proponho é razoável e não creio ter me implicado em nenhuma contravenção.

Quem me acusa, o tirano carrasco, é recluso do próprio grilhão que lhe turva a visão, sem qualquer horizonte a lhe clarear os anseios.

Jamais teria nos braços as montanhas!

Não dormiria em teias de aranhas!

Sequer pensaria em ser passarinho!

Nunca libertaria os rios das margens, ou ampararia as cachoeiras em queda!

Não sorveria em sedução o simples aroma da brisa, em sussurros indecifráveis!

Jamais imaginaria colecionar nuvens de todas as formas, moldadas com zelo pelas mãos dos ventos!

Não escreveria além do tempo e do espaço!

Nem falo do amor cantado em versos ou das paixões que fazem o mundo tremer, dos romances com asas e cometas...

Acho que seria impróprio, pois soaria como ironia, talvez poderia soar como um desrespeito e, também talvez, daria motivos para outro julgamento.

Quem me acusa talvez nem compreenda a luz do próprio pensamento, assim não compreenderia meus motivos, não enxergaria a dimensão da minha vida, pois não há justiça no vocabulário de quem não sonha.

Ainda que as palavras não me faltem, o incauto acusador não às conhece, pois não escuta, não às conhece, pois não às sente, sua densidade lhe entorpece a mente, talvez seja mais vítima a cada acusação e julgamento, talvez sua sina não tenha verso ou estribilho, não tenha luz, não tenha brilho...

O carrasco que me acusa, que me condena e executa, é a semente seca da desilusão que ainda assim rego, como regaria qualquer deserto, em infantil inocência...

Quem me acusa, nunca foi criança...

E na minha eloquência, minha dialética, quero que seja, o acusador, meu próprio deserto que insisto em regar, crente que flores lhe brotarão e do grilhão aferrado lhe nascerá amor, libertando seu discernimento para além do verso, ampliando sua visão ao bom senso poético.

Dessa forma, ele viveria e se surpreenderia brincando nas enxurradas de chuvas de oceano, com corsários de papel e piratas enviando cartas em garrafas aos afetos do mundo, como qualquer um que vê iria fazer em plena consciência.

E do chão faria um caderno dos seus rascunhos para semeadura de encantos, sem julgamentos, em cultivo do milagre e da esperança, garantindo os frutos de toda poesia...

Acusado de devaneio poético, defendi-me bravamente em confissão!

Pequi vale mais

Por mais sensibilidade
Em vez de boçalidade
Quando um tomba doente
Uma família sofre de verdade
Inda debocha o demente

Rindo da nossa má sorte
O presidente sempre mente
Índio, pobre, idoso, criança
Doentes a espera da morte
Onde ficará a esperança?

Vacina foi desprezada
A campanha finge que existe
Lamentável, é algo muito triste
Eu nunca vi tanta burrada

Mesmo diante da evidência
Assim mesmo renegam a ciência
Iludidos na ideia homicida
Seguem apoiando o genocida

Além da razão

...

Além do véu

Esconde-me o mistério

Além do mar, terras de além

No desdobrar do tempo

Resta-me o alento

Os trilhos, os túneis, o trem

Nas estações, o que convém

Aquém do amar, a escuridão

O espaço imenso, amplidão

Acende a luz, suspiro da razão

Decifrando a vida em letra de amor

Sem presença da rima, ou seja como for

Na curva do vento, resta-me uma brisa

Um sopro de vida

Sublimação do critério

Além do céu

...

O céu e o trovador

...

É como buscar o ouro no mais longínquo ponto do espaço...

A distância me pertence e o tempo passeia por mim, acariciando-me em atalhos meus planos imponderáveis...

Mas sou indiferente ao meu orgulho!

Sou o céu e escolho a inspiração como instrumento mais fecundo, indo sempre além do que se pode perceber...

Minha existência é baseada no amor que toca até quem não crê!

Inspiro a crença do paraíso, do sublime eldorado dos arcanjos, da eternidade feliz, angelical e celestial! Mas viro imagens de sóis, luas estrelas e cometas a circundar as mentes extasiadas no gozo do prazer...

Aquele homem, trovador lírico apaixonado, que me fitava em sonho e admirava minha constelação a enfeitar-me o véu desde antanho se perde nessa quimera que a fantasia lhe trouxera, desprezando a realidade, aproximando-se de mim...

Se me visse despido da lua e das estrelas, veria a revelação do meu dia, ilusão da luz que esconde as minhas grandezas e toda a dimensão que me alivia, em todas as constelações da minha alegria...

Em seu devaneio de paixão em versos e canção, desvelaria-se toda sombra, toda fraqueza, toda aparente insignificância e tudo que ainda marca sua essência humana...

Também desvelaria as marcas de toda luz que emana e de todo o poder da criação sem cessar, e que por vezes me ilumina em clarão quando sou noite...

Desvelaria ainda a centelha em seu coração que cada nebulosa me abraça...

Aquele homem, trovador lírico apaixonado, faz o universo pleno de expansão que me devassa!

E na sinfônica dança de astros em todo canto dos meus encantos, no meu quântico deleite sideral,

continua a me fitar em sonho...

É como buscar o ouro no mais longínquo ponto do espaço...

...

Qual saudade

Saudade inspira
Você tem saudades, percebo a ofegância do seu suspiro...
Preciso saber, perquiro!
Sua meninice que lhe nutre saudades, me anima
Traz do ontem a bruma que ainda lhe faz menina

O amanhã é o horizonte do destino
Seu futuro que injustamente desprezava
De brincadeiras, em sono fantasiava
Sempre foi amada, sempre teve carinho

Cresceu, sim! Devaneios viajavam seus dias
As figuras das nuvens eram suas fantasias
Uma princesa e um príncipe, era apenas poesia

Ah! Essa menina que sente saudades, eu desejo!
A maturidade transformou-lhe em eternidade
Em história que fica, beijo da vida em gracejo
Sonhadora inveterada, é verdade...

Não lamento se pouco vivi
As ilusões e tantos amores
Querendo arrancar-lhe o medo, sofri

Não sofra, os cacos de suas partidas
Fazem mosaico em meu peito, fênix bendita
E meu coração pulsa feliz, na vibração do seu amor...

Rio

Eu rio

Rio até o mar

Nas margens meu canto

Sorriso de canto a canto

Da graciosa graça

Alegria vasta

Decifre-me com teu sorriso

É a chave que preciso

Das minhas águas correntes

À liberdade do oceano

Do oceano que me contém

Rio por te amar

Eu rio

Rio que em ti deságua...

Homenagem a um amigo

...

Foi guerreiro na guerra
Foi obreiro na terra
Sensibilidade social, cativava a gente
Visão solidária, conquistava corações
Doce docente da Filosofia
Música, coral, versos de poesia
Apreciava a arte em suas emoções
Na conversa fraterna, acolhia clemente
Num abraço de universo sorria
Num sorriso aberto vivia
Um entusiasmo contagiante
Sua presença é marcante
Semeou amor, colheu amizades
Trilhou desafios por suas verdades
A sua modéstia irradiava sua luz
Falava de fé, dedicava a Jesus
Agora liberto dos trajes lindeiros
Está aos cuidados do amor verdadeiro
Guardado, acolhido no curso da vida
No colo e nos braços de Dona Everilda
Acalentado nas preces dos amigos seus
Por fé na glória, na misericórdia de Deus
Música, coral, versos de poesia
Doce docente da Filosofia
Foi obreiro na terra
Foi guerreiro na guerra

...

Perfume das Flores

Do jardim do tempo
Marcas do momento
Paisagem do sentimento que invade
E repercute além do limite das eras
Era uma vez, tantas vezes
Lembranças boas são primaveras
Fragrância de instantes, saudade
Ressentido gosto dos prazeres
Prazeres da vida tatuados na aura
Fotografias, ornamento da alma
Átimos cintilantes das memórias
Hálito ofegante das histórias
Fragrância de instantes, saudade
Perfume das flores
Do jardim do tempo

Insurgente

...

Vozes habitam meu silêncio
desbravando em ecos
os caminhos vazios de mim
semeando sementes
nos sulcos de minhas feridas
aradas em cortes
cortes dos açoites das vidas

Ouçõ passos em minha mente
tentam persuadir meus nortes
quem me invade os guetos
e esvai-se por minhas artérias
estala-me ossos, sufoca-me traqueias?
sinto a percussão da marcha, ritmada
perlustram-se minha alma cansada

Sinto a vigília que me persegue
por meu interior e litorais
desde minhas montanhas aos corais
por toda minha extensão essa sensação
por toda minha emoção
este que sou, não me conheço
este que não sou, me reconheço

Aquele que esconde na sombra
das noites do meu ser se espreita
onde encontrar quem me busca?
vozes fazem me armar em luta
atento, apreensivo, percebo a feita
era um dos meus eus rebelde em consciência
da semente que germina insurgência

...

Amor intemporal

...

No princípio eu já te esperava!

Aguardo-te no tempo

Ainda que intemporal seja nosso amor

Não demoras nessa eternidade de espera

Seria insanidade esperar-te antes da existência desse desejo

Que inaugurou o primeiro dia havido luz e o breu da primeira noite...

Aguardo-te no tempo

Mesmo que a espera seja além de todos os instantes

Não te detenhas

Pois agora temos o céu que será nosso firmamento, a água que jorra, temos o mar das águas de oceanos

E meu pranto carente de ti...

Aguardo-te no tempo

Na terra nua nunca antes pisada

Nas pétalas das primeiras flores que inventaram a primavera

Na relva virgem que nos acaricia os passos, aguardo-te no frescor da sombra da prima luz nas copas

No sabor dos frutos, no tempero do meu paladar...

Aguardo-te no tempo

No princípio da imensidão

Nos ornamentos que alegam os céus com as estrelas nunca antes vistas

Na novidade do sol e da lua, na descoberta da beleza que inspira meu encanto

Aguardo-te no parto da alvorada e no puerpério do horizonte...

Aguardo-te no tempo

Antes do voo descobrir a liberdade

Da beleza do povoamento das águas em suas profundezas de sal por todo mar
Antes dos cantos de todos os pássaros
Aguardo-te antes da multiplicação da vida, antes do respirar
Antes de se conhecer a morte, antes do primeiro beijo...

Aguardo-te no tempo
Desde o tempo da criação, do início dos sinais
Dos primeiros animais, do mistério dos elementais
Desde o devaneio ascendente da semelhança ao Criador
Desde tempos em que éramos a ingenuidade do homem e da mulher em busca do sabor
Aguardo-te no tempo, na ilusão de um primeiro amor para todo o sempre...

Aguardo-te no tempo
Desde antes da palavra do profeta
Antes do verso do poeta
No exato dia do primeiro descanso, quando tudo ainda era criança
Na sementeira da esperança
Aguardo-te na contemplação umbilical do suspiro de tudo o que foi feito
Aguardo-te sem malícia, na consagração do amor, na delicadeza e enigma da primícia ...

No princípio eu já te esperava!

...

Ser poente

Um ser já com tantas idas
Agora contando bem mais chegadas
Sem a esperança no chão das estradas
Anseia voos, prescinde de mais rastros
De mais pegadas nesse chão
Aguarda o tempo, impontual
Até a próxima estação
Sem pressa, sem demora, casual...
Dizem que as pessoas velhas menos tempo possuem...
Mas quem domina o instante?
A vida não se mede pelo tempo
A vida não é uma constante
Somos todos potência
Potencial da vivência
A vida se estima pela exponencial da sabedoria
Com base na intensidade...
A verdade em um átimo é eternidade...
E todos somos como um dia
Nascemos no milagre da alvorada tão bela
Mas o sol quando se põe também é espetacular
Um repouso de se libertar
E a noite é mistério de céu
Um trespassar de véu...
Não envelhecem os idosos
Da criança nascente, agora certamente
Idosos apenas estão poentes...

Palavra Mãe

A palavra Mãe não é um mero substantivo, deveria ser no mínimo um substantivo próprio.

Decerto e mais propriamente, deveria ser um adjetivo, com a acepção de melhor virtude, além da humanidade, adjetivo que representaria algo além do cuidado, além do carinho, que possuiria a significância do acolhimento, de ninho, que em si, nessa pequena palavra, conteria o maior dos significados, seria o adjetivo que designa o coletivo das manifestações do amor, uma palavra que quase é o sinônimo do próprio amor.

Essa palavra, 'Mãe', é em si um elogio e uma sacralidade.

Deveria ser mesmo um elogio, assim, por exemplo, a uma pessoa que fizesse algo extraordinariamente heroico: 'Foi uma verdadeira Mãe'!

Ou no encorajamento a um desafio: "vá, acredite, você tem o poder de uma 'Mãe'!" Na percepção de um respeitoso poder que se impõe com a presença: "Tem que respeitar, hoje ele está 'Mãe' demais!

A palavra 'Mãe' também poderia ser conjugada como um verbo, afinal, se pensamos em 'Mãe', lembramos certamente de ação.

Deveria ter sua expressão verbal, assim como o amor tem sua forma verbal em amar.

E o verbo derivado de 'Mãe' teria aplicação nas ações que expressassem ternura, cuidado e proteção.

Mas a real extensão dos excelsos significados dessa bonita palavra, 'Mãe', encontraremos nas expressões poéticas.

E ao grafarmos 'Mãe', para quem possui maior discernimento da sensibilidade, escrevemos uma brilhante prosa poética!

Ou podemos desdobrá-la em estrofes, em versos, sem se preocupar com a rima, pois inexoravelmente já rimaria com vida, com amor, com cuidado e com qualquer outra palavra com sentido elevado.

Sem preocupação métrica, já é a medida, em qualquer estilo!

'Mãe', para quem acredita na eternidade e no destino em carinho, já é um poema perfeito, declamado por todos, com a sonoridade da música de ninar a embalar sonhos de criança no colo...

Inspiração em tormenta

Lá fora, o silêncio
No meu íntimo estrondo
Barulho e confronto
Aqui, paisagem cinzenta
Lá fora, aventa
Cá dentro, incêndio
No meu ínfimo enquanto
Soturno desencanto
Às vezes, epopeia em ventura
Noutras, esperança em clausura...
Libertação na lucidez
Uma porta que não se fecha
Ilusão esperando sua vez
Inspiração que medra
Ainda que na tormenta
De desengano se alimenta

Amanhã, talvez

Não acredito mais no homem
Desde todo ontem
Não acredito hoje, ainda uma vez
Acreditarei amanhã, talvez
Talvez, pois tenho esperança

Minha emoção é em destemperança
A vida me mostra sensações cruéis
A distância eu ignoro, mas está ali
Não sou tolo nesse chão, viverei e vivi
A miséria é calculada em papéis

São cartéis da subjugação e da fome
Ignoram, veem números e não nomes
A riqueza da vida se garante a poucos
Da dor e da desolação, ouvidos moucos
É orquestra no mundo da indiferença

Abundância, ganância, é a regência
Uma música fria toca a alma gelada
A dor vazia de um vazio frio insano
A fria face do homem inumano
Faz do infortúnio alheio sua escalada

Abstendo dos sonhos pela miséria
Da ignorância, ignoram-se a guerra
Dói a ignorância que o sonho enterra
Os pobres coitados, a prima matéria
Tristes resignados que se consomem

Não acredito mais no homem

Desde todo ontem
Não acredito hoje, ainda uma vez
Acreditarei amanhã, talvez
Talvez, pois tenho esperança

Luz e forma

A plenitude do poema é a emoção sentida
Quando inspiração e palavra, em sintonia
Dispondo-se em favor da beleza e harmonia
Fazem-se aflorar em versos de poesia

A inspiração é a luz desabrigada na escrita
A palavra, a expressão lógica do entendimento
Da inspiração ressaí a emoção do pensamento
A palavra plasmada se faz forma bela, bonita

Tal plástica evidencia a arte lírica da poesia
Sentimentos diversos que ao coração acena
Entregando-se em contemplação que extasia

No encontro da inspiração com a palavra
Como um jogo de luz e sombra é revelada
A imagem das emoções em forma do poema

Poesia musicada

Acordes durante à noite em criativos dedilhados...
Acordes, em acordes, poesia!
Teus gemidos são falsetes inventados
Tua voz é a sintonia em plenitude de harmonia
Por todas as tuas casas, som de acordes dedilhados
Pelo teu contorno violão, desliso-me pungente
Deleite, transpirando versos recitados
Acordes, poesia! Palavras, canção candente
Teu gozo é música, teu êxtase me orquestra

Encontrarei em si num prazer notável, talvez com dó do raro tempo, em noite de sol estando lá e aqui no nosso ninho...

Ré no tribunal de um amor magistral, tons de mel, de dá, de mi, em súplica sem julgamento, batons de fa no afã de carinho...

Teu gozo é música, teu êxtase me orquestra
Por todas as tuas casas, som de acordes dedilhados
Deleite, transpirando versos recitados
Tua voz é a sintonia em minha plena harmonia
Teus gemidos são falsetes inventados
Acordes, em acordes, poesia!
Acordes durante à noite em criativos dedilhados...

Elementos da vida

o que dizer do meu tempo
um rio sem montante, rio sem jusante
uma eternidade indiferente, delirante
um mistério ao pensamento
o que dizer do vento
o sopro criador que nos assopra
em nossa vitória e nossa derrota
a brisa que traz alento
o que dizer da terra
chão que se ara para a semente
estrada do caminhar da gente
campo da batalha da nossa guerra
o que dizer da água
quando se faz no alívio do meu pranto
quando mata a sede em meu desencanto
transbordando vida quando nos lava
o que dizer do fogo
do fulgor que abrasa a transformação
que faz transmutar nosso rogo
revolucionando nosso magma em erupção
elementos da criação perene que ressai
uma criação em mim ao modelo do pai
um templo em mim, em plena fé na vida
partindo nesse passo para várias idas

Anticristicamente

errante nesse mundo desgarrado
erros nos braços vazios que não me abraçaria
flutuo nos desafios atravessando águas bravias
esperançado numa vida nova que me engraçaria
fugindo do infortúnio, desterrado
para encontro das agruras de tantas almas frias
um valor que se nega
uma cruz em que me prega
outra cruz que se renega
no anticristico desprezo
aqui o infortúnio é o mesmo
talvez seja indigna carência
carência de um preço
e persevera meu desespero
errante nesse mundo desgarrado
errante nesse mundo desgraçado

Caminho do destino

em pedaço de caminho
não se chega ao destino
há percalço, descaminho
desvio de rota, desatino

sigo esse trecho sozinho
sou solto desde menino
recinto de colo, de um carinho
lutando com meu corpo franzino

na vida temos valor genuíno
de caráter íntegro, com refino
a iluminar o espírito umbralino
na centelha de brilho astralino

o saber pode vir tarde, vespertino
ajuntando saberes que vão se unindo
e a grandeza da alma vai ressaindo
qual espírito errático, vai fluindo

em pedaço de caminho
não se chega ao destino
há percalço, descaminho
desvio de rota, desatino

De ti

quero de ti o imponderável
além da vastidão do horizonte
quero-te a quimera impalpável
quero-te o ventre
quero-te o sempre
quero-te na ilusão inexorável
além dos detalhes do instante
das letras, signos e significados
escrever-me de ti
nas palavras e versos grafados
entreter-me em ti
quero ser teu caminho
quero-te meu destino
ser mar de tuas rotas marinhas
e ser o porto da tua espera
ser a trilha por onde caminhas
quero vestir-me de chão
ser o mundo, ser tua Terra
na órbita do teu coração
quero de ti o imponderável

Sigo

Vim procurar nessa vida
O caminho sem tempo
Surpreso, perdi-me
Num tempo sem caminho

Piso firme o chão
Volvo o olhar
E encontro rastros
Rastros que se estendem ao horizonte
À frente o desconhecido me chama
Sedutor e irresistível

O medo me envolve a aura
Sigo, ainda assim
Onde me encontro
Não me acho

Todo o semblante do seu ser

Escrevo neste papel seus olhos
E em versos tenho seu olhar
Em ondas de soltas palavras tenho o mar
O mar do pranto dos meus olhos

Minha carência não se desfaz na escrita
Na criatividade tento me compor em composição
Mas na realidade escapo-me em versos de solidão
Minha fuga se escreve na minha escrita

A vida é muito além de um jogo de palavras
Em cada manhã é página para nova lida
E ao fim do dia, prudentemente se avalia
Se a noite será de culpa ditada em palavras

Neste papel sua boca escrevo
E em poesia toco-lhe os lábios
E em rima seus sorrisos vários
E beijo-lhe nas letras que escrevo

Meu acalento é seu belo sorriso
Que ornamenta esses meus versos
Nesta inspiração em que me imerso
Declamo em brados seu sorriso

Ouçõ seu sussurro em meus sonhos
Sorri dizendo que é a estrada do meu destino
Da sua boca o beijo do chamado ao caminho
Da paixão, do carinho... Eram sonhos

Em palavras descrevo o seu respirar
Um poema em quadras de seu suspiro

Em anotações o seu ânimo que aspiro
Nessas linhas seu fôlego, meu respirar

Tantos erros, nessa estrada tantos acertos
Sua silhueta em estribilhos desenhados
Fica inserindo meus devaneios versados
Escritos em versos sem sentido ou acertos

Seu expirar é o advento sopro de brisa
Sua inspiração detalha o meu poema
Sufoca-me em ares, velho meu dilema
Em linhas de versos o alívio é sua brisa

Escrevo neste papel seus olhos
Neste papel sua boca escrevo
Das suas ventas o vento nobre
Do nobre vento, meus devaneios
De um respirar de poesia
No meu olhar a fantasia
Dos versos de toda ilusão
Do seu sorriso o bordão
De toda graça que me invade
Inspira e encanta, faz-me vate
Engana e ilude a solidão
Em todo o semblante do seu ser

Imagem e sedução

O sorriso nasce do seu resplendor
E é luz todo o seu olhar
E seus olhos são faróis da fantasia
Fazem em carícia sombra ao dia
E realçam a noite em estrelas
Seduz a sede e a fome
Da sua boca irresistível, o hálito cântico de sereias
Em sua pele o descampado macio de relvas tenras como um prado a emoldurar-se em tela, uma perfeita arte bela
Seu perfume é expargir de brumas envolventes
E suas mãos brisas que sustentam voos
É guardiã da liberdade em seus seios
Que amamentam sonhos, desvarios
E seu colo abriga a alma da paixão
No seu ventre universos se escondem acolhidos
Seu orvalho é frescor da estrada do destino
Que escorre doce e candente, carente em ser sorvido na lubricidade, nas aberturas do consentimento
É inocência no êxtase do desejo agasalhado na insaciedade da vida...

Formosa dama da poesia

Memórias das várias andanças
Ainda parece hoje, o tempo ínfimo
Recordações e muitas lembranças
Invadem-lhe e afloram todo íntimo
Aspergindo versos, exercícios poéticos

Versos sobre amor e paixão marcam sua escrita
Ilustrando em poesia a emoção da justa crítica
Transeunte das linhas do romantismo sem fronteiras
Ótica da poetisa que nunca se aferra em preconceitos
Reverbera toda sua fantasia nos sonhos dos seus preceitos
Indo muito além em suas letras das ideias pioneiras
Assinando em gestos seus poemas éticos

Dama da liberdade, em generosidade reza a vida
Odisseia em verbos, são viagens seus versos
Realidade perene, gênio em força nordestina
Transmite emoções, seu caráter nos fascina
A poesia é fragrância do seu espírito que nos cativa

Nuvens e voltas

leve
poema breve
nuances
e depois
tua tez
breve
poema leve
nuvens
revoltas
insensatez
antes
e nós dois
vens
e voltas
leve

Aos meus amigos amantes da poesia

Ao meu coração já consagrados
Não faço versos por mero agrado
Faço poesia das minhas emoções
Num oceano de inspiração estou imerso
Tenho ilustres e brilhantes poetisas
O capricho da Edla, minha sonetista
No forte entusiasmo da sua eloquência
A singeleza de 'una Lucita' em versos
Na força feminina da madona nordestina
Vitória em prosa e versos que nos fascina
A presença imponente, ar de docência
Com a generosidade que na Neiva destaca
Digo que o seu brilho poético é uma marca
Afirmo que a inspiração da Ema me inspira
Ao meu coração já consagrados
Não faço versos por mero agrado
Faço poesia da minhas emoções
Num oceano de inspiração estou imerso
Também no elenco do meu afeto há bardos
Há ilustre cavalheiro que se derrete em fados
De delicadeza ímpar de um poeta singular
Temos o sotaque revestido em veludo
Um charme do poeta que escreve paixões
E há o poeta mensageiro dos corações
Codinome de Assis, fluente no versejar
Tenho amigo, que escreve até absurdo
Que surpreende em criação e simpatia
Falo dos meus amigos amantes de poesia

Caminho

o sentido de tudo
indica a direção
o sentimento puro
da pura reflexão

um nome que se diz
um chamado em vão
uma vida é esse triz
batidas do coração

um sopro que faz chegar
um alívio da solidão
uma brisa que faz tombar
tristeza e devastação

rebeldia de inconformismo
no curso da incompreensão
paciência ao que está escrito
no evangelho, a precisa lição

um emblema sem sofismo
da sublime anunciação
por nós redivivos, o Cristo
caminho da salvação

Realidades

uma realidade sólida mais adiante parece
prefiro ser o sonho imperecível
que no meu desdobramento me aquece
prefiro ser a livre brisa intangível
desguardada na ânsia da fantasia
que se esparrama nesses meus sopros
sopros do verbo que vive e me alivia
exalado na sublimação dos meus poros
por toda a minha imaginação, poesia
por toda a noite, agora, por todo o dia
por todo sol, por toda lua, chão ou astro
por todo céu ou universo que eu arrasto
no deleite de cada dia em que me abrasa
na realidade volátil que me descinge asas

Sementes de eternidade

Em verdade, na eternidade da vida viverei
Pelas raízes da semente perene germinada
No destino dos frutos dessa terra arada
Afetos que tanto amo, para sempre amarei

Fui caminho e pelo caminho longo me trilho
Sou a própria criação do meu espelho-brilho
Milagre, reflexo da imagem, ser a própria razão
Eu sou, filha e filho do filho, e neto na criação

O que trago dessa longa estrada incumprida
Além da luz do amor que ao futuro nidifica
No desiderato cármico que a todos tonifica

O que deixo de mim quando erro nessa vida
Certamente, restará eternidade nas sementes
E flores germinarão no caminho ao poente

Transcendente presença

Adentro-te
A casa vazia
Ocupo teu espaço
Teu tempo
Aporto-te
Em águas bravias
Um cais num abraço
Acalento
Acolho-te
Em tua agonia
Teu corpo lasso
Um unguento
Caminho-te
Minha travessia
Destino dos passos
Passamento
Revivo-te
Em minha poesia
Aroma do lastro
Encantamento
Amo-te
Como amarias
No teu regaço
Enlaçamento

Aquela mulher

Aquela mulher de cabelos de vento
E lábios de pétalas
Tem um olhar de chuva
Quando em prantos
Quando reluzia em fagulhas sua alegria
Seu olhar indescritível fulgurava
E tornava-se dia
A dimensão da noite turva
Aquela mulher se espreguiçava
Em tarde preguiçosa se estirava
E deleitava-se desbotando o céu, charmosa
E o turvo véu vem cobrir-lhe as virtudes
Um lençol a salientar as curvas daquela mulher sinuosa
Ela nua tem a majestade da lua
Aquela mulher é toda magia
Seus gestos são poesia
Sua ofegância o sussurro delicado
Seu semblante imponderável
Seu poder uma magia sensual
É encanto de se ficar encantado
E na madrugada é sonho

Se é morte, sorri

Se é morte

Morri

Nos túmulos diários

Da minha devastação

De entendimentos precários

De tormentas e confusão

Se sou surrupiado

Cala-se minha multidão

Se sou vilipendiado

Do lucro a exaltação

Se é sorte

Sorri

Nos acúmulos diários

Com toda nossa desconfiança

Subtraíram os mercenários

Numa articulada ciranda

Cidadãos são enganados

No vício do sacripanta

Em crimes continuados

Colhemos desesperança

Se é morte

Sorri

Um poeta Shimul

Um poeta alado
Um alado colibri
Um jeito pacato
Dos versos lúdicos
Da lúdica fantasia
Das palavras, poesia
Dos poemas fúlgidos
Nos faz sorrir
Nos emociona
Um alegre amigo
Sempre nos impressiona
Com seu jeito simples
Da humildade de um discente
Com habilidade de um docente
Cativa, conquista corações
Os corações da gente
Dá vontade de viajar por seus versos
Seguindo seus absurdos universos
Do seu pensamento marcante
Dá vontade de viajar por seu poemas
Da sua poesia tonante
E de repente estar ao seu lado
Ainda que em outro estado
Mas em estado de poesia
E de repente sentir a saudade
A saudade que já estou a sentir
Das ruas e calçadas de Caucaia
Da alegria da sua casa
E do calor de uma amizade
Seja qual for a estação
Em estado de poesia
Nessa prosa que não se ensaia
Num improviso do meu coração

Àquele que me faz sorrir
Em cada pouso carinhoso
Nas flores da inspiração
Em cada voo colibri

Descomposturado

Ele não, ele não
Presidente cagão
É bandido miliciano
É desonesto é ladrão
É despreparado, tolo
Indeciso, perdido, bobo
Maldoso, pouco inteligente
É burro e indolente
Incompetente insano
Autoritário, miliciano
É burro e é mentiroso
Quer poder, é ardiloso
É mau caráter, é mau
É falso, larápio, é mau
É despreparado, raivoso
Chulo e preconceituoso
É desonesto, é ladrão
Um presidente cagão
Ele não, ele não!

Sonho e realidade

Uma vez, deixando de sonhar, acordei.

Desperto na ilusiva vigília, segui uma rotina palpável, com emoções reclusas e pessoas que eu não conseguia enxergar a essência.

O Sol era apenas o sol, pragmático e pontual.

Incrivelmente, eu não conseguia acreditar que ele era alcançável e que poderia tocá-lo...

Na vigília deste mundo tudo fica estreito e o pensamento não vence a distância; para estar em algum lugar é preciso ir, e pode-se ir apenas em poucos lugares.

Tem-se correntes invisíveis como uma força que nos prende ao chão.

Aliás, tudo que se faz é no chão...

Desperto de sonho, nessa vigília, não se pode amar livremente e não se sabe livrar amadamente, e o que me causa surpresa é não se poder voar por aí!

Nem parece realidade...

Nesse estado supostamente desperto, o pensamento não é como o perfume, e a fantasia constrange.

Essa ilusória realidade é um desalento do sonho...

Uma fuga momentânea das verdades imponderáveis...

Uma busca nas limitações por amplidão sem limites...

E na ignorância a semente da compreensão plena.

Um paradoxo paradoxalmente sem contradições...

Um laboratório da crença na contenção do mero possível, para se colher a utopia do espírito impossível.

Talvez o despertar que entorpece os sentidos do discernimento, da visão e da crença, seja apenas um hiato da infinita possibilidade de existir, para o lapidar do ser criativo em expansão...

Talvez essa realidade seja apenas um estágio para se sonhar mais plenamente...

E a plenitude divina do sonho é amar!

O sonho é o alento desse devaneio de realidade, que se justifica enquanto reconhecemos as fronteiras restritivas da ilusão...

Uma vez, deixando o despertar, sonhei...

Sem pulso

O pulso agora não mais pulsa
Pudesse ter me encontrado
Na vida ainda em sua busca
Encontrar-me-á talvez na próxima

Tivesse me encontrado inda vivo
Ora despojado, ora desalmado
Descarregar-se-ia da mágoa tóxica
Mas não me deixe na história escrito

Com a marca de tudo que se evita
Como um marginal, um proscrito
Não me deixe na história escondido
Enclausurado na intimidade inaudita

No impulso da rígida emoção cardinal
No bater rítmico de um coração glacial
E num silêncio cruel, cinza, um sepulcro
Ante ao desalento do meu próprio luto

Ninfa do Jardim

Vi saiste seminua do jardim
Desfolhado corpo
Pétalas íntimas
Olhar agateado, felino
Insinuaste sedutora a mim
Arrancaste-me o todo
Fábulas intrínsecas
Encanto feminino
Senti seu perfume jasmim
Recitei seu dorso
Ninfa bela magnífica
Deusa do fascínio
Perdi-me no alucinante festim
Quedei-me em desdouro
Na abstração anímica
Subjugas o destino
Vi saiste seminua do jardim

Semeando Amor

Semear o amor
Ser bom lavrador
No advento do tempo
Todo valor do momento

Se árido é o coração
No sulco do arado chão
Faço a boa sementeira
Ainda que em terra dura

Nesse tempo raro me destino
Faço plantio do amor genuíno
Lavro, livro, cuidadosamente
Livro, largo a rediviva semente

Nossa escolha rege a colheita
É nosso arbítrio a sementeira
Colhe-se é o fruto que se planta
Calca-se a sina, vida que se suplanta

E no futuro fazendo-se a ceifa
A sorte diz e a Justiça aceita
O joio insípido, a dor ou aflição
O grão do trigo, o gosto do pão

Nossa escolha rege a colheita
A sorte diz e a Justiça aceita
Ser bom lavrador
Semeando o amor

Abraço vazio

Um aperto no peito
Lembro do seu olhar, do seu jeito
Sou ainda criança
Criança do tempo
Em lembrança
Guardada no suspiro
A saudade, o lamento
Do que era para ser vivido
E agora é tarde
O abraço tardio
O abraço vazio
Uma dor invade
A lágrima me visita

Rugas

Apenas um semblante
A expressar a complexidade da vida
Cárcere que contém a luz
Camuflada na verborosa sombra

Um rosto que sem sorriso se faz ausente,
Mesmo aqui diante de muitos olhos
Em fuga dos sonhos
Não vejo sua alma

Rugas, pálpebras e lábios arriados
Resignados na esperança da liberdade
Orelhas pendentes, nariz mais saliente
A protuberância evidente das suas extremidades
Guarda a ternura vespertina em brilho de sol poente
Sinais dos tempos idos do tempo idoso
Ainda há suspiros, ainda há anseios de sorrisos
Adormecida a fantasia de beijos

Voos razantes nos delírios desses olhos fechados
Sulcos marcantes reveladores de estrada
Símbolos a se decifrar a história dos tempos
Rabiscos no mapa da face

Parabéns ainda

Ao dia seguinte também é importante
O ontem não se perde no meu horizonte
Àqueles que não se prendem ao tempo
É sempre deles todo grato momento...

As flores não se limitam à primavera
São livres em sua beleza, em todo seu perfume
E viajam na fantasia do imperecível
Como o sol que nos traz pontualmente seu lume

Tantas vezes na minha lembrança tivera
Nunca me faltou em minha mente leve
A razão da sua presença irresistível

Hoje, assim como ontem, é seu dia
Nestes versos singelos da poesia
Em um soneto eternamente breve

Em Cabul

Não demorou e aterrissei em Cabul
A barbárie já se fazia presente
Minha humana visão era humanidade
Como compreender a fé que carrega espada
E arranca o coração, sem qualquer amor
Toma-se o ânimo, alimenta-se o tumor
Armando-se em nome da paz
Amando-se o tiro, pronome sagaz
Chama-se a luz, vem a treva
Mas nem todo homem se entrega
Do céu muitos voos à liberdade
De um céu que se fez refúgio
Em voo da alma refugiada
Não há luz no olhar, turvo prelúdio
Mas nem toda alma compreende
Um traidor arrogante que promove a dor
Sufocando a esperança da vida em torpor
Uma justiça que se exila
Um suspiro que asfixia
Enquanto reverbera a oração em nome do rancor
E a fome cruel que se apodera
Servindo à violência vil e insana
Com gosto de sangue e cheiro de morte
No pó indiferente a quem o pisa
Ao brado da brutalidade inumana
Que ainda se calará em derrocada

Letra de verso

estendo braços
ao céu escasso
desenho nuvens
e de repente é chuva
crio a lua
crio a noite escura
salpico estrelas
no teto infinito
em letra da fantasia
de um verso bonito

Em seu pensamento

Visito seu pensamento
Refresco sua lembrança
Em letras do realento
Nos versos da esperança
Avivo seu sentimento
Provoco destemperança
Anúncio do advento
Encanto de uma criança
Visito seu pensamento
Em letras do realento
Avivo seu sentimento
Refresco sua lembrança
Nos versos da esperança
Provoco destemperança
Encanto de uma criança
Anúncio do advento
Visito seu pensamento

Nascer da paisagem

faz-se o nascer de chão
semeia-se em qualquer vazio
grão da poeira qual semente
rega-se com min'alma torrente
em nuvem de precipitação
de toda a minha alegria, rio
brota-se de uma nascente
límpida água corrente
também se nasce das entranhas
as alturas das montanhas
moldura-se em vivo quadro
a mais plena e linda paisagem
pinta-se o horizonte c'um traço
e o raiar do sol clareia a imagem

Destino Passarinho

Voa passarinho
De alma passageira
Sopra em voo agora
Livre dessa gaiola
Pousa passarinho
De asa viajandeira
No galho a ti erguido
Destino que é cumprido
Canta passarinho
Ave alvissareira
Espírito que encanto soa
Na melodia que entoa
Voa passarinho

Ipê Amarelo

Alvorada de chão
Luzentes pétalas de esplendor
Raios de sol em flor
Sementes de sol ao chão

Sob as pálpebras noturnas
Se esconde do olhar
E ressurgue clareando a flora
As flores de uma nova aurora

Sob olhar o horizonte
Da mais diversa paisagem
Amarelo do ouro que brota
Iluminado tesouro em copa

Sementes de sol ao chão
Raios de sol em flor
Luzentes pétalas de esplendor
Alvorada de chão

Ninho da serpente

Brasil não rima com fuzil
Não rima na sua essência
Somos uma maioria silente
Cultivando o ovo da serpente

De onde esse fanatismo hostil
Que eneguece a consciência
Hipnotizando grande multidão
A seguir sob cabresto essa gente canalha?

Não baixemos a voz a esses fanáticos
Que nosso brado seja forte trovão
Não podemos mais seguir apáticos

Passivos, mansos como gado de corte
Avante à marcha, ergamos o braço forte
Sejamos o próprio estandarte dessa batalha

Face do Amanhã

há um abismo na escrita
uma queda, um despenhadeiro
há um horizonte que grita
uma estrada e entroncamento
uma dúvida que nos agita

orbita-me quimera de estrelas
são sonhos reais, verdadeiros
fita-me a face do amanhã
um porto e cais, um acolhimento
recita-me a esperança sã

o que me faz o mensageiro
o parasita e o hospedeiro?
o que me faz o sinaleiro
portador da sina ou do lamento
o próprio sismo que terrifica
ou a curta ilusão que pranteia
a alma revestida do medo?
mas a febril fé ainda vivifica
na verdade crua que à luz ponteia
há um alívio na escrita

Tempo despercebido

Em meu âmago
A pura essência
Ressinto a cadência
Da rotina do que é simples
Da vivência ingênua
Do chão com pés descalços
Pisando a crua terra
Da infância, a lembrança
Das brincadeiras de criança
Ressinto a carência
Do tempo perdido
Da vida com mais sentido
Do que foi passado
E despercebido
Íntimo tempo de paz
Esvaído em guerra
Refletir do clérigo a homilia
De qual mundo eu esperaria

Muito sonho

...

Há muito tenho sonhos
Sonhos além de mundos
Além de mim
Sonhos além de mim
Sonhos muitos
Sopros de muitas brisas
Sopro dos ares
De tantas vidas
Livre o pensamento, voo
Nos limites no impossível

...

Fronteiras

Há muitas fronteiras
Os caminhos restaram órfãos
De destino, de origem
Caminhar inóspito
O olhar insípido
Rezo para o horizonte
Para o perto, para o longe
Clamo ao léu, ao além
Com toda força que convém
Há muitas fronteiras
As margens sufocam o rio
Sem montante, sem juzante
Desaguar insólito
Ânimo tépido
As distâncias sem carinhos
Os toques mesquinhos
Rogo esperante
Pugno o certo, todo instante
Clamo ao céu, ao além
Com toda fé que provém

Canto de emoção

Leve num descingir
Entre o céu e o chão
Cantar da emoção

Melodia que se vive
Sinfonia em harmonia
No entoar do pássaro
Em seu belo canto
Se fosse de alegria
Sem grades, solto

Canto sem voo livre
É cantoria de carpir
No entoar do pássaro
Num heu de pranto
Sonata do ressentir
Chilrear do desgosto

Das suas asas poesia
Dão liberdade às cores
Dão liberdade aos tons
Liberdade à fantasia
Ao paladar de sabores
Alegrando belos sons

Leve num descingir
Entre o céu e o chão
Cantar da emoção

Cortejo do vento

Ela falava
E ao som do mar
E bailar das ondas
O vento
Sussurrava

Ela se declarava
E o suspiro
De todas as brisas
Revoltava da areia
Os grãos

Ela se emocionava
E, acolhida
Pela suave ventania
Sorvia as carícias
E voava-se

Trecho de um diálogo

...

Vento!

A fria brisa sussurrava suave o aviso daquele que do sopro me fez filho:

- Segue, filho do filho!

Cria do Criador.

Cria!

- Creio, mas do frio fiquei arrepiado!

Tanto mistério que se expande em síntese de poesia

...

Soneto da Revolução

nossa palavra com ansiedade
o verbo ávido de um sopro aflito
em pura rima da letra sintônica
a ideia rebelde saltada em grito

lutas por uma nação harmônica
luta incessante, noite e dia
voz da liberdade, em poesia
ode da justiça e da igualdade

é um soneto de uma revolução
versos da esperança, ação reverberada
para uma social transformação

é um grande movimento, o levante
ultrapassando as janelas da nossa casa
nobre impulso de um povo gigante

Rotina e Sonho

Cansa-me tanto chão
Paro nos meus recantos
Clamo breve descanso
Tantas vezes me dói o dia

Entre madrugadas e noites
Há muita clareza de tempo
Onde escrevo minhas rotinas
Colhendo cores, flores, açoites

São muitas idas e dias
Muitos dias e idas, ideias
E no descompassado anoitecer
Fuga, leveza de sono
Desejos e estrelas
Ainda sem asas, sonho

Sem Sentido

Vi adulto
Deixando de ser ponte
Enquanto o abismo nos fitava
Vias, rodovias
Estradas e destinos
Sozinho no caminho
Seguindo andanças
Em multidão se isolava
Aponte-lhe a direção
O sentido
É sempre longe
Homem somente
Perdido

Lar estelar

Mundo que se desgasta em guerra, observava sua órbita e quis ver suas estrelas...

Mergulho no seu chão!

Das suas entranhas sorvo a seiva que amamenta minhas constelações

Sua identidade mostra-me o seu olhar ainda brilhante, azul, que espelha uma tristeza nua, um semblante fugidio que se disfarça em aridez, tempestade, temporais e ressacas...

Seu olhar revela a mágoa e a esperança caminhando de mãos dadas na secura do seu chão revoltoso, castigado, sob raios cálidos caídos das feridas do manto celeste desse céu roto...

Traz na sua aura, no seu perispírito atmosférico, a egrégora que lhe entorpece e camufla sua essência em nódoa turbulenta e obscura...

No entanto, inocente e caridoso, cumpre na sua trajetória o papel de lar estelar, corpo celeste que acolhe no pó da sua terra nosso ânimo em mistura de sal, poeira e saliva a modelar destinos na eternidade...

E é na nebulosidade das suas centelhas, primatas civilizados, que, ao ignorarem o próprio brilho, lançam raios soturnos a lhe envolver...

Mas há o que nos traz uma motivação na contemplação de um sonho, que nos faz vibrar confiantes no futuro triunfante da paz... É um mistério que ilumina a humanidade...

E entre mágoa e esperança seguimos claudicantes querendo amar sem regar a flor...

E o horizonte clamando luz...

E o mar suspirando compaixão, enquanto pássaros ainda voam ...

E a maldade esquecendo o coração...

E a cegueira esquecendo a visão...

Crônicas de realidade

A origem, não me lembro
Ignoro o sentido do universo
Os incontáveis números
O tempo eu não compreendo
Nem ao menos os séculos
De um sopro surgiu o verbo
Fantasia, poeira de estrelas
Poesia, crônicas de realidade
São versos de humanidade
Palavras, frases, incertezas
Alvorada de dias de cada magia
De todas as manhãs, esperança
Surge o raiar de um novo dia
Gérmen do trigo, uma criança
Choro, tenra fala da inocência
Passos, passinhos da vivência
Brincadeiras, descobertas, dor
Aprendizado, carinho e amor
Caminhada a que se destina
Trajetória da inexorável sina
Vida seguindo a reta ou desatino
Rumando ao desafio vespertino
Maturação e aprendizado
Em cada impulso, em cada triz
Tempo-mistério, indefinível
Pulso de um Deus sagrado
Tempo, pedagogo implacável
Ensejos para ser mais feliz
Um labirinto em torvelinho
Das mãos de Deus o carinho
E essa estrada que não espera
Arrebata, absorve, impõe e impera

Somos sementes prontas ao brotejo
Mas a escolha se sobrepõe ao desejo
E nos caminhos a semeadura, não ao acaso
A espera do belo por do sol, do ocaso
Onde à clemência depoja-se em pó
Alimento da terra não importa a idade
Com sorte, inocência ou maldade
A morte, o antissopro de todo respiro
Acolhe muito além do derradeiro suspiro
Sensação de dó, sensação de estar só
Retorno à fonte do mar
Ao que se deve esperar
Tombam-se o homem, a criança, a mulher
Realmente, não importa qual seja sua fé
Um chamado do chão
Tomba-se o ancião
De um sopro surgiu o verbo
Fantasia, poeira de estrelas
Poesia, crônicas de realidade
São versos de humanidade

Eu já era criança

Antes do nascer do mundo
Eu já era criança
Eu já era criança
Antes do nascer do dia...
A vida de se viver
É a que tem colo de mãe
Acalento ao choro
Um abençoado sopro
No arranhão
Um beijo no corte
A vida de se viver
É a aurora e é a manhã...
Mas crescer e ser adulto
E esquecer a infantilidade
É se perder no afã
De se escolher a morte
Antes de se morrer...
É desprezar a eternidade
Ser fantasma, um vulto
É deixar de ser inocente
Para se tornar culpado...
Abandonar qualquer criança
É se perder da esperança
E é um pesar plangente
Deixar sua criancinha de lado
A criancinha que vai
Ao encontro do colo do Pai...
Antes do nascer do dia
Eu já era criança
Eu já era criança
Antes do nascer do mundo...

Valores e escolha

Luz nesse chão e céu
Um dilema no horizonte
Lapidado por um cinzel
A imagem de uma frente

Prudência em toda decisão
Realidade, verdade e escolha
Esperança, coragem e fatos
São ricos valores destacados
Ideal, liberdade fora da bolha
Destino feliz de uma nação
Estrada a se escrever um alento
Num tempo de atraso turbulento
Transformando nossas ações
Enlevando nossos corações

Luz nesse chão e céu
Um dilema no horizonte
Lapidado por um cinzel
A imagem de uma frente

Tanto queria

Ainda espero
O estender de uma mão
Um olhar
Às vezes, apenas o olhar
O olhar apenas
Me alimenta
Oh! mundo severo
Ainda espero
O que provém
Um olhar sem desdém
Alenta-me
Persuade-me o existir
Mas não diz meu nome
E a fúria da fome
Amarga-me o sorrir
Faz-me demente
Delinquente
Enquanto tanto
Tanto queria
Sonho ser gente
Ou ser rima
Entanto quanto
Quanto poesia
Sem sina
Tanto queria

Dimensões do Poeta

o imponderável
tocado com a ponta dos dedos
o impossível
na dimensão do maior segredo
o intangível
abraçado sem qualquer medo

a música em colorida tessitura
o entretanto pousado na certeza
a divindade na palma da mão
a infantilidade doce de um ancião
o inquebrantável valor de uma proeza
a beleza intrépida da loucura
são dimensões da fantasia
em palavras de fazer alquimia
nos desenhos da imaginação
sem limites, sem explicação
são dimensões da poesia
signos de ideias, ideologia
nos contornos da inspiração
sem fronteiras, plena criação

tocada com a ponta dos dedos
a música em colorida tessitura
na dimensão do maior segredo
o entretanto pousado na certeza
abraçado sem qualquer medo
à beleza intrépida da loucura
no inquebrantável valor da proeza

imponderável brado
impossível realizado

intangível em que se deleita
liberta da visão estreita
além da palavra do profeta
são contornos de uma inspiração
em versos de qualquer canção
na liberdade de um poeta

Versos na guerra

Sal da terra
O homem e seus rastros
Devastação, estragos
Nessa falta de primavera
Quero escrever versos em flor
Prosa poética multicolor
Quero escrever poemas
Que abrandassem dilemas
Que colorissem o mundo em rimas
Que estancassem a angústia que devasta
E espancassem o egoísmo que desgraça
Na turva atmosfera umbralina

Sal do pranto
O homem e seus astros
Constelações e abraços
A esperança, um entretanto
Quero escrever universos de amor
Trovas alegres de abrandar a dor
Que transformassem esse mundo acinzentado
Queria contar contos sem fome, sem acorrentados
Estrilhos com mais brilhos
Luz em letras de alívio
Romances vários, em dias e mil e uma noites
Ser poeta da vida, bálsamo aos açoites

Sal da terra
Sal do pranto
Versos na guerra
Palavra em acalanto

Inanição de versos

Um dia estava vazio
Sem palavras, sem verso
Outro dia a luz apenas me acalmava
Um dia ainda sem alívio
Riscando as paredes, dias eu contava
Nas paredes do cárcere perverso

Um dia outro, frio
Sufocado em letras, nas submersões
Desespero por uma estrofe da alma
Mais um dia sombrio
Um poeta carente, ainda sonhava
Mesmo sob ferro de grades e grilhões

São dias de espera
Inanição da rima, fome
Fome de criação que consome
Inspiração vaga, desdenhosa
Não abandone este bardo em prosa
Dê-lhe a chave da cela

Doravante

Quais as virtudes, esse homem guarda
No seio de suas ações e no seu coração
Qual indignação que consome e mata
Seu covarde omissos, destrutivo, sem ação

Consciência, cidadania, livre o cidadão
Há sementes plantadas na terra arada
Quais as virtudes, esse homem guarda
No seio de suas ações e no seu coração

É o futuro vivo, insurreição de alvorada
Muitos morrem no curso desse rompante
E em nós não resta quem se acovarda
Na intimidade, é a insurgência doravante
Quais as virtudes, esse homem guarda

Desenhada dor

enquanto me verga o pranto
não lhe beijo, não lhe beijo um tanto
o açoite do desprezo faz meu grito
um grito mudo, violento

um grito guardado no lamento
rasgado em verbo constricto
enquanto me verga o pranto
não lhe beijo, não lhe beijo um tanto

embora a figura da dor desenhada
em riscos de cicatrizes, conquanto
em tela a arte em vida resenhada
que verbera pena de amor estanco
enquanto me verga o pranto

Despertar da ilusão

o meu teto serenava, ainda assim eu amava! quando chove, sou alma lavada! o relento é uma companhia fria que insiste em me acompanhar diz ele ser o que me restava mas o chão também nunca me abandonou o sol continua sendo para todos e o luar não me é romântico... sei lá o que seja romantismo! não sei o que seja ético, humanismo, um movimento poético, poemismo... as estrelas são pontos de sonhos... olho uma a uma, confiando na sua infinitude quando a minha visão não está turva, vejo e a abóboda que ornamenta o mundo quando não está turva, vejo às vezes, o sono da minha vigília é muito profundo prefiro o despertar da minha ilusão uma ilusão que não conhece injustiça... as estrelas são pontos de sonhos... olho, uma a uma, como se caminhasse até elas e em cada passo tenho uma viagem com estradas e o horizonte que eu mesmo desenho. e me dão uma saciedade essas viagens... uma saciedade que me nutre na caminhada e vou catando as migalhas de mim para ver se me faço inteiro fazendo-me luz de candeeiro... no meu lar não conheço desespero sei lá o que seja romantismo! mas na minha história a letra pulsa como o meu coração ao contar estrelas...

Inexistido

Uma adaga
No peito
Sem pulso
Intruso, desinteiro
Sem ar ou desejo
Sem memória de mim

Íntimo adverso
O nada inexistente
E nada peço
Sem vontade
Partido e desquerido
Errante certo, silêncio

Triste sombra
Suspiro de alma
E hálito aflito
Dor sem grito
Sem chama, na lama
Com fome indistante

Olhar olvidado
Voz de breu
Gosto delirante
Sem luz ou rastro
Andrajo sem passo
Sem chão ou eu

Trovoado coração

nuvens é teu sorriso
chuva é teu olhar
precipita-me torrente
deságua-te em plenitude
molhe todo meu chão

deita-te em enxurada
represso-te em brincadeira
dê-me alívio nessa vida
mate-me toda essa sede
encharque minha paixão

em choque teu relampejo
raios do meu desejo
cio da flor colho em brotejo
na boca tenho teu beijo
trovoa-me o coração

Quando

quando minha voz ouvir
não se assuste, é simples agonia
são coisas transbordadas, incontidas
tramas fugidias de muitas vidas

quando meu calor sentir
não se surpreenda pela euforia
são questões não compreendidas
de fórmulas e letras não lidas

quando meu olhar luzir
não se perturbe com o que alumia
são centelhas de brilho trazidas
reluzentes sementes dispersivas

Admiro as nuvens

Admiro a leveza das nuvens
Que vão sem qualquer pressa
Para o horizonte escolhido pelo vento

Admiro a poética das nuvens
Que instigam formas de imaginação
E fazem o sonho voar em viagem na vigília

Admiro a liberdade das nuvens
Que não se acorrentam em conveniências
E seguem livres ornamentando céus

Admiro a generosidade das nuvens
Que abrandam os raios cálidos do sol
Promovendo um descanso de frescor

Admiro a casualidade das nuvens
Que não contam horas, ignoram dias
E surpreendem em tormenta e precipitação

Admiro a força das nuvens
Que cospem pedras, raios, que gritam trovões
Clareando o céu, tremendo a terra e o coração

Admiro o desprendimento das nuvens
Que caridosas se desgarram de si
E lançam-se em queda para molhar o chão

Admiro a leveza das nuvens
Que vão sem qualquer pressa
Para o horizonte escolhido pelo vento

Todo meu céu

É todo

Todo meu céu

Toda constelação

Um credo

Canto a capela

O recital

É todo

Todo meu chão

Minha base, alicerce

Um auxílio em prece

A proteção de um pai

As paredes, uma casa

A porta por onde entra

A porta por onde sai

Onde o coração aporta

Um lar em minha aorta

Um teto

Abro a janela

O quintal

O céu

Ciclo Hidrológico

Sou água no chão e voou nuvem

Da certeza do chão um sonho
Quando sublimo, desprendido
Quando eu subindo, ascendido
Da certeza do chão um sonho

Dos meus poros, quando evaporo
Deslizo-me leve, sou água adejante
Realizo límpido a viagem da fantasia
Dos meus poros, quando evaporo

Desbravo céus, flutuo em ventos
Torno-me névoa da mais pura magia
Carga magnética, estalo trovejante
Desbravo céus, flutuo em ventos

Das várias formas, a criatividade
Desenhos vários, devaneios infantis
Enfeite dos céus desenhados com giz
Das várias formas, a criatividade

Meu horizonte é muito mais além
Desses céus passeio e colho alturas
Das tantas alturas, minhas venturas
Meu horizonte é muito mais além

Minha nebulosidade é incompreendida
Agito, conflito, brado em trovões
Estrondo, tormenta, raios, clarões
Minha nebulosidade é incompreendida

Do sonho à certeza da volta ao chão
Um ciclo de amor em águas caídas
Desço em queda, em precipitação
Do sonho à certeza da volta ao chão

Meu firmamento é o sonho desse céu
Um ciclo hidrológico, diz a fria razão
Um amor em ciclo, afluência das vidas
Meu firmamento é o sonho desse céu

Sou água no chão e voo nuvem

Brevidades

Um instante

O portanto

Portantíssimo

Se me importa

O instante

Instantíssimo

O momento

Por enquanto

Enquantíssimo

Se me enquanto

Um momento

Momentíssimo

Pelo triz

Entretanto

Entretantíssimo

Se entretanto

Por um triz

Trizíssimo

Num átimo

O entanto

Entantíssimo

Se me entanto

Nesse átimo

Atimíssimo

O instante

Um portanto

Portantíssimo

Se me importa

Um instante
Instantíssimo

Natureza

Sou o mar de muitas marés
Sou fluido, tempero, sal
Sou o bem e sou o mal
Molho em águas teus pés
Quando a humildade me grita
E sou veias de águas de rio
Sou fluido, sigo escorreito
Sou vida por onde espreito
Em minha seiva, sede alívio
Força que a correnteza agita
Sou o vento, brisa, suspiro
Cativo o encantado silfo elemental
Esparramo-me livre, pleno, sideral
Aspiro amor e amor inspiro
Sou o advento sopro da vida
Sou verde mata, sou verde das selvas
Recado de vidas, força da natureza
Ar, alimento, reza, verde beleza
Sou folhas da Jurema, troncos, relvas
Trabalho de proteção em fé ativa
Sou o solo de muitas carreiras
Sou profundidade e sustentação
Sou os caminhos por esse chão
Abraço precipitações altaneiras
E vejo a nuvem que se dissipa
Sou as montanhas, sou as pedreiras
O ápice da vista, eu vejo o longe
Sou curvas na linha do horizonte
Sou elevações, serras, cordilheiras
Catedrais de pedra para toda missa

Decadência

Juras fizeram
Mas o abandono me abisma
Fraqueza
Incúria que se projeta
Falseiam, abjuram
Pedras
Jogam-me do ninho
Açoites
Nesse descaminho
Tortura
Coroa de espinho
Promessas vazias
Sem essência
Humanidade em decadência
Falseiam, abjuram
Fraqueza
Incúria que se projeta
O abandono me abisma
Juras fizeram

Uma manhã

Despertei com a claridade de uma manhã chorosa, úmida de intermitente chuviscar

Num céu nublado as nuvens brilhavam discretas, o sol dava um aceno, sem se mostrar

Da janela a brisa fresca me acaricia, no quintal a alegria da vegetação me distraía

Breves enxurradas em filetes ainda desfilavam esguias, barro, poças d'água via

O tempo parece parado, atmosfera molhada, um suave torpor, minutos são horas

A manhã se espreguiça enquanto o café esquentava uma contemplação desse agora

O tempo é assim, esse mistério que nos surpreende com as sensações do imponderável

A vida é assim, desafios complexos e alívio na simplicidade cotidiana intangível

Emergido

Vejo
Ainda que
náufrago
Tornaste
o sal do mar
És o sal da Terra
O beijo terno
que anima
É tua sina
És afeto
Vida disruptiva
Emergida
Parece o início

Soneto Inacabado

Resta-me assim, algo a dizer
Das várias conversas inacabadas
Nas breves linhas desse quarteto
Os meus trejeitos ei de escever

Não lhe disse, faltou-me o tempo
Nas frases curtas e inadequadas
Em quatorze versos desse soneto
Ei de declamar-lhe meu sentimento

A coragem é o cinzel desse artesão
E dessa escultura surgirá a revelação
Não mais suporte o desejo reprimido

Inflo o peito, desacorrento, solto o grito
Mas à razão, ficou vazio o derradeiro verso...

Após a manhã

Antes do findar da madrugada
Raios da luz do seu olhar
Ternura, esplendor da alvorada
E as nuvens errantes logo além
Meu sonho não quer o despertar

Amanhecer da esperança
Revigorado o ânimo de viver
Trilha nova, caminho criança
E a fé no dia nos provém
Manhã é todo esse renascer

Após a manhã, não sou menino
Rigor do fluxo inexorável da ida
Tributo de um tempo vespertino
E o relógio não espera ninguém
Mesmo em caminhada distraída

Antes do findar da madrugada
Raios da luz do seu olhar
Ternura, esplendor da alvorada
E as nuvens errantes logo além
Meu sonho não quer o despertar

Um pulsar apenas

Um coração
E apenas o pulsar
Intermitente
Em soslaio olhar
Imanente
Uma emoção
Sem toque
Sem reciprocidade
Um coração
Apenas, o pulsar
Na vacuidade

Puro amor

Um sorriso, e de repente a ideia
Sobre o amor, ignora-se sua plenitude
Ainda que se queira o toque do seu olhar
Sobre o amor, inda não se alcança o ápice
O puro amor é Deus, em festivo ágape

Um suspiro, e de repente a razão
Sobre o amor, não se conhece o espírito
Ainda que nos sustente as asas em suas brisas
Nossos voos pendem ao evangelho crístico
Mesmo que a rebeldia nos atrase o passo

Um sorriso, um suspiro e a razão
O amor não se contém ao pensamento
Em fragmentos de toda sua completude
Nos expandimos ao éter dessa infinitude
Um suspiro, e de repente a ideia

Carta para o amanhã

Poderia deixar algo escrito
Uma carta, talvez
Deixar um registro
E na posteridade
quem sabe, alguma saudade
Missiva, pretendo verso perpétuo
além da frialdade de uma lápide
num sepulcro
Escrever um nobre gesto
Algo que pudesse ainda pulsar
em um porvir além de mim
o meu próprio suspiro
Pois toda boa lembrança
é sinal de algum um afeto
Mas a brevidade do presente
hoje me basta

Talvez eu escrevesse um poema

Deixar escrito um poema
Que fosse minha história
Ainda que carente de glória
Pois a vida é um dilema
E nem mesmo um teorema
Resolveria em solução
Não decifraria o coração
A vida é a linha da poesia
Que não se conhece a rima
E nos resta apenas a sina
De encontrar os caminhos
Um acolhimento ou ninho
Quero apenas ser humano
Mas anseio em ser lembrado
Ainda com meus desenganos
Talvez eu escrevesse um poema

Num olhar de céu

A um passo do abismo
O céu acima num olhar
Rotura à flor da crosta
Chão, tremor de sismo
Tormenta-se a tormenta

Caminhos, trilhas e rotas
Voos em vão, abraço ao ar
Despenhando-se em guerra
Levante de uma vastidão
O céu acima num olhar

O fardo em nada é ligeiro
E incômodo ele fomenta
As pedras rudes dessa terra
Esfolam-me o pé passageiro
O céu acima num olhar

Tormenta-se a tormenta
Da contraforça que ampara
Resistência que não se arria
E a mente que se desbasta
Num olhar de céu, alumia

Partituras da vida

Nessa vida partida, quebrantada
E nas quebradas da vida vivida
Encontros, acasos marcados
Partituras de uma vida tocada
Tablaturas para dedilhados
Carícias, intimidade ascendida
Nessa vida partida, quebrantada
E nas quebradas da vida vivida
Deslizes, toques desse solfejo
Acasos na agenda do desejo
Sonoro largo sorriso em sinfonia
Venturas no compasso da poesia
Nessa vida partida, quebrantada

Tocante amor

O amor é como o universo
Mas guarda carência
De outro universo tocar
Pois o amor é tocante
O amor é calor flamante

O amor é como o fogo, queima
Mas seu ardor é temperança
De temperar toda a alma
Pois o amor é irradiação estelar
Razão da luz em raios de amar

O amor é providência divina
Mas a incompletude lhe marca
De certa forma é seu atributo
Não se justifica na individualidade
O amor é troca em caridade

O amor é como o universo
Mas guarda carência
De outro universo tocar
Pois o amor é tocante
O amor é calor flamante

Eu o via

os olhos dele me fitavam
a cor do olhar me intrigava
inda assim deu-me um sorriso
não sei se ouvia a mesma melodia
eu escutava uma valsa
senti que era sua alma
mas sua vestimenta era faminta
eram nus seus pés
seu paladar restava vazio
seu semblante era roto
seu coração era fogo
mas sentia todo nosso frio
era surpreendente, eu o via
os outros não acreditavam
mas ao chão ele ainda cria

Nova Era

Lembranças de muitas manhãs
Antes desse primeiro passo da nova era
Esperança de muitos amanhã
Antes de um primeiro disparo de guerra

O coração é casa que nunca se encerra
Ainda que as batidas sejam vãs
Lembranças de muitas manhãs
Antes desse primeiro passo da nova era

A estupidez entorpece todo afã
Uma ficção que vai além de quem erra
A indignação agita toda mente sã
A realidade está nos veios dessa terra
Lembranças de muitas manhãs

Muito mais

não quero dizer
quero muito mais
quero ser
ser um alívio
quero muito mais
desejo ser abrigo
ser o frescor
ser o gole
ser a água que escorre
a lhe salvar da sede
ser esse alento
o conforto sorvido
das suas asas o vento
ser sua sustentação
desejo ser amor
o seu lenitivo
não quero dizer
quero muito mais
quero ser
o pulsar vivaz
do seu coração

Abecedário

Andava avante
Barba por fazer
Cabelo a crescer
Doía os pés descalços
E seguia sempre adiante
Força e leveza nos percalços
Guiado pela intuição
Horizonte é o meu destino
Inda vejo muito além
Já passaram tanto chão
Kant em sua eloquência
Lá em tempos idos
Muito falava da razão
Na primazia da experiência
Observando-se exemplos
Por conhecimento caro
Quero sempre o saber raro
Razão deste meu existir
Sempre criativo a criar
Transmutando, transformando
Utilizando a emoção, amando
Viver em inspiração de poeta
Whitman, o 'Carpe Diem' declamar
Xangrilá de magia em concerto
Yolanda, eternamente, Yolanda
Zelando em coerente desfecho

Meu pensamento

Contemplo o meu pensamento Com imagens indomáveis e doces Um turbilhão vibrante e violento Em ondas indefiníveis multicolores Percussão, ritmo dos sentimentos No pulsar dos corações, amores Contemplo o meu pensamento Com imagens indomáveis e doces Corações amontoados, turbulentos Por espaço, meus eus em levante Sou uma multidão em desalento E a razão na espreita, esperante Contemplo o meu pensamento

Crônica da Primeira Infância

A madrugada, ainda em penumbra, sequer me lembro, mas sinto que não era o começo.

Ao longe, com sede no meu esquecimento, as primeiras luzes anunciavam a manhã num choro de despertar do dia.

As luzes denunciam as formas que se revelam em novidade de vida, e as sombras se esquivam da luminosidade, sem esconder as silhuetas, tantas vezes disformes, da realidade palpável.

O espreguiçar era irresistível e me fazia perceber meus limites e o fardo a desafiar a criatividade de sobreviver.

O dia ainda engatinhava, entre agitos e aflição, sentimentos aflitos e agitação, a ambição por viver era inexorável força, como a correnteza de um rio...

Em face a tantas novidades, tantas cores e formatos, com a sensação de uma estranha nostalgia, eu começava a tatear o que era alcançável pelas minhas mãos, mas ansiava por tocar o que estava ao alcance do olhar, na infantil percepção do imponderável em sementes de sonhos ainda a germinar.

Ainda era manhã e já conseguia me arrastar, no entanto, sem a plenitude da coordenação, em razão das limitações de um corpo ainda tenro, frágil e dependente dos mais mezinheiros cuidados dos seres menos infantis que me guardavam.

Aos poucos a minha consciência vai brotando, aflorando discernimento, mais rapidamente do que o meu desenvolvimento físico, identificando minha individualidade e muitas necessidades.

Ainda muitas novidades, muitas carências e dependências, muitas dúvidas e inocência, aprendi a caminhar e a compreender muitas palavras que me trazem entendimento como a luz do sol já distante do horizonte a clarear o dia, mas careço de colo e cuidado.

Sinto uma sensação de abrir janelas para me arejar com a brisa da vida, são experiências, são descobertas de afetos, cheiros, sentidos e dores, são adejos da lúdica imaginação e a fixação de raízes que ao contrário de imobilizar, podem libertar e ser o mapa de origem e destino, são tantos vínculos em surgimento a serem levados para o resto das vidas que me sinto um infinito.

Vejo, a manhã esboça um aceno de despedida, deixando aromas e rastros de lembranças e

saudades do que era real e imaginário de um tempo onde era tudo possível e simples, singelo e desafiante, com a força da natureza embalada na doçura de um espaço e de uma época quase perdidos nas minhas memórias pueris...

Soneto pirilampo

Relances vários, diversos
Intermitência da inspiração
Nestas linhas têm-se o reflexo
Luz, sem luz, reluz em versos

Breve breu, um piscar conexo
Vaga-lumes de uma distração
A luz em raios vai indo, brincando
Fantasias de um poema pirilampo

Constela-se em letras a escuridão
Escassez que não inibe a criação
Criatividade é a sede da emoção

Em brilhos, ainda que em brevidades
Em voos, mesmo ausente a claridade
Basta um suspiro, temos eternidades

Ele chama

É a força do amor
Escute, ele chama
Perceba, ele clama
O grito de dor é seu grito
Do abandonado proscrito
Em tudo que nos afeta
Na minudência da flor
Na delicadeza da pétala
No sofrimento do proleta
Nas asas de uma borboleta
Ele é presente no detalhe
E guarda toda verdade
Importante, veja, repare
É a força do amor
A fraqueza do outro é sua voz
Ele nos abraça, não estamos sós
Nos braços de toda gente
Na face do indigente
Importante, veja, repare
Ele é presente no detalhe
E guarda toda verdade
Deus não possui sombra
A fé é a força, é o mantra
O elo sagrado bendito
Que nos liga ao infinito
Com o brilho da caridade
Em tudo que nos afeta
Na minudência da flor
Na delicadeza da pétala
No sofrimento do proleta
Nas asas de uma borboleta
Escute, ele chama

Perceba, ele clama
É a força do amor

Odoyá, Mamãe

Odoya, rainha do mar
As ondas dançam, tem festa!
Hoje tem festa no mar
Abençoando todo caminho
E nossos caminhos de andar
Grande mãe, seus filhos são peixes
Mãe d'água manda avisar
Hoje é só perfume e vários enfeites
Para fica mais bonita
Não pesque nas águas de sal
E essa água salgada molha a gente
Livra-nos de todo mal
E a água doce alivia a sede, é bendita
Adocicando a alma da gente
Receba, oh! mar! Oh! mar, receba
Receba, acolha, transmute e transforme
Todo o mal de nossas vidas e nos socorre
Odoya, rainha do mar
As ondas dançam, tem festa!
Hoje tem festa no mar
Abençoando todo caminho
E nossos caminhos de andar
OMI Ô ODO IYÁ ERUIÁ

Jardim da Fantasia

As cores de todo jardim
Pétalas de muitos olores
Sedosamente flores
Todas as cores do jardim

Querubins, anjos afins
Paraíso, lúdica fantasia
Além do que eu sonharia
Anjos afins, querubins

Distraio nos céus as nuvens
Enquanto germinas do chão
E em plenitude de sóis, floresces
E recitas meu nome nas preces
Quando trago-te chuva ao chão
Nos céus distraio as nuvens

Pouso em tua luz
Trago-te estrelas e orvalho
Se coras, rubras-te por mim
Quando desfolho-te a nudez
E é pétala o toque em tua tez
Teus seios eu agasalho
E ficas toda flores para mim
E em raios sinto teu êxtase
Precipito-te o céu em poesia
Que com a mais sublime beleza
Nos meus versos rimaria
Tu és, tu sempre flores
Sedosamente flores
Todo jardim, meus amores
Paraíso, lúdica fantasia

Além do que eu sonharia
Pouso em tua luz

Sonho e insanidade

Sinto um aroma
Fecho os olhos
Como, bebo o que preciso
Suspiro, sorvo o pleno ar
E toco o paraíso

Um sonho outro dia
À noite me visitou
E me visitou ao dia
E me visita ainda hoje
Outro sonho
Ainda que na vigília

Insanidade
Ao que parece
Abstração da realidade
Servida a confusão que nos ilude
Numa dose de concretude
No copo o desatino
E o gole que entorpece

Realidade
Quando carece
Faz ilusão da verdade
Tormento que gera vício
Sem fim, meio ou início
No seu caráter cretino
O golpe que enlouquece

Ainda que na vigília
Outro sonho
E me visita ainda hoje

E me visitou ao dia
À noite me visitou
Um sonho outro dia

Suspiro, sorvo o pleno ar
Como, bebo o que preciso
Fecho os olhos
Sinto um aroma
E toco o paraíso

Leve brisa

Como a brisa

Voo

Suave

Leve

Deixe

Vou

Como a brisa

Um rascunho

Um rascunho, apenas rascunho
Um esboço, uma intenção
Uma luz, fardos e emoção
Apenas rascunho, um rascunho...

Empírica escrita, uma escrita
Por via das letras a alma grita
Por vida das letras a alma fica
Uma escrita, empírica escrita...

Um início apenas, enfim, um fim
A página de um dia, todo santo dia
A pétala expargindo a pura magia

Ao chão tudo o que perece
Ao céu aquilo que se eternece
Sem fim, um início apenas, enfim

Estrela morta

sou eu aquela estrela que se apagou
seguindo em ilusão ao futuro cósmico
uma imagem do sempre que já se foi

sou aquela palavra não mais dita
a prosa já há tempo esquecida
sou a letra do verbo que já não agita

sou a dose de esquecimento de um ato
a fartura antes havida nessa realidade de fome
sou a ânsia da expectativa que nos consome

sou a porção da esperança posta no prato
a ternura antes havida nessa realidade insone
sou o amor radioativo que corrói o próprio nome

e sou a ideia simples fluindo distraída
a trova disforme de uma canção retraída
a rima métrica incalculada, fria, contraída

sou eu aquela estrela que se apagou
seguindo em ilusão ao futuro cósmico
uma imagem do sempre que já se foi

Enamorada canção

Não és violão
Mas te toco com as mãos
Faço-te canção
Faço-te canção
Encanto

Eu sou emoção
Seduz meu coração
Faz-me canção
Faz-me canção
Encanto

Sinfonia, cumplicidade
Êxtase e lubricidade
Sintonia, musicalidade
Orquestro-te
Orgasmo-te
Ritmo e compasso
Rima em teu regaço
Encanto

Eram linhas vazias

Não quero falar
Estou cansado do mundo
Não quero escrever
Sobre um desgosto profundo
As linhas estavam aí vazias
Refletiam talvez minha agonia
As linhas estavam aí vazias
Sem algo a dizer
Em reflexo para expectativa
Sem rima ou sentido
Sem leitura ou eco
Sem palavra ou letra
Estática e avessa
Sem nenhum verso
Nua de todo vestido
Em reflexo para expectativa
Sem algo a dizer
As linhas estavam aí vazias
E agora vandalizadas
Vagamente pixadas
Indiferente a todo recato
Pelo muro se escreve o recado
Fluindo sem ser um alento
Num mudo e indignado lamento
Sobre o desgosto do mundo
Não quero escrever
Suspiro um cansaço profundo
Não quero falar

O inverso da poesia

Destroços desumanos Trapos que me deixam Ratos que se alimentam Nato e verso morto
Outros tantos, poucos Pouco para tantos, outros Cadelas do meu tormento Nato e verso morto
A fome é forte, espera É resultado de toda guerra O poder desses impérios Irrazão, tiros na
contramão Falta amor e falta pão Para armas todo o cifrão Há ilusão nesses critérios Hino à morte
anunciada Fuzis, hastes de uma bandeira Mísseis, bombas, tanque, asneira Soldados armados,
morteiros Jardim sem flores nos canteiros Teremos quantas alvoradas? Estrondo, noite em clarão
de dia Morte em verso da carestia Mundo, o inverso da poesia

Carta a mim

Nunca me escrevi uma carta...

Mas se assim fizesse, seria franco em apontar minhas queixas sobre mim, um tanto assim

Não me pouparia jamais e isso não seria crueldade, deve ser sempre bem recebida, pois, a verdade

Para me achar mais absurdo, eu faria reparos em vários dos meus critérios e declararia muitos dos meus mistérios

Alguns segredos para que me conhecesse mais profundamente eu revelaria, clareando-me um pouco das sombras... Ruborecido um boncado eu ficaria

Quem não possui algum segredo que gostaria de apagar ou deixar oculto em degredo?

Para me agradar, temperaria o discurso com um pouco de encanto, pois bem sei que das letras que seduzem eu gosto, e meus versos seriam desamarrados todos

Eu teria muito a dizer e muito me diria, escrever-me-ia com rigor do melhor uso do vernáculo para tentar me impressionar e, por certo, impressionar-me-ia

Pois percebo que gosto do capricho da escrita e da sensibilidade de sentidos que possam ser dados às frases ditas e das tantas ideias guardadas em embriões de poesias ainda não ditas

Eu poderia bem trazer algumas palavras novas ou o sentido delas com recursos da minha criatividade mudar, e até outras palavras inventar, com malabarísticos e sonoros arranjos neologísticos, para que eu percebesse que meu próprio eu pudesse fazer-se sorrir

Sorrir com coisas que pudessem o mundo engraçar, como trava língua ou trava mente, do paladar travoso do verso saboroso do umbu cajá, ou jogos assim travantes para nos divertir simplesmente...

Algumas lembranças lembradas em palavras belas poderiam facilmente me arrancar algumas lágrimas, sei que sou emotivo e propositadamente iria explorar esses recursos nessa carta, nessas linhas, nessas páginas...

Certamente eu iria gostar da atenção da própria lembrança se a mim escrevesse uma carta!

Nunca me escrevi uma carta...

Fluidamente

Espero-te

Nas eternidades furiosas das ondas
em ressacas

Sonho-te

Nos bordados de espumas
das arrebentações

E na quietude de todas as marés

Guardo-te

No bailar das várias águas
temperadas em lágrimas

Tenho-te

Encontro-te

Na doçura da água
que mata a minha sede

No minadouro perene que emana
o frescor das entranhas do chão

Celebro-te

Acolho-te

Nessa seiva que a terra absorve em plenitude
e nesse incessável renascedouro d'água

Sigo-te

Nas águas das corredeiras que correm e nas cachoeiras em queda

Levo-te

Leve na leveza das águas

sublimadas passeando pelos céus

Nos bordados de espumas das arrebentações

Sonho-te

Estive em Kiev

Uma nuvem escura
Águas cairão em chuva
Ventos hostis, tempestade

Era pó naquelas estradas em que estive
Vislumbrava, ouvia, as paredes ao chão
No céu escuro, uivos, rasgos e um clarão
Os mísseis vibravam as nuvens de Kiev

O frio castigava, nem o fogo aquecia
Fogo dessa guerra que tanto entristece
Para eles é Kiev, para os invasores Kiev
Mas há flores ainda e a rima não perece
Para nós apertados, livra-se em poesia

Naquelas plagas barricadas das guerrilhas
Cidadinos entrincheirados levantam punhos
A coragem é o escudo que se faz proteção
A dignidade blinda o espírito nessas trilhas
Desdobra-se o dia carente de novos rumos
Sem tiros nos versos, sem fuzil ou canhão

No canto emboscado, não se rendia
Os corpos deitados, tombados em morte
Os sonhos roubados, vazios sem norte
Em versos cantados, louvores da sorte
Para nós apertados, livra-se em poesia

Era poder das políticas e indiferentes versões
São decisões distantes da vida e dos sonhos
Da alegria de um olhar e semblantes risonhos
No céu impuro, uivos, rasgos, mortes e clarões

Ventos hostis, tempestade

Águas cairão em chuva

Uma nuvem escura

Bela Composição

Passo, passo e mais um passo
Chegas-te e me achego, teu beijo
Passo a passo, melodia, abraço
Toques, no teu chamego, é meigo
Compassos da tua bela canção

Enamoro-te, em teu colo moro
Eu namoro, no teu tom me demoro
No teu enlaço e no afino do teu seio
Cativo, voluntariamente me apeio
Descompassos do meu coração

Teu canto, recanto, teu olhar o encanto
E me emocionas, és a alegria de um pranto
E és o acalanto, orquestras-me em sinfonia
Num entretanto, sequestras-me em poesia
Na escala das notas da tua composição

Sonho no sonho

Em algum sonho fui nuvem
Vagava desprezando o tempo
Era fulgurante, muito fulgurava
Era figurinhas e era gravuras
Só conhecia o que era liberdade
Era um sonho no sonho
Que ao despertar despencava
Precipitando das alturas
Se era fantasia ou se realidade
A queda não tinha tamanho
Sem saber quem era, eu errava
Parecia a minha desventura
Sem ciência alguma da verdade
Fluido, denso corpo estranho
Ao chão eu já me enxurrava
O solo que era antes securo
Deleita-se na minha fluidade
Da queda, agora me emaranho
À terra me perdia, me sugava
Seduz-me essa minha mistura
A vida surgia em fecundidade
E ao próprio destino proponho
Que das poças que me empoçava
Fizesse espelhar as aventuras
De tantos sonhos de infantilidade
Era um sonho no sonho
Era fulgurante, muito fulgurava
Era figurinhas e era gravuras
Só conhecia o que era liberdade
Vagava desprezando o tempo
Em algum sonho fui nuvem

Amor e torpor

O arfar do seu dorso
Era quase imperceptível...
No seu anverso
Verso do meu anseio
Namorava sua silhueta
Uma silhueta pura
Seus contornos
Como a linha do horizonte
Cordilheira sensual
Uma paisagem nua
Seu corpo horizontal...
Poros salientes
Pelos em arrepio
Aliso, aprecio
Suor, feromônios
Cheiro do seu cio
Faz-me anjo e demônio
Toco, vejo, regozijo
Seu atlas cervical
Desço contando vértebras
Cauteloso ao paraíso
Já era êxtase, irresistível
Depois da toada de amor
Transe, sensação do torpor
Aquieta-se nesse repouso
Era quase imperceptível
O arfar do seu dorso

Uma luta

A emoção se guarda
No coração se encerra
Tantos sonhos nos leva
És minha poesia preferida
Queria apenas
Recitar-te em versos
E muito pouco te peço
E a expressão não se basta
A razão, apenas, não me arrasta
És minha leitura mais querida
Deixe-me viver
Não turve minha visão, oh! vida
Mas uma ilusão no mundo impera
Que parem esse mundo de guerra
Quero servir ao amor
Ter-te mas não terminar
Ter-te sem exterminar
Queria apenas
Recrutar em versos
Alisto-me nessa luta

Soneto de uma forte mulher

Semblante de paz, mas forte guerreira Luta com escudo da resiliência Encanta-nos com toda a serenidade Arma-se com a espada da verdade Ama com o manto da simplicidade É mãe, avó, brava mulher guerreira Maria, versos de vida, bela história É força o exemplo da sua glória Acalanto do verbo em providência Admira-nos todos a sua dignidade Seu perfume asperge da sua aura Na atmosfera o eter do seu amor A trajetória, trilhos de uma causa Sua inteira sina a Deus é um louvor

Enigmática

Ela é enigmática
Seu olhar é luz e fogo
E possui labirintos
Que me fazem cativo

Em soslaio me enlaça
E o amor vira ameaça
Quando avanço perdido

Símbolos pelo caminho
E dilema é o seu olhar
Detalhes e muito passos
Sentidos em torvelinho
Seta da desorientação
No curso do caminhar

Pulsa forte o coração
E penso ser a saída
No entorno dos seus braços
O engano me é guarida
Errando desnortado
Em versos lamenta o bardo
Do fogo que tanto engana
No abraço dessa trama
Sem resposta ou sentido

Ela possui labirintos
Que me fazem cativo
E seu olhar é luz e fogo

Não importa o tempo

Seu pensamento me toca
E me toca hoje mais que ontem
Anima o pulsar do meu coração
Seu pensar em mim é emoção
Pensou ontem, pensa hoje
Pense em mim amanhã
Assim garante você o nosso futuro
E esse todo tempo, eu lhe asseguro
Despertará nosso dia
Expargindo versos, poesia
Você é meu sol
Alvorada da minha manhã
Nosso amor é um rio sem margem
É o céu que nos garante o horizonte
Sou sua estrada, seu chão de viagem
Estamos juntos, não existe o longe
Nossos pensamentos são enamorados
Andam de mãos dadas
Se encontram por aí
Nossos corpos ficarão emaranhados
Meu coração se abrasa
Eu farei você sorrir
Eu também penso em você
Penso em você o tempo todo
Não importa o tempo

Sem culpa

Não me culpe
Por sua guerra
Nesse campo de batalha
Da alma em desabrigo
Bravo soldado
Sem dó ou mansidão

Não me julgue
Se caio em terra
No descampo da mortalha
Que se desalma no jazigo
Aos brados alarmados
Sem voz do coração

Mas recolho meu exército
Não por amargo de derrota
Não por um eu que se cala
E se encerra em casamata
Nesse embate que se aborta
Mas pelos tantos muitos
Que esperam pelo anúncio
Do decreto da remissão

Tramas de um jogo

Faço um sinal
Um piscar discreto
Inalterado semblante
Despistes do jogo
Segue-se a mão
Faça-se de bobo
Passa a primeira
Cria-se a ilusão
Troca de olhares
Pra um lance certo
Sem se enganar
No melhor instante
A sorte é sutileza
Lamento, eu invento
Sinal de fraqueza
Para a sedução
Vale enganar
Isso é parceria
Um blefe com fé
Isso é uma mania
Vale meu perjuro
Deixa, eu sou o pé
A sorte me guia
Não se esqueça
Veio a espadilha
'Subindo no muro
Caindo de costa
Truco, seu bosta!
Deixa de ser besta
'Lambari é pescado
Truco é jogado!
É mão de manilha

Zap e copão
'É seis, ladrão!'

Lamentos de pedra

Dormente emoção
Indolor sentimento
Desse cárcere
Que me comprime
Dessa densidade
Que me oprime
Nessa minha ilusão
Em sólida frialdade
Meu silêncio é calo
É o nó na garganta
De um desdizer falho
Da desexpressão
Minha indefinível tez
Esse semblante turvo
Encobre meu grito mudo
Nega-me a maciez
Retira-me a luz
Resta-me opacidade
Há quem me lança
Em violência
Há quem tropeça
Em sua andança
Viro obstáculo
E sou aspereza
Outros poucos
Com mais destreza
Faz-me espetáculo
Peça de arte
Meu silêncio é calo
É o nó na garganta
De um desdizer falho
Da desexpressão

O desprezo medra
Sou carente de ecos
Olvido se tive afetos
Cansa-me ser pedra
Dormindo ao chão

LEI 12.3SEMPRE, DE 14 DE MARÇO DE 2022

LEI 12.3SEMPRE, DE 14 DE MARÇO DE 2022 Institui o momento da poesia a ser celebrado a cada suspiro de todo dia. **O SONHADOR POETISTA** Faço saber e sabendo faço, que o Congresso Nacional do Sonho, constituído pelos entes dos meus eus poéticos e demais eus de todos nós e laços poéticos que se soltam na inspiração, em decorrência do ideal poemista, decreta e eu sanciono a seguinte Lei Poetista: Art. 1º. É instituído o momento Intemporal da Poesia a ser celebrado todo dia, instantaneamente, em 14 de março e 31 de outubro, em homenagem às datas de nascimento de Castro Alves e Carlos Drummond de Andrade, poesitivamente, e em cada data de nascimento de todos os poetas, simultaneamente, e em cada leitura de leitores na expansão dos respectivos universos. **Parágrafo único** - Fica permitido todo tipo de festejo de alegria ou protesto, em prosa, trova, soneto, bolo, aldravia, doces, rondel, crônica, fantasia e demais atos, abstrações e de inspiração, na forma e nos ilimites desta lei. Art. 2º. Esta Lei entra em vigor na data de sua declamação. Qualquer local; 14 de março de 2022; todo dia da Independência e da República Poetista. **HÉBRON** Todos que sonham

Não via

passava
e atento não via
na via passava
em passo
avia o passo
e o tempo ia
sem tento havia
o olhar não via
da atenta agonia
não via
na via passava
em passo ido
o olhar partido
alma vazia
do sofrido ia
aviado passo
na via

Soneto Sideral

A mais alta estrela celeste
De luz candente que persevera
Na longínqua jornada etérea
Leva-me nos versos que a reveste

Na amplidão cósmica, eu diria
No imponderável tempo sideral
Guarda a eternidade na poesia
O espaço universo imtemporal

O tempo-espaço, o espaço-tempo
Coordenadas além da minha abstração
Com uma bússola da minha fantasia

Não se apercebe da impossível dimensão
E pela estrada de um infinito me guia
No poema destino de cada alento

Um pingo

Minguado, decidido
Sou pingo descingido
Não só, sou multidão

Ignoro o destino
Ainda que em desatino
O encontro com esse chão

Eu me jogo, não demoro
Pois do alto onde moro
Era vasta amplidão

Cair, meu advento
Caio e sigo com o vento
Minha precipitação

Eu era enevoado
E agora aglutinado
Fluida condensação

Assim eu me entrego
Faço-me gotas, e rego
Molho sua plantação

E sou temperamental
Se me inervo, temporal
E faço devastação

Quando estou zangado
Com enxurrada faço estrago
Solto o urro do trovão

E lanço até granizo
Mas antes lanço um aviso
Com raios em clarão

Do horizonte caio em véu
Quero mesmo é ir ao céu
Sublime vaporação

E é preciso muita clareza
Respeitando a natureza
E em março fecho o verão

E o tempo é que encerra
As respostas para a Terra
Cumprindo cada estação

Destino que se cumpre

e o destino se cumpre
assim como a estrela que brilha para mim
como a folha que na copa se faz multidão
mas que cai ao tempo sabido de Deus

de que vale o trilho do destino
se o descarrilho se faz caminho?
estrela sem brilho, ao céu caindo
trapo, maltrapilho, corpo franzino
mudo estribilho, rima de espinho
planto empecilho, se procrastino
fogo, rastilho, levante sem atino
sou andarilho, desde pequenino
corda, atilho, badala-se o sino
de que vale o trilho do destino
se o descarrilho, se faz caminho?

e se cumpre o destino
assim como a estrela que brilha para mim
como a folha que na copa se faz multidão
mas que cai ao tempo sabido de Deus

Letra muda

Letra muda

Não reverbera

Seita surda

Uma fé cega

Seiva turva

Escorre suja

Cospe engula

Carne crua

Morte, surra

Corte, agrura

Sorte curta

Valas na terra

Vida dura

Não se encerra

Muita luta

Vida sega

Letra muda

Não reverbera

Corsário da fantasia

E o colorido corsário
Dos mares da fantasia
Em suas velas eu sopro
O sopro que a vida cria
E o colorido corsário

Siga livre a estibordo
Onde vaga o horizonte
Com o arco-íris em cores
Por cima de todo mar
Siga livre a estibordo

A nuvem da tempestade
Com o sol fez-se a brincar
Luzes de muitos sabores
Cintilantes vejo ao longe
A nuvem da tempestade

Com gosto de colorido
Corsário desse cortejo
Nas ondas vai-se indo
No curso do seu destino
Com gosto de colorido

Segue às águas infinitas
Agora a bonbordo e avante
E o bardo versador eu vejo
Com a sua rima à deriva
Segue às águas infinitas

Em brisa cor de arco-íris
Vento em cores rompante

Rumo à imagem sufla a tela
O sol em raios de aquarela
Em brisa cor de arco-íris

E o colorido corsário
Dos mares da fantasia
Em suas velas eu sopro
O sopro que a vida cria
E o colorido corsário

Visão Obtusa

Na retina da vida,
Obtusa íris da sorte,
Percebo tortuosos caminhos
Na paisagem sem norte

Na janela sem luz,
Perdida vista de uma visão,
Tateio meu próprio desatino
Sendo espelho sem razão

Das muitas promessas
Que tantas vezes fizera,
Rompantes vazios,
Guardadas no destino
A serem decifradas,
São meus desafios,
Minha humanidade distraída

Cumpre-me dizer e digo:
O engano seduz
E em réstia, a esperança persevera
E cego, adiante eu sigo
Por essas linhas
Tortamente traçadas

Ânimo

Uma água escorrendo como um propósito
vai emanando em raios de luz da minha tez
Meu olhar já descreve uma proêmia lucidez
a face do sol me aquece, o amor propósito

É o ânimo além dessa semente que germina
reflexo da aura desse que me acolhe e anima
O canto que ressoa da orquestra me fascina
é o plantio nas minhas emoções que germina

Sou fluidez que por aí vai se escorrendo
e escorreito sigo meu fardo firmamento
com o semblante ávido por um unguento

E a saliva seca em súplica, pede mais água
espero a brisa, na esperança de uma calma
que pode ser o céu dessa desatinada alma

Sou

Sou o que sou
O rio que escorre inteiro
O cheiro do perfume
Fonte da lembrança
O porvir de esperança
O breu que não assusta
Também sou o lume
A luz que ofusca
Sou a carta que diz
O tino do destino
Das escolhas que fiz
Sou a possibilidade
A fantasia em verdade
A alegria de um sorrir
A integridade partida
Sou a dor sem guarida
O bálsamo do desespero
E a beleza do florir

Artífice das letras

O que pode ser um poeta Que não a face do impossível Ao alcance das mãos, tangível Ao alcance dos sonhos, ilusão É o oleiro da abstrata emoção O que pode ser um poeta Artífice das letras de toda palavra Na noite e diamante do que fascina No recitar estrelas no céu de magia Na sedução da escrita de uma rima Um prazer dessa viagem, a fantasia Artífice das letras de toda palavra Ser a mera certeza de um acaso Vento, ser o sopro da inspiração Ser a caminhada na areia da praia Ser quem lhe carrega nos braços E ser a pegada deixada no chão O escrito feliz que a onda espraia Ser a mera certeza de um acaso A esperança e vida do que será vivido Pois a morte é o esquecido, estagnação E é a escassez da luz, a plena escuridão Esperança é vida, desdobrar de suspiros É a convicção resignada dos desafios É o sol do todo porvir ao tempo já ido A esperança e vida do que será vivido O que pode ser um poeta Que não a face do impossível Ao alcance das mãos, tangível Ao alcance dos sonhos, ilusão É o oleiro da abstrata emoção O que pode ser um poeta

Ao velho Bardo

bardo, velho bardo que mares são esses e essas rimas revoltas? caro velho bardo são breves pareceres e os sinais de recoltas claro, recolhe-me também e os versos que me provém são palavras alquímicas que afiam-se sísmicas a ilusão em bordão a razão em refrão inexplicável bardo sem querer ser claro os voos são para todos palavras podem ser rotas a serem decifradas labirintos, denodos e o valor que se afiancia que se garante nas notas em notas dobradas a contemplar uma melodia enquanto gritam compassos e nas noites guarda-se sonhos teço silêncios em brados mas eu nada lhe proponho sigo despretenso lema meu critério é uma fantasia em meu suspirar de versos e na íris dos meus poemas meu eu lírico de todo dia traduz muitas eternidades e tantos deslizos remidos e transcende os sentidos: dentro ou fora da verdade pode-se haver poesia com resignação, protesto ou desconexo e impossível pronúncia do imponderável conto trinta e nove e esse pode-se haver outros versos eu lhe trouxe aqui e peço verse-se por onde divago meus versos são vezes nas linhas que enlaço são essas rimas remansas oceano dessas andanças bardo, velho bardo

Casas e quintais

Sou residente e domiciliado onde minha casa mora

E o coração é o quintal que divisa ao vizinho
Sem cerca de arame ou espinho
Sem muro e sem contenção
E o horizonte é a marcação
Da *res* que não me pertence
Do chão que é de toda gente
Que se achega com algum carinho
Que se aconchega no meu cantinho

Sou residente e domiciliado onde minha casa mora

E a edificação é onde me guardo em ninho
E me acerco das paredes do não estar sozinho
Sob um teto e em proteção
No abrigo de um abraço, num estender de mão
Na janela do olhar que me vê contente
No leito de um coração de qualquer gente
Que se achega com humanidade
Que me acolhe com a minha falibilidade
Que me enxerga nas minhas sombras
E ainda assim não me abandona

Sou residente e domiciliado onde minha casa mora

E minha casa é esse lugar
Sede da atitude de amar
Pois o amor se justifica no outro
Somos além do pó, do barro ou tijolo
Pois sozinho somos tormento
Sem o outro somos o relento

O abandono que não tem sorte
O esquecimento de vera morte
O amor é o nosso tino, nossa estrada
Sendo o outro o evangelho, a morada
Pois o amor se justifica no outro
Num brilho a mais, inda que pouco
No semelhante que é meu caminho
O lar, casa de moradia, meu destino

Sou residente e domiciliado onde minha casa mora

Se pudesse

Ah! Se o poeta pudesse
Ser a luz de candeeiro
Iluminar o mundo inteiro
Enxugar as lágrimas da tristeza
E molhar o chão ressequido
Que castiga o povo sofrido
Fazer brotar a fé, a certeza
Do fruto da terra, colher o pão
Ah! Se o poeta pudesse
Fazer do mundo um coração
Em versos de prece, de crer
Se os poetas tivessem poder
Seria o raio de sol sem desolação
A chuva bendita, súplica da oração
Em rimas de muito além
Ser alegria de todo amém
Ah! Se o poeta pudesse...

Feito vento

Baldio

Não se vê

Feito vento

Vento frio

Desalento

Vadio

Não se vê

No chão

O desvario

Um coração

Arrepio

Não se vê

Feito gente

Sente frio

É dormente

Vazio

Estações

As estações se repetem nesse caminho sem volta
Pelos trilhos a nos destinar
Nesse trem de vida
As estações são sempre as mesmas
Nessa caminhada sempre nova
Estão pelos trilhos e pelos descarrilhos
As mesmas estações se repetem em novos versos
No arrasto do tempo sempre único
Seguem, as mesmas diferentes estações
Repetidas em escaladas infindas
Sempre se renovando na mesmice primaz
Como sequentes batidas de um coração
Como o dobrar insurpreendente dos sinos
Como a velha rotina dos sacerdotes e sacramentos
No mesmo verbo dito da boca do padre e do sacristão
Sendo mesmas sementes e diferentes segas
As estações se revelam sem desvelo
E o homem falha, não o tempo
Se agasalha, quem tem agasalho
Se é frio, clima invernal
Se é beleza, perfume de flor
Se enfeita, orna, cio da natureza
E o homem contempla, não o tempo
Se acalora, fervor da vida, verá
Se cáustico, o erro e querência de um bronze
E o homem verá, não o tempo
E o homem saberá, não o tempo
Se folhas secas sem esperança
Se sedimentam ao chão, da semente pouca rima
E as estações se revelam sem desvelo
Sendo mesmas sementes e diferentes segas
No mesmo verbo dito da boca do padre e do sacristão
Como a velha rotina dos sacerdotes e sacramentos

Como o dobrar insurpreendente dos sinos
Como sequentes batidas de um coração
As estações se repetem nesse caminho sem volta

Eu vô

Voo sem limites da vida
Vô onde estou, onde penso
Vô onde sinto, onde creio
Onde brinco e sonho
Vô onipresente coração
Nessa desconhecida dimensão
Redescoberta de mim
Isso também é emoção
Descendência de mim
Rio, seiva carmim
Amores meus
Benção de Deus
E sonho nesse voo
Das nuvens que vô...

Além do Pássaro

Ouçã o alçar do meu voo
Nessa altura manuscrita
Nesse céu que me intestina
E me absorve em sua sina
Essa imensidão é meu carma...

Nessa vastidão, meus mistérios
Absorto, percebo o impossível
Bate o coração no bater das asas...

Era entranha da terra, era chão
Era fundo de mar, leito de rio
Era poeira, decantado desvario
Era sopro de vento, evolução
Minhas eras abissais
Minhas memórias
Os caminhos existem para que haja futuro
Há caminhos na mente, eu lhe asseguro...

Céus são chãos de caminhos etéreos
Onde rastros de asas sinalizam o sonho
Há caminhos no coração
E nos voos de uma ilusão
Fugas, açoites, rugas, noites
Terra e sal, sol e flores
Há caminhos na inspiração
E nos voos minha alegria
No encanto, inventos e brisas
E o infinito se apresenta
Nos voos, na amplidão
Nas águas de uma gestação...

E o tempo é onipresente
É o elo de todos os caminhos
É passado, futuro e presente
No horizonte desorientado
Dos mistérios dessa existência
E de toda providência...

Nos céus há estradas que se perdem
Na turbidez de nossa visão
E nessa perdição, os encontros
Os encontros mais profundos
Nessa altura manuscrita
Nesse céu que me intestina...

Silêncio concreto

As pedras
Cantam caladas
Uma melodia
Sem eco
Musical imaginação
Delírio primitivo
Sonham calcadas
Uma poesia
Algo concreto
Fantasia no chão
Calado motivo
Era apenas silêncio
Mudez sólida
Vazio hermético
Harmonia ilusória
Da não-canção
Sem tom
Nada dizendo
Compacta pausa
Som de silêncio

Crônica da Adolescência

Vejo, a manhã esboça um aceno de despedida, deixando aromas e rastros de lembranças e saudades do que era real e imaginário de um tempo onde era tudo possível e simples, singelo e desafiante, com a força da natureza embalada na doçura de um espaço e de uma época quase perdidos nas minhas memórias pueris.

O sol ascendente já a pino castiga o chão, curte a pele, já não sou tão menino, já não sou tão criança, mas ainda brinco e não conheço a severidade da vida, não tenho ainda noção do que seja açoite, pois a púbere lembrança alcança apenas o ardor de arranhões em joelhos, a decepção por não ter um brinquedo.

No entanto, os sonhos começam a ter formas e compreensão, a vontade se eleva em desejo, a imaginação se multiplica em rompantes de energia, as emoções ebulem quase descontroladas, a personalidade se levanta vespertina na ida quase adolescente.

O caráter toma contornos, com tons definidos das cores, dos brilhos e da vastidão dos mistérios guardados no inconsciente, que no curso do dia, no empinar do sol, vai se desvendando como perfume expurgando do espírito, ainda em descoberta de quem realmente é, enquanto as sombras se esquivam aguardando o momento de ganhar formas.

Estava tão envolvido com uma irrelevante fantasia que nem tinha percebido minha fome que já me corroía as vísceras e estrondava na barriga, minha agitação se traduzia em um apetite imenso e exigia constante restauro energético, normalmente em considerável volume, nesse começo de tarde.

Meu mundo começa a ser menos abstrato, menos lúdico, minha atmosfera ganha densidade nesse avanço da idade, uma sensação de cristalização da fantasia, que a cada momento parece mais distante, ao passo que o sabor de questionamentos salivam meu paladar em mutação.

É como o caule tenro e verde de uma jovem árvore evoluindo em tronco para sustentação de uma futura copa, de expectativa frondosa e sonhos de céu, características de toda mente infantojuvenil.

Antes, na meninice, meu mundo era gigantesco dentro do cerco do meu quintal, no lar seguro que me guardava e quando me apercebo, repentinamente, esse mundo se estende e se expande rompendo fronteiras num grito, dizendo que a vida é muito além da minha infantilidade de refúgio, trazendo uma sensação paradoxal de expansão e retração simultâneas, quando o mundo se amplia à minha frente e em minha mente, enquanto se atrofia a ludicidade própria da inocência.

O mundo se transforma e eu me transformo ao ponto de não mais me reconhecer e tantas vezes sequer me aceitar, deparando-me com conflitos e desafios que não imaginava e não compreendia, tudo era intenso, o amor, a ira, a coragem e o drama.

A fé era presente, mas meu mar agitado pelas gigantescas ondas das minhas emoções me desancorava numa instabilidade e me lançava naufrago em incertezas muitas e tantas vezes, e na ânsia por um fôlego a mais eu me encontrava sempre, resgatando-me em cada indagação pelo fio instintivo da preservação da vida e sobrevivendo a cada tormenta, crendo na bonança que no horizonte do sonho germina.

O sol em claridade alcança seu ápice, com o calor exagerado e meu drama exacerbado nesse tempo de encontros comigo mesmo e descobertas de mim.

O avanço do dia rumo ao entardecer aquietou meu fulgor, equilibrou meu ânimo e esse curso de tempo me oferece o alimento imaterial da experiência para entender o mar revolto, que era apenas a ilusória e pungente sensação heliocêntrica e falta de compreensão e dos egos em tumulto de um ser em maturação para a misteriosa e cobijada maturidade.

E o sol brilha, já ultrapassando a metade do seu arqueado trajeto entre o nascente e o poente, já tombando a sombra na superfície para o leste.

Um turbilhão de natureza básica ainda me rege nessa transição, meu olhar está ávido, meu pulsar açodado por paixões fugazes e algumas com promessas de perenidade.

A criança adormecia no meu embalar sísmico já no meio da tarde, a puberdade arremessou-me no abismo, constringendo-me a voar nessa adolescência e me elevar nas alturas da jovialidade ao ponto de vislumbrar a última e mais distante linha do olhar que guarda o adulto com os braços abertos a espera de um abraço...

Saudade sedosa

Estão aqui guardados
Na gibeira, nesse alforge
De couro já surrado
Caminhos de cada adejo

Esse céu enluarado
Estrela cadente me foge
Meu coração estrelado
Pó de um chão sertanejo

Sinto saudade daquela terra
De onde eu nunca pisei
Uma saudade sedosa

Sedosa do jeito de rosa
Da pétala que não cheirei
Vivo, e apenas sinto que era

Tanto infinito

Quantos infinitos, quantos mais
Meu sonho é vida sem fronteiras
É a linha do horizonte, sem além
Quantos vêm e vão abissais

Quantos voltam sem partidas
Tantas meias palavras inteiras
Histórias incontadas por alguém
E frases de completas desditas

Quantos sonhos, tantos infinitos
Céu e chão e a linha do horizonte
Quantos vêm, tantos vêm de longe
Muitos vão, vão de queda e voo

E os devaneios, devaneios que resoo
Não há devaneios que não sejam vida
São ideias livres, sabedoria distraída
E em versos, versos para alguém que fui

E em poesias para todo esse eu que flui
Vou voltando sem idas, sendo criança
Eu sou a volta e sou sempre presente
A fragrância que marca, cheiro de gente

Quantos sussuros, tantos gritos
Ecos que vão, vão e vêm então
Temperos de saudade e lembrança
Tormenta-me, levante da emoção

Sou a volta, sou presente, poesia
Sou sopro, sussurro ou ventania

O porvir, sou o futuro em temporais
Quantos infinitos e vãos abissais

Ritmos

Cada pulsar
Um clamor
Um rufar
De tambor
Urgento-me
Urjo-me
Atalho-me
Antes do suspiro
Antes do toque
Da luz do dia
Da madrugada fria
Antes da poesia
A espera do sono
De um belo sonho
Acima estrelas
Piscam incontáveis
Nuvem altaneira
A lua clara passeia
O céu olha pra mim
Escura altivez
Uma quietude
Indiferente
Sem pressa

Imagem dela

E o que eu queria, uma aquarela
Para fazer a pintura do meu amor
Tintura de sonho lançaria na tela
E só tenho na caixa, uns lápis de cor

O que eu queria, a imagem dela
As cores e curvas pro meu fulgor
E o que eu queria, uma aquarela
Pra fazer a pintura do meu amor

Com traços da fantasia mais bela
A arte se faz do sonho de sonhador
O dom se insurge sensível, revelador
Das cores, rubores, amores, quimera
E o que eu queria, uma aquarela

Por um clarão

Uma prece ao céu
Faço desse chão
Das trevas, ao léu
Busco um clarão

O caminho a seguir
O arrasto da razão
A passagem a florir
Ainda devastação

Quantos invernos
Quantos frios virão
E tantos infernos
Desafios à devoção

O sopro da esperança
A cada passo a lição
A fome dum criança
Revolta, consternação

Valores de um ensino
Seja fé e resignação
As dores de um menino
Espanca a indignação

Quantos invernos
Quantos frios virão
E tantos infernos
Desafios à devoção

A escola da vida ensina
As cores da construção

Do sangue da nossa sina
Parindo a transformação

Da força que nos agita
Promovendo a união
E o ímpeto pela justiça
Levante, revolução

O caminho a seguir
O arrasto da razão
A passagem a florir
Ainda devastação

Quantos invernos
Quantos frios virão
E tantos infernos
Desafios à devoção

Uma prece ao céu
Faço desse chão
Das trevas, ao léu
Busco um clarão

Além do limite

Sensível, percebo além Limites, meros desafios Pretextos da conveniência Queira pouco
mais o impossível Há caminhos, céus e vastidão Seja, voe, creia na providência Siga, todo o
universo conspira Viva, vista-se da plena existência

Sonhos e retrografia

Futuro é estrada
Presente é passo
Passado e legado

Tempos de sonhos são atemporais
A saudade é passado passando
Na memória, e vem apresentado
Em lembrança, revisitando a vivência
É vida anacrônica, filme retrogradado

Pátria traída

Você vê alguém pedindo pão?
Isso é miopia ou insanidade
É fantasia da pura maldade
Isso é a vileza do deboche
Você vê alguém pedindo pão?

A maldade exaltada ao poder
A malandragem perversa
A antipolítica torpe, abjeta
Isso é a vileza do deboche
A maldade exaltada ao poder

A ideologia fisiológica deturpada
Nos campos do coração faz internada
Desumanizando com tanta frialdade
Sem primavera, esse tempo nos consome
A ideologia fisiológica deturpada

Nas dimensões de toda alma desolada
A indignação faz escudo com a verdade
A ideologia da razão de quem tem fome
É a dor doída da miséria em construção
Nas dimensões de toda alma desolada

Esses falsos patriotas da pátria traída
Distorcem o nome de Deus em rastilho
O engano entorpece um cado distraído
A puxar o gatilho da fé sem coração
Esses falsos patriotas da pátria traída

Irrealidade distópica em nome da família
Conquistas dos tesouros de tanto poder

A poucos o muito para todo o prazer
Mazelas em baichelas de prata e de ouro
Irrealidade distópica em nome da família

Você vê alguém pedindo pão?
A maldade exaltada ao poder
A ideologia fisiológica deturpada
Nas dimensões de toda alma desolada
Irrealidade distópica em nome da família
Você vê alguém pedindo pão?
Esses falsos patriotas da pátria traída

Procissão da noite

É uma procissão que passa
Velas acesas, cânticos da graça
Segue a multidão, enquanto sonho
Todos na profusão de um céu
Segue a procissão, enquanto sonho
Vielas da mente, quânticos léus
Uma melodia de trombetas, estrelas
Harpas e tambores, trovas da noite
Motivo da fé, muito além de quirelas
Erguido, o estandarte da paz e açoite
Ode declamada, íliada delirante
Segue a multidão, enquanto sonho
Rostos misturados, tantos semblantes
Todos com meus sorrisos, meus olhares
O limite é a ilusão imanente, é o possível
Canto sentido da minha voz em milhares
Hino incontido no éter da fantasia
Deslúcido, sou o cortejo indefinível
A vigília, invenção sólida, mera utopia
Como crer em limites sem acordar?
Formas e imagens, sem desacreditar
É uma procissão, cânticos da graça
Velas acesas, vielas da mente
Segue a multidão, enquanto sonho

Rio impossível

Traga-me de volta Como um rio impossível Pranto de uma revolta Na contracorrente irascível
Da jornada pesada, leve-me a lágrima Um escrito, um recado Lágrima recaída,
Pranto no papel lançado Em garrafa de um naufrago, a lástima Um resquício de um trago
Lástima ressaída, Canto destonado, desolado Lance-se em bóia ao desaguado Acolha-me em
céu de paraquedas Ressuscite-me ao futuro que medra Na angústia que o passado encerra
Como um rio impossível Pranto de uma revolta Na contracorrente irascível Traga-me de volta

Tempos escritos

Há muito
No tempo perdido
Em pedra, pergaminho
Registros em papiro
Em mim os escritos
Sinais de algum caminho
Prece, reza, oração
Contos, oral tradição
No tempo partido
Muitos, vários rabiscos
Letras e gravuras
Códigos e arcanos
Sacros e profanos
Joios, muitos trigos
Estão nas escrituras
No livro que eu sou
Os passos e abrigos
Em ânimo que ressoo
História em expansão
Universo em emoção
Um sopro do espírito
Sinais de algum caminho
Em mim os escritos
Registros em papiro
Em pedra, pergaminho
No tempo perdido
Há tempos

Labirinto de ilusões

Quando acordar desse sono
Estarei em minha casa, seguro
Guardo no inconsciente distante
Nas profundezas do mergulho
As verdades e os grilhões

Num fitar de olhar tristonho
Enquanto erro passos exilado
Passo por vezes claudicante
Vejo o horizonte acinzentado
Cor de indefiníveis emoções

Entre verdades escondidas
Aferrado em realidade hostil
Correntes invisíveis aviltantes
Prendem-me sem ar gentil
É um labirinto de ilusões

Essas renitentes recaídas
Ferem minha sensibilidade sutil
Na incompreensão delirante
Dessa mente inocente e infantil
As experiências são lições

Quando acordar desse sono
Estarei em minha casa, seguro
Guardo no inconsciente distante
Nas profundezas do mergulho
As verdades e os grilhões

Trovas

Uma flor nasce do chão
Em plantinha no quintal
Seu expargir sensação
Cor, graça e perfume
Céu, noite, lua em lume
Madrugada, quietação
No horizonte o sinal
Alvorada em fetação
Claridade acena o dia
Manhãzinha é vistosa
Desperta a fantasia
Levo a mão e toco o sol
Versos, quadras da trova
Há nuvens de melodia
Segue a tarde, arrebol
Porquanto tudo poesia
Já chega a entardecer
Cadente no horizonte
O céu a escurecer
Faíscam-se estrelas
E eu na ânsia por tê-las
Poetizo o bem querer
Vou ao alto e voo longe
Meu lírico proceder
Chego bem lá em cima
É minha toda a altura
O universo é sina
Eu sou essa aventura
Versos, leve leitura
Graça que me fascina
Na lúdica gravura
Sonhos que nos anima

Raios, astros luzentes
Faz no terreiro o clarão
Luz de cheiro imanente
Visita as flores no chão
No céu sem qualquer razão
Lúcidos arco-íris
Cativam nossa emoção
Tons de muitas matizes
Luzes da madrugada
Penumbra em gestação
Sol, nova alvorada
Faz manhã inspiração
Aquela flor me fez voar
Fez-me asas a beleza
E no céu fui me encontrar
São vários os meus quintais
Dos versos faço portais
Terra, montes, céu e mar
Letras, mantras, numerais
Estou em qualquer lugar

Uma esperança

uma cansada nação
da injustiça a indignação
do berro de uma revolta
extraiu-se uma aberração
um passo ao desespero
uma melodia da ilusão
nessa imagem no espelho
não vejo o reflexo do pão
arrependimento e clamor
escolhas da estupidez
muitos negaram o amor
torpor de uma insensatez
ferida aberta e a podridão
descinja-se deste cabresto
não há saída sem reflexão
eu lhe verso, e eu lhe peço
ao meu lado nutre-se a fome
quero caridade, ganho carestia
talvez a esperança tenha nome
Luz que resta na rima da poesia
Apidando um melhor futuro
Prestígio e união, resgate da fé
ideNtidade, paz, estar seguro
Tempo de poder ser o que se é
da minha pátria a redenção
darmos as mãos, quero e quis
do meu berro por uma volta
do mundo para eu ser feliz

Região das Gerais

Minas Gerais tem jeito de norte e cara de nordeste...

Tem cheiro das virtudes de todos os cantos e cantigas e tem a quentura que aquece a frente fria que vem sempre do sul, sendo o veio da esperança a contagiar todo o Brasil e o elo que pode nos unir.

Acho que Minas nem deveria pertencer, deveria sim ser uma região própria! Aí teríamos a distância do distante sul, o centro-oeste, o sudeste, o norte, o querido nordeste e a convergente região das Gerais.

Isso, região das Gerais! E seria a única no gênero feminino e no plural!

Soneto da Morte

não tenha medo da morte
sempre haverá mais vida
mesmo profundo o corte
o mal não está na ferida

se há dor, seja mais forte
amor e fé, a sua guarida
os sinais indicam o norte
o tempo, onde se abriga

é a eternidade que não se contém
uma concepção, suspiro imanente
voo de pássaro sem origem ou destino

sonho embalado, fantasias de menino
indefinível emoção, sorriso contente
e é a infinitude do que nos provém

em despensamento

não sei o que se passou nas linhas do tempo da minha ausência, mas ainda silente sou a presença presença muda, contínua em despensamento... carente de um abraço carente de um afago, de um estado de entendimento...

Letra delirante

o cais não me espera longe vai no mar errante ancorei-me na letra delirante nas ondas que me inquietam no turbilhão desse mundo inspiro, fôlego profundo longo tempo, muita espera versos que em voo saltam sem sentido por aí perdidos vivendo na fantasia, subvertidos a direção não é apontada pela mentira a razão não se encontra nesse espelho que espelha apenas aquilo que se espera e a massa insana em delírio, delira crendo no combustível da sua paixão ainda que fira o meu coração prefere-se muito o joio ao pouco centeio

Em estante

vagava por pensamentos queria algum dia nascer perdia-me em letras e em palavras me achava ideias quando eu era caminhos sem sentido num emaranhado num emaranhado de fantasia do drama de algum dia da dor que maltrata o coração da emoção que infla a ilusão de vida querendo apenas ser da inspiração em poesia crendo no alvorecer do carma em estrofe ou estribilho em páginas, em capítulos num despertar de encadernação qualquer história num papel esquecido no tempo ou em qualquer estante

Democracia Maldita

É uma dissonância cognitiva
Parece um mundo paralelo
Por uma fascinação coletiva
Tropas de zumbis amarelos

De uma frustração incontida
Esses delírios desarrazoados
As leis e as regras são fardos
Pois a democracia é maldita

Querem impor essa desequilibrada vontade
Os valores da pátria desses cidadãos de bem
Rogando um deus que apenas esse lado tem

São bolhas de sabão de uma Terra plana
Insígnias da demência, irreabilidade insana
Da liberdade sem as correntes da verdade

Acróstico da poetisa

Em asas voo longe
Daquelas lonjuras de fantasia
Leve asas, leve-me
Asas assim, de poesia

Muitos céus
Além de qualquer possível
Rimando com a emoção
Ilustrando em muitos versos
Na linha do imponderável
Histórias de um coração
Ornamentando o universo

Em asas voo longe
Daquelas lonjuras de fantasia
Leve asas, leve-me
Asas assim, de poesia

Lugares e paisagens de ti

Estive muito neste lugar
Muitas vezes neste lugar
E em cada vez me parecestes uma pessoa diferente

Contigo tantas vezes estive
E tantas vezes muito estive
E me parecestes sempre uma nova paisagem

Sendo única, multiplicas-te pelo tempo
Não te repetes, és como instante no tempo
E a brevidade é única e sempre na eternidade

Aprecio da tua presença o percurso
Mais importante que o destino é o percurso
E na tua estrada me encontro no horizonte

Ando por ti, sempre novo caminho
As sinuosidades, tua silhueta, és caminho
A linha do horizonte é nosso abraço

O chão e o céu nos contém
O toque do horizonte nos contém
Nuvens são únicas e montanhas viajam

Estive muito neste lugar
Muitas vezes neste lugar
E em cada vez me parecestes uma nova paisagem

Como o rio ou o tempo

Vem cá,
das vezes que fui fiquei
quando fiquei foi sonho
e posso ser sua fantasia
Vem cá,
das vezes que sonhei
nunca mais fui tristonho
flutuo pleno sendo poesia
Vem cá,
das vezes que me luziu
o meu suspiro alvorada
em sol, chamas do dia
Vem cá,
das vezes em que floriu
foi ternura exalada
furor no ar em melodia
Vem cá,
se é ponteiro incontido
ou rio em nascença
sou espera e sou oceano
Vem cá,
nunca volto, tenho ido
e revolto se ausência
sou como o rio e o tempo
Vem cá,
das vezes que fui fiquei
quando fiquei foi sonho
e posso ser sua poesia

Fronteira da noite

O sol mergulha em mim
Quando sou poente
E o horizonte guarda a luz
Em fronteira da noite
Que embala sonos
Tempera fantasias
E acolhe o repouso
A escuridão faz a sombra
Na intimidade de algum medo
Há no breu segredos
Sedução, estrelas
Mas a escuridão é decanto do amor
É a sombra em contraste
Velando verdades
É descanso e espera
Pois logo raiará o que é cedo
E o sol ressurgirá de mim
Quando em aurora
Enquanto o horizonte
Guarda a madrugada...

Tanta estrada

Na terra que se arrasta Ara-se o sulco para o grão Semeia-se a crua estrada Levanta-se o pó
desse chão Planta-se trilhos, caminhos Esse movimento da poeira Em exaltação faz universos
Gesta-se mundos, estrelas Expande-se liras, rimas, versos Letras, cantigas, luas, espaço Vejo
muito o céu escuro Com tantos astros, olho a lua Mas logo adiante vejo muros Atenta, a
imaginação se insinua Como asas para o infinito No ar tanta brisa a inspirar Solto o brado, largo
o grito Tanta estrada e mundo aflito Dessas moradas de se morar O impossível é compreender
Planta-se trilhos, caminhos Letras, cantigas, luas, espaço Como asas para o infinito O impossível é
compreender Planta-se trilhos, caminhos

Uma poça d'água

Numa possa d'água desse chão
Eu ansiava o reflexo da beleza
Num mergulho na devastação
Da expectativa veio a tristeza

A arte arrancada da inspiração
E do acaso verso da incerteza
Numa possa d'água desse chão
Eu ansiava o reflexo da beleza

Do que nos parece nada, canção
Nessa realidade não há justeza
Da sensibilidade surge a proeza
Um olhar sutil, do caos o bordão
Numa possa d'água nesse chão

Turvo encanto

...

Cães ferozes

Em bando hostil

Turvo encanto

São feromônios

Ópio, demônios

Dessa cadela

Sempre no cio

Sibila a serpente

Animais e gentes

Besta, espanto

Exala maldade

Agora chocados

Caos da mente

Ira explodindo

Ovo eclodindo

Animais e gentes

Esses covardes

Tão fascinados

Raivosidade servil

Turvo encanto

São feromônios

Ópio, demônios

Dessa cadela

Sempre no cio

...

Sempre

Tenho ambientes
Tenho estrelas, astros
O sol pontual já não existe
Meu olhar é odisseia sem tempo
Além do giro do mundo

Para dentro de mim eu olhava
A me procurar
A cada momento, tinha esperança
E sempre me esperava
E o sempre era um outro eu
A se enclausurar

Ainda não era como o céu
Que jamais poderia se repetir
E assim sob um véu
Introvertia-me sem me cumprir
E o sempre era um outro eu
A se enclausurar

Mas de inopino, um clarão
E um trovão de um trovador
Raio de luz chamou-me o olhar
As grades de escuridão dissipam
E dissipa a introversão à luz
Vertia-me num existir
E o sempre era multidão de mim
Em prenúncios a me anunciar

Tenho ambientes
Tenho estrelas, astros
O sol pontual já não existe

Meu olhar é odisseia sem tempo
Além do giro do mundo

O último suspirar

De repente
Falta-lhe o respirar
O pulso surdo
O olhar noturno
Sob o véu turvo
E o que foi sopro,
Foi-se
Último suspirar
De repente
Tão jovem
Tão velho homem
Tão velha ida
Muito ontem
E ainda era criança
Na vida
Nunca viveu velhice
Mas a criança sorria
Meninice
Da sua senilidade
E do que é realidade
É que tão jovem
Tão velho homem
De repente
Falta-lhe o respirar
O pulso surdo
O olhar noturno
Sob o véu turvo
E o que foi sopro,
Foi-se
Último suspirar
De repente

Canteiro

Tanto canto
Canto em melodia
Todo tempo, o dia
Nesse canto leve
Leve a todo canto

Tanto planto
Planto a inspiração
Sementes do coração
E germina breve
Breve entanto, planto

Planto o canto
Em canteiro planto
Semeio a sinfonia
Canteiro de cantoria
Colheita da canção

Abreviaturas

Abreviaturas de infinitos
São eternas brevidades
Pontos renitentes escritos
Quadros, versos e saudade

Breve tempo irrestrito
Sensação de soledade
Abreviaturas de infinitos
São eternas brevidades

O repente verbo transcrito
Marco presente na verdade
São memórias da afetividade
Norte instante imprescrito
Abreviaturas de infinitos

Este Livro

Queria ser vento Mas sou breve sopro Já fui muito vivo Também já fui morto Do pranto
ser o alento Do sal que da face escorre Ser o tempero redivivo Um afeto que nunca morre Em
laços que me laça a história Nos lastros dos vários caminhos Em rastros da minha memória Se
encontros ou descaminhos Das brevidades sou este livro Eternidades, coração e abrigo

Em letras

Achava que eu era letra
Mas me encontrei em versos
Em prosas carentes de rima
Contos incontáveis, desconexos
Vi-me num insinuoso rondel
Achava que eu era a escrita num papel
Em trovas que gritava sinas
Estrofes contadas em métricas
Quadrantes sem a liberdade
Presos numa mera estética
Poema de um impreciso
Tentei me aventurar num indriso
Perdi-me em seu terceto
Encontrei-me num soneto
E achava que eu era letra
Uma breve aldravia
Um canto de cotovia
Para fazer-me poesia
E nas pontas dos dedos *vivia*
Pelas linhas que eu empunho
Mas ao espelho
Ainda era um simples rascunho

Lampejos do absurdo

Era um cortejo de luz!

A distância era tímida diante dessa estrada...

Vagalumes exaltados reverenciavam em lampejos e oravam ao que lhes parecia um milagre...

O céu saudava o chão em comunhão inimaginável, fazendo da linha do horizonte um elo de bordado bonito, sensação de cumprimento de mãos e abraços, sem lonjura e ainda assim amplo, exalando um certo impossível que não se explica em meras palavras, mas pode-se sentir em perfume na atmosfera, em sentidos aflorados de versos de poesia e nos coloridos de fantasias...

Busco na memória o badalar de sinos ou a rotina, a dor de alguma perda ou um arranhão...

Consigno imaginar apenas o dobrar de sinos em chamado de uma sacralidade perdida que não conheço o gosto.

Mas não é crível a dor, a perda, não me parece razoável arranhões, soam como uma lenda, credices ditas em inocente ignorância...

Fantasias de alguma criança!

Olho por detrás do futuro e vejo caminhadas dos mais diferentes caminhos, e me vejo em aceno naquela caminhada única, com um olhar opaco, desbrilhado e sem tempo, mas feliz de alguma maneira por apenas ter sido...

Olho aquém de todo o porvir e vejo janelas adentro a refletir paisagens em cores que não mais me lembro, e vejo meu sorriso largado em meu rosto esquecido, irreconhecido, e o pó dos passos que foram meus e sinto o estranho fatigar daquela ida...

Percebo o suor escorrendo no rosto que vislumbro mais adiante, um esforço de vida vivida em algum tempo que me exprime afeto repentino de um repente sem lucidez... Pele cabocla que nunca tive e olhos eternos em cada piscar, transbordando resignação e algum aprendizado marcado em alguma cor da minha aura...

Uma criança chora ausente de colo e uma face a lhe fitar em carinho maternal lhe acolhe, já não tenho privação dos tempos e na vastidão de tantas sensações choro novamente esse choro anacrônico de uma criança em lembranças revividas, rompendo o peito... E de todos os universos e

de todas as dimensões e ciclos de eras, queria apenas esse agora e os braços e o embalar no colo daquela mãe... Nunca senti tanta eternidade!

São tantos mundos que orbitam o meu universo nessa sublime infinitude, nessa jornada de tempos guardados nas trilhas enigmáticas da vida, nos batistérios da existência de cada ato...

E no testemunho de uma estrela do céu ou das constelações em testamentos, momentos vividos cravados na história...

E é tanta vivência que se guarda sempre uma novidade no caminho já trilhado, especialmente para desvendar um carinho, um afeto, para surpreender em alguma experiência perdida no tempo inalcançável apenas àqueles carentes de passos, de céus, de voos, carentes de sonhos, de absurdos e infinitos, carentes de fé e infância...

Vagalumes exaltados reverenciavam em lampejos e oravam ao que lhes parecia um milagre

A distância era tímida diante dessa estrada...

Era um cortejo de luz!

Yanomamis

Infinito é expressão divina
A dizer que o sagrado vive
Na natureza que tomba.

Onde mora o suspiro originário
Mora a raiz que não se arranca
Ainda que a tristeza grite.

Mortes, violenta dor é a sina
Inda nas mãos do sanguinário
Seu brado bradará infinito

Estranho calor

O vermelho se derrama
E eu não sei se é pétala
Da rosa rubra que fascina
Não sei se é minha sina

E o destino me ausculta
Coisas outras e etcétara
Tateia-me a ofegância
Ansiedade irresoluta

Qual seria essa cadência
Essa prosa em fragrância
Falta-se rima, falta-me poema?

Dizer-se em cálculo, teorema
A sensibilidade em fragância
Estranho calor que me inflama

Tem cura

Entorpeceste em ópio
Êxtase da insanidade
Conflitos com a verdade
Fervores em paradoxo

Sanguessuga tóxico
Volúpia sem dignidade
Veneno do que é mórbido
Corrosiva essa maldade

Vício que causa o pranto
Presas que sofrem prisão
Tudo tem cura, acalanto

Abraço, um braço, uma mão
Olhar que prescinde ser santo
Acolha e ajude um irmão

Junto a mim

Quando eu era
Ainda pouco nascido
Tu estavas por vir

Tanto tempo antes
Não sei

Quanto tempo temos
Não sei

Antes de mim
Já eras

De tantas eras
Junto a mim tiveras

Quando eu era
Ainda pouco nascido

Mais que nós

O mundo não é apenas nós
É muito mais que sóis
É você, eu, e até eles
O mundo é mais que nós

Nós que me amarram cativo
Do universo, o tanto motivo
Universo único em turbilhão
E ser multidão de cada ser

Dos que me amaram lascivos
Um universo infinito contido
No seio de uma bela paixão
Ser a interjeição do prazer

Dos que me tocam cativos
Um único verso incontido
Toques, dedilhando a canção
Por inspiração do seu ser

O mundo é mais que nós
É você, eu, e até eles
É muito mais que sóis
O mundo não é apenas nós

Areia da ampulheta

...

A areia escorre sem parar, sem sentido...

Caem grãos incontáveis enquanto o sol e a lua me visitam dia e noite...

Esses grãos, como chuva, amontoam-se enquanto os tecidos curtidos e já encardidos pelo sal de suor de todas as lidas secam, a se amarrotar, mudando semblantes e desenhando mapas sem direção, sem norte...

Sulcos que surgem nesse tecido contemporâneos às novas gerações da renovação do mundo, que prometem seguir quando eu não mais tiver passos...

E elas são promessas de novas idas com a convicção imprecisa da estrada, assim como a areia e o caminho das rugas, na certeza do porvir, enquanto nuvens e estrelas ornaram toda sina indiferentes de eras...

Caem grãos incontáveis enquanto o sol e a lua, nuvens e estrelas me visitam no desdobramento da minha jornada, reverenciando o destino a ser cumprido, a ser desenhado, a ser sentido, sem norte definido, mas com a sorte de um rumo, mesmo que seja a certeza da morte...

A areia escorre ainda, e enquanto ampulheta sou findo, e ao fim dos grãos sou tempo infinito...

A areia escorre sem parar, sem sentido...

lemanjá

Nas barras do seu vestido azul celeste
De uma celestial sublimidade

Com rendas brancas que ornanentam sua verdade
São espumas da mais pura divindade

Nessas barras do seu vestido
Também tem virtudes
E me leva em seu altar
E me lava, vestida desse mar

Rainha das águas, minha mãe sereia
Liberta-me das correntes que me apeia

Molha meus pés e afasta de mim todo mal
Banha-me nas suas lágrimas, banho de sal

Para o melhor futuro oferto o meu presente
Sua luz é farol de guia a muita gente

Seu bailar de luz tem eternidade
E seu colo é abrigo de proteção

Deusa rainha das águas desse mar
Das rendas brancas que ornanentam sua verdade
São espumas da mais pura divindade

Nas barras do seu vestido azul celeste
Também tem virtudes
E me leva em seu altar
E me lava vestida desse mar

Rainha das águas, minha mãe sereia
Liberta-me das correntes que me apeia

Molha meus pés e afasta de mim todo mal
Banha-me nas suas lágrimas, banho de sal

Talvez, sobre as contradições deste mundo

No burburinho da praça
Há pombos no chão

Já não voam alto
Não precisam ir longe
Rastejam migalhas tóxicas
E voam breves, desabstinentes

Esses pombos
Pensam dominar o mundo
Empolutos, delirantes
Monitoram tudo
Como em jogos de telas
Dos telhados e das praças

Não é acaso
É indiferença
Realidade
Não é crença
Constroem maldade
Nunca me esqueço
Do magro índio menino
E seu povo desvaido
Na fome violenta
Em brutalidade perversa
Vítimas de extermínio
Sob as sombras do luto

Sons de ilusão
Ritmo de tumulto
E eu lia uma poesia
Sobre essa contradição

No burburinho da praça

Som sem brilho

Não escuto brilhos
Fogos sem artifícios
Fogo, armamentício

Não fique triste
O dedo em riste
Se tocará o gatilho
Não somos todos uns

Cuide dos seus filhos
Nessa festa sem cores
Sem quaisquer valores

Eu escuto tiros
Em marchas sem fome
Vestem-se os vestidos
Despem-se os nus

Chão

sou chão chão onde me planto onde por mim caminho onde me faço estrada para ti e muitos
tantos outros afetos sou chão chão onde me suplanto onde jardim é carinho e onde flores,
destino e sou repouso na estada sobre mim, sou muitos e tantos outros aprestos sou chão chão
de todo meu pranto onde rego meus enquanto que escorrem ribeirinhos pelos vales comezinhos
aqui onde sou a estrada e o repouso da caminhada para ti e os muitos entantos e outros afetos

Assim

assim como no mar minhas águas não me bastam senão serei desinteirosa desague-se em mim
assim como o céu e por esse chão que o justifica senão seria pleno abismo ampare-me como um
leito assim como as montanhas com toda visão da altura senão serei limitada luz vista-me do seu
horizonte assim como os rios em frescor que aplaca a sede senão seria secura áspera
escorra-se nos vales do meu ser

Noite

A penumbra se anunciava
Como um mensageiro
Da escuridão...

Ainda não era noite
O dia se recolhia irrepentino
E o sol já se despedira
Apenas os rastros de sua luz
Preservavam alguma claridade
O dia ainda ia resistindo
Mas o manto da noite
Com suas sombras de mistério
E inexorável persuasão
Levaram também o dia ao repouso
Para como o sol, descansar
Esperançoso da aurora
Já em gestação...

A penumbra se anunciava
Como um mensageiro
Da escuridão...

E a noite surgia...

Dia

Prenhe de dia, a noite cedia
A penumbra como névoa
Dissipar-se-ia
Depois do giro do mundo
Lampejos anunciando
Mais um inúmero dia

Era o ocaso da noite
Um restinho de breu
E o sol já se anuciava
Com novos sinais de raios
Inaugurando em madrugada
Um novo tempo

O azul celeste escondia estrelas
O horizonte se arredava para mais distante
Ampliando a vida sob meu olhar

Depois do giro do mundo

Vista do tempo

eu vi o tempo
se acumulava
e assim se dissolvia
eu vi o tempo
como rio passava
e não se repetia
eu vi o tempo
do vazio transbordava
parcialmente se mostrava
eu vi o tempo
tinha cor de fantasia
talvez seja poesia
eu vi o tempo
como poeira do deserto
a areia lhe escorria
eu vi o tempo
anacronicamente incerto
em espírito me perdia
eu vi o tempo
se acumulava
e assim se dissolvia

Sem luz

agora longe dos olhos
luz esquivadiça
deixa turvo meu olhar
subtrai meu horizonte
dos olhos, agora longe

agora longe dos olhos
essa distância movediça
é deserto, cansaço, mar
abstrai o meu rompante
dos olhos, agora longe

o meu pranto é sem consolo
a indiferença não me ignora
e minha dor irrepercute
esse sentir surdo, até quando
é sem consolo, o meu pranto

o meu pranto é sem consolo
os dias seguem sem aurora
da esperança que me incute
a espera do breve enquanto
é sem consolo, o meu pranto

Sem estrada

A estrada foge de mim
Perco-me
Desterrado do destino

Eu erro desde longe
Vejo-me
Na razão que procrastino

Nesse universo em jornada
Percebo-me
Sem passado desde menino

Sem suspiro, inexisto
Fantasio-me
No espaço-tempo repentino

O sol a pino me avista
Desperto-me
Desbastando o desatino

A estrada foge de mim
Perco-me
Desterrado do destino

Mulheres, talvez

Talvez hoje muitas recebam flores, mas o que de fato se celebra é a força da mulher em sua constante luta por respeito, liberdade e igualdade...

Talvez hoje muitas recebam solidariedade, ainda que não passe deste dia, ainda que seja manifestação vazia, mesmo assim é efeito do movimento feminino.

Talvez hoje muitas recebam carinho, e certamente alguns presentes e outras intenções, rosas em buquê de assédio, inconfissões, toques desencantadores.

Talvez hoje muitas recebam flores, mas o que de fato se celebra é a força da mulher em sua constante luta por respeito, liberdade e igualdade...

Talvez hoje muitas recebam a verdade, gestos e afetos de real beleza, eu diria um sorriso ou verso de poesia, a certeza, todavia: a mulher provê o mundo...

Passado insepulto

Se padeço,
não é de desamor
o ar que inspiro
suspira poucos versos

Se careço,
talvez de uma lembrança
de uma revivência
dor de alguma nostalgia
a justicar o presente

Um grito repercutindo
de um passado insepulto
querendo ter futuro

Verbos e sentidos

nessa cadena a voz suplica o verbo me condena o mesmo que me livra do dizer da morte
inicia-se mundos e do mesmo dizer faz-me o sopro a brisa que aventa o verso do novo a rima
que inventa a palavra perdida na via que alenta com a mesma sorte a voz suplica nessa cadena
o verbo que me livra o mesmo que condena

Inusitada visita

Hoje me chamou a angústia
Uma angústia angustiosa
Uma angustiada angústia
E a prosa soou com alguma poética

Não houve queixas,
Nem estávamos à mesa
O tempo era a sala e o chão
E átimos mobiliavam o ambiente
Sentávamos no sofá forrado de instante

Um som surdo era sua voz
E eu compreendia toda mudez
E mudo respondia sem convicção
Não se buscava razão no discurso
E não compreendia bem tal persuasão
Era fluida a palestra de estranha fluidez

Procurei ser bom ouvinte,
E vislumbra do interlocutor
Uma expressão indefinível e deslúcida
Em retórica turva que cobria minhas cores
Em silêncio, a sensação sem palavras dizia
E tudo dizia sem constrangimento

Por hábito, procurei ser gentil
Era o anfitrião, mas nada servi
Além de um alento insosso
Mas nada pedi, sem contraposição
Além de uma lucidez necessária
Naquele pedaço de lugar qualquer
Um lugar qualquer de mim

A emoção devia ser o pão
Sem substrato de pensamento
A depressão eu via da janela
Brincava com outros cães
Em paisagem distorcida e distópica
O horizonte não era claro
E o escuro ainda era inocente

A prosa já não tinha sentido
E o meu peito, como céu cinzento
Descarregava fúria em torrente
Enquanto eu mesmo ficava à porta
Aguardando o minuto final
De um juízo sem julgamento

A angústia angustiada
Desculpou-se em plena culpa
Enquanto degustava o último gole
Da lágrima que lhe servia
Juntamente com um naco de alívio
Contorcendo-se a face
Pelo dissabor sem veneno
Retirava-se e longe ia
Com sua criatura da depressão
Arrastada por uma guia

Prescindido Abraço

Seria morte, se não fosse lembrado
Seria inexistido, se sem passado
Para o futuro, os tantos enquanto
Neste presente, embrulhado em laço

Lembranças do prescindido abraço
Ainda há o lamento daquele pranto
Verberando no tempo, grave momento
Da ferida à compreensão, um alento

O que cala a dor é a caminhada
Jornada de dias, de sonhos e noites
Vivência de vida, de lida de açoites

Seriam só cortes, mas já é cicatriz
Houve muito amor, erros e estrada
Seria preciso, se fosse apenas feliz

Em seus pensamentos

...

Queria ser uma canção
Melodia em seu ouvido
Ser seu suspiro atrevido
E em seus pensamentos
O deslize real, sutil, sensual
Ser a lembrança de malícia
A novidade em pleonasma
Ser seu sonho, seu desejo
O seu entusiasmo, o mote
Do seu íntimo auto toque
Fricção da própria carícia
Aquele gozo de orgasmo
E o gemido de mim
Queria ser uma canção
Melodia em seu ouvido
Ser seu suspiro atrevido
Pelos dedos da sua mão

...

Andança

era pó nos pés e roupa
andança desde criança
caminho caminhado
sozinho

era dó e fé, esperança
alguma reza e benzeção
era só
caminhado caminho

olhar de brilho perene
e mãos sem eternidade
se riso, rio de lágrimas
cáustica era a verdade
e tantos passos infrene
de maresia e sal

estrada era bem e o mal
destino em tralhas de sina
suor e tristeza peregrina
na jornada que ensina
por essas coisas e tal
sabor da incompreensão
em que muito é coisa pouca

era pó nos pés e roupa
andança desde criança
era só
caminho caminhado

sozinho
caminhado caminho

era dó e fé, esperança
alguma reza e benzeção

Lu!

Na intimidade Quero-lhe nua Lu, assim a chamo A mais bela imagem Não sou São Jorge
Não sou o Dragão A lucidez até me foge Olho ao céu Quero seu chão Lu, eu lhe clamo Não
me falta coragem Eu fico sem norte Será ópio? Alucinação... Nem preciso ser forte Olho ao
céu Quero seu chão Quero da poesia Da sua inspiração Alguns meros versos Sei que é
fantasia E é amor que confesso Lu, eu lhe amo Na intimidade Quero-lhe Lua...

Sopro de olhar

de um olhar, uma vida inteira
foi assim aquela emoção
inominada sensação de mim
percebi flores e cheiros
multiplicaram-se as cores
e tudo era novidade

quis dizer mas já lhe dizia
de sua aura um perfume
imprescindível como o ar
esse ar que salienta meu peito
em cada inspiração um verso
em cada expiração, universo
e meu arfar era céu e poesia

vi passar sob meus olhos
toda a vida, como dizem da morte
e ainda sequer tinha vivido
renasci tantas vezes
e renasço agora em ti nascido
quando nada antes havia
até esse sopro de olhar

como correntes içadas
ao encontro que se desancora
assim um resgate de um naufrago
a afogar-se no próprio vazio
oferto minha alma em penhora
num delírio de gratidão
e me acolhe em seu regaço
e em seus braços me guardo
e em seu ventre minha sina

e em seus seios oceano
ressaca que me fascina
na sua ofegância e no beijo
o sonho sonhado em desejo

vi passar sob meus olhos
toda a vida, como dizem da morte
e ainda sequer tinha vivido
renasci tantas vezes
e renasço agora em ti nascido
quando nada antes havia
até esse sopro de olhar

Enganos e alguma luz

Há vida nas casamatas
Nas trincheiras
Antes das emboscadas
Em prenunciados conflitos

Nos campos de minha alma
Nos guetos tantos de mim
Muitas certezas e ressalvas
Enganos e alguma luz
Há dúvidas e caminhada

Todo passo ruma ao horizonte
E rastros deixo nesta terra
Enganos e alguma luz
Refranzem-me meu semblante
A insônia sabota os sonhos
E a noite traz longa espera

Todo voo de vida é rompante
Nessa ida de luta e de guerra
Apenas uma vez mais, sigo a viver
E sempre uma vez mais viverei
Apenas eternidade desse meu ser
Inda que por mero instante

Há vida nas casamatas
Nas trincheiras
Antes das emboscadas
Em prenunciados conflitos

Futuro com atraso

Amanhã terá escuridão
É o que diz a profecia
É o que está escrito
E é o que se diz e está dito

Nessas linhas tortas
Em cifras da devastação
As palavras sem poesia
Da lírica quase morta

Estrangulada inspiração
Não consegue bem soltar a voz
Sem vez, pálido semblante
Turbidez, verso destoante
Sua tez, olhar sem horizonte
Leito seco, vale de rio sem foz

Sem embargo de toda sorte
Fluxo de uma onda de caos
Incontáveis são tantas mortes
Surto de um tempo sem espaço
Homens de bens e de maus
Creia-se no futuro com atraso?

Nos sulcos da sua aura vejo
Das páginas já escritas deduzo
Na direção dos passos conduzo
Minha razão com critérios
Esclareçam-se nossos mistérios
E assim está escrito, está dito
A sina é certamente a direção
Do carma arrisco a profecia

Não exatamente o que desejo
Mas nos sulcos da sua aura vejo
Aprume-se e erga a sua visão
Resgatem-se o verso e a poesia
Nas páginas em branco que virão

Casa vazia

essa casa já tinha morrido onde estará quem nela mora e o encantamento de outrora das vidas de quando abrigo antes de toda andança escolhe-se qual é o caminho e os passos rumo ao destino afiançando-se na falsa esperança de ser adulto sem ser criança tenho saudades do seu quintal das aventuras, correrias e cores dos insetos, borboletas e flores da inocência sem qualquer mal tenho saudades do seu quintal das nossas conversas desde a manhã de descobertas, da pera, uva ou maçã e dos caprichos com balas de hortelã tenho saudades do seu quintal das brincadeiras, das aventuras das árvores, desafio nas alturas dos jogos, histórias, coisas e tal tenho saudades do seu quintal daquela infância nessa morada agora é pó, chão e essa estrada de uma existência já desbotada e a casa já tinha morrido onde estará quem nela mora o encantamento de outrora das vidas de quando abrigo

Despertar

Despertei-me no sonho E no sonho fui despertado Sonho que não tinha chegado Mas já havia
ida, trajetória Estava há muito na estrada A paisagem me percorria Esta estrada me levaria
Ao meu sonho em jornada E ao meu sonho levaria Prescindido da memória E acordei sem
destino

O enigma

...

Era quase solidão a palavra colhida...

A esperança pousa em meus galhos, já ressequidos.

A dor me avisou, tentou, mas a desdenhei.

O amor que senti era quase palpável, quase tangível!

Apenas conheci a paz verdadeira quando o silêncio que não se descreve passeou em mim como num chão relvado, sem gravidade e sem aspereza de pedras.

Nos contornos da minha consciência a mudez aplacou o escândalo e uma tormenta surda se evadiu de mim, aturdida pelo inexplicável que ocorria.

O amor era o segredo da paz e da guerra, era a chave do mistério do degrado e da união, era o enigma e era portais para dimensões indefiníveis...

O silêncio era a resignação com o incompreensível, o acolhimento e a descoberta de toda potência em sementes do despertar a espera do porvir...

O amor que senti era quase palpável, quase tangível!

E a esperança como um suspiro, o alento na ausência do olhar de afetos e o ânimo no tumulto dos conflitos de mim.

Sobre o céu eu explico com sonhos, enquanto na linha densa da vida vislumbro no horizonte o crepúsculo da incompreensão, a noite da solidão, a espera da aurora da fé, crendo no raiar da conclusão do amor...

...

Aquele beijo

E eu ainda sinto
Seu fulgor
Seu hálito
Na minha inspiração
Lembro daquele beijo
Beijo de amor
Eterna brevidade
Não era roubado
E sim guardado
Na eternidade
Do meu coração
Uma fantasia
Beijo já sonhado
E por breves minutos
Era como uma lembrança

Cárcere

Há paredes demais
Há muros, pedras, grades
Meu pulsar é carente de vida
A tormenta me invade
Em face da dor e da injustiça
Quando culpado, resta-me inocência
E, se inocente, reclusa-me culpado
Faço rogativa à divina providência
Nesses caminhos em que tenho errado
Não há vida sem liberdade

Há paredes demais
Há muros, abismo, distância
Nesse pesar, opressiva guarida
Onde a razão em tanta ferida
A dor, a angústia, essa ânsia
A fúria incandescente me arde
Não há vida sem liberdade

Há parede demais
As fronteiras gritam num abraço
Tantos detidos na individualidade
Há indiferença e há descompasso
Há muros, abismos, distância
Barreiras, paredes, e há grades
Nesse pesar, frio, fome, agonia
Mas não há cárcere para a poesia
Qual a realidade desses versos

Terça-feira 13

Uma melodia de suspense Um frio na espinha da gente Um medinho dessa fantasia Dizem que é o dia do azar A distração, distraída emoção Crendices sem sentido às vezes Nessa maldição desse dia treze Meu calendário, confusa razão No preparo para o verso sombrio Brinco nas linhas dessa poesia Com esse assunto de se assustar E para arretirar algum arrepio Me vi sem sucedido, pois hoje não é sexta E é tolice meu tema nessa simples terça

Do céu e do chão

Um voo de volta
Deixando lá saudades
Um céu a espera
De horizontes abertos
Na vastidão do seu abraço

O chão que chora
No arco riscado num traço
Do seu zarpar esperto
Assim visto da terra
Deixando cá saudades

Seja das nuvens
E desse firmamento
A insígnia da liberdade
Asas em movimento

Seja do pó levantado
Em carinho clamando raiz
Desse chão pisoteado
A virtude da própria história

Onde quer que seja

Seja onde quer que seja

A dignidade que centelha luz
O princípio do que não começou
Em toda terra que em você caminha
Em todo céu que em você voa
O diapasão da vida que ressoa

Seja onde quer que seja

A força propulsora que produz
A boa colheita do que se semeou
O alimento, a energia que nos anima
Na expansão sutil do seu universo
A jornada inexorável do progresso

Seja onde quer que seja

Os olhos e o guia que conduz
A alvorada onde o sol não raiou
Dos passos, a correção que alinha
Nas trilhas misteriosas do infinito
Inspirando vida e o verso incontido

Seja onde quer que seja

Uma escrita

quero apenas papel e lápis
e letras rabiscadas, manuscritas
a caligrafia em grifos marginais
denunciam-me em toques digitais
versos analógicos sem razão
verbos ilógicos sem qualquer ação
reverberando pródigos a emoção
em rimas soltas ou notas informais
pelas palavras reprimidas e formais
que me repercutem em toda altura
e ecoam-me na profundidade abissal
com imagens de qualquer ventura
meu sentimento de bem ou de mal
expressão viva de quem ri ou grita
quero apenas papel e lápis
e letras rabiscadas, manuscritas

Idas e chegadas

desde que eu cheguei
admiro a novidade do horizonte
o céu mais alto que já vi
as cores mais coloridas que vivi
era esse o destino depois de muita viagem
e o tempo já não se contava, nem os dias
e as horas, os minutos, os segundos
contavam-se estrelas e viam-se mundos
o tempo bordado em relógios
nas paredes eram delicados enfeites
sem predisposição de limitar ou medir
apenas valorizavam em detalhes o existir
os voos tornavam-se hábito do cotidiano
e a vida inexplicavelmente se impunha
a visão adaptando-se à novidade de cores
com imagens, sons, revelação de valores
os mistérios da existência fogem à razão
nosso discernimento é fração da realidade
misturada com erros, enganos e fantasia
e no curso da plenitude, versos de poesia
o que chamamos de chegada é nova ida
e sem cessar é a criação, é a expansão
do universo que somos, mas não sozinho
e o somatório dessas jornadas é o destino
desde que eu cheguei
admiro a novidade do horizonte
o céu mais alto que já vi
as cores mais coloridas que vivi

Versos e brisas

Sentia-me nuvem
E cheio de céu fluia
Minhas asas eram sons
Em brisas de melodia
Versos em viagem
E, com tanto caminho
Nas letras de muitos tons
Em brisas de melodia
Era muita paisagem
E era alturas e fantasia
Aquarela de muitos tons
Em brisas de melodia
Verbos que vêm
E palavras que vão indo
Nas ondas de muitos tons
Em brisas de melodia
Sentia-me nuvem
E cheio de céu fluia
Minhas asas eram sons
Em brisas de melodia

Ensaio distópico de um quase futuro

Quando olho para o futuro, é como se eu buscasse ver além do horizonte. Quando olho para o passado, observo o percurso percorrido e a bagagem de colheita que se constitui meu fardo. E vejo hoje esse presente com indicativos de consequências ignoradas ou desprezadas em razão da ilusão mesquinha de poder que marca os passos dos seres humanos. Houve muitas virtudes colhidas como flores perfumadas, mas também colhemos frutos amargos e venenosos e tantas vezes morremos. E morreremos tantas vezes mais nesse caminhar desatinado em todos os registros da nossa história terrena. E agora o grande desafio é prosseguir! ... Tanto tempo havia se passado, um tanto insuficiente, no entanto... A viagem seguia árdua pela estrada já em ruínas, mas eu ansiava explorar os infindáveis campos herbáceos com suas árvores esparsas dividindo o descampado espaço pouco demográfico da impressionante savana amazônica. Os antigos leitos de verdadeiros mares de água doce agora eram uma imensidão de vale pouco raso, ora seco, ora verdejante, formando uma espécie de pântano ao baile da instabilidade das estações.

O clima equatorial e árido, de calor escaldante já era percebido antes mesmo de chegarmos. A viagem longa nos proporcionou vários cenários diferentes e seguimos o desafio do caminho, após passarmos pela região inóspita dos desertos do planalto central, com muitas cidades abandonadas, em ruínas tomadas pela invasão de poeira, formando imensas dunas, mas ainda em parte visíveis, que denunciavam que ali houvera uma civilização. Nesses lugares arruinados pelas revolucionárias intempéries do mundo, com seu clima agressivo, viviam ainda comunidades isoladas que sofriam a régia escassez e sobreexistiam com a força desconunal e quase sobrenatural que promoveram várias histórias e lendas desses habitantes extremos de um habitat extremo. Da pavimentação da estrada pouco se restou, um caminho de chão de terra com mato, pedras e resto de asfalto. O céu parcialmente azul, encoberto de nuvens brancas e acinzentadas e cores da atmosfera, que variavam de um vermelho claro, laranja e roxo, dependendo do dia e do horário, era o cenário impreciso, surpreendente e tristemente belo. Dizem que durante as raras chuvas deve-se procurar abrigo, pois a variação de acidez pode ser inofensiva ou causar alguma irritação pelas partículas de fuligem que ainda caem como sereno de intensidade variável da tão brutalmente castigada estratosfera, contaminando as torrentes sob a crosta nesse período de adaptação e esperança de superação do mundo e das vidas ainda existentes na terra, na água e no ar. Uma vez alcançado o destino traçado até o alto do distante descampado amazônico, entre uma floresta arruinada e morta, com troncos esqueléticos de grande porte tombados ou ainda eretos, mas ressequidos, destacava-se a realidade desse novo bioma surgido do desastre ecológico ambiental que devastou consideravelmente continentes inteiros, transformando o que restou da humanidade em espaçadas organizações sociais, em um novo contexto e com muitos desafios dessa era que surge. A chamada savana amazônica é o resultado dos efeitos das cataclísmicas mudanças no clima que experimentou o nosso globo terrestre, castigando a fauna, a vegetação e é a resposta da natureza esse redesenho ecogeológico, biológico, atmosférico e social do mundo. A mutação da Terra representou o fim de uma era e o recomeço em um novo estado de coisas, com a extinção do que se conhecia das civilizações como eram e alterações em todos os setores do mundo, com extinção de Estados, fronteiras e muitas culturas, e um dos efeitos do desastre energético e nuclear que quase destruiu o planeta foi também o surgimento de estranhas formas de vida selvagem em luta por adaptação e sobrevivência, com surpreendentes mutações, o que será também objeto de estudos nestas terras transformadas que já foram conhecidas um dia como o pulmão do mundo. A reconstrução social, cultural e científica é o impulso de algumas pessoas com maior discernimento para não apenas tentar salvar o que nos restou, mas resgatar a nossa história, catalogar o que era e o que se transformou nossa casa terrestre. E apesar da enorme dor, das perdas humanas e de tantas outras vidas, o que restou à humanidade sobrevivente é uma fé obstinada na força da natureza que resiste e ressurgirá para

prosseguir com a reflexão necessária rumo à reconstrução dos seus reais valores... Tanto tempo havia se passado, um tanto insuficiente, no entanto...

Em meus olhos verdes

vejo-te em meu olhar límpido à beira de mim admiro teu olhar a admirar a lâmina d'água onde brota meu choro escorrendo em rio a salgar algum mar vejo-te por meus olhos verdes verdes assim como a água de um lago carente de ti em molhar-te os pés tê-la aos joelhos molhar-te o ventre quero-te sempre atravessas-me a água num mergulho, num afago vejo-te em tua plenitude vejo-te assim vestida das águas do meu olhar num abraço translucidamente tua lúcida nudez quero por meus olhos molhar-te os seios encharcar-te os cabelos teu oceano verde quero-te sempre de um sereno lago, um mar vejo-te em meu olhar límpido à beira de mim admiro teu olhar a admirar a lâmina d'água onde brota meu choro escorrendo em rio a salgar algum mar

Do voo e do ar

O que faz O descompassado e trôpego A equilibrar na vida E querer voar? O que traz O
carente suspiro, resfôlego Do náufrago à deriva Além do ar? Perspectivas de qualquer verso
Cambaleante, de céu e reverso Expectativas de qualquer ilusão Lutas de vida e superação

Antes do enfim

Num lapso de mim
Qual exílio do tempo
Ao abrigo do alento
No abraço de um querubim

Na ansiedade de um enfim
Desde o ventre de um Deus
Antes do brilho dos olhos seus

E dessa luz que anima os meus
Desde o ventre de um Deus
Na ansiedade de um enfim

Dos corações ouço o pulsar
Já era o mistério a guardar o espírito
Antes da luz dos olhos meus

E da luz que anima os seus
E já era um clarão de sopro crístico
Dos corações ouço o pulsar

No abraço de um querubim
Ao abrigo do alento
Qual exílio do tempo
Num lapso de mim

Um verso apenas!

quero apenas mais um verso
ou que seja um verso apenas
um verso apenas, talvez
será o suspiro de um alívio
que valerá toda a eternidade
o derradeiro verso fluindo
na infinitude que imperece
vai a sorrir se desvaindo
deslizando pela claridade
guardada talvez em oblévio
relutando em languidez
e que seja um verso apenas
quero apenas mais um verso
um verso apenas, talvez

O falso poeta

Gosta do fruto da escrita
Mas o exercício o irrita
Na passagem de alguém
Rouba-lhe os passos
Crendo ter o seu destino
Age tal qual um cretino

Passeia por versos alheios
E os apropria sem rodeios
Na passagem de alguém
Rouba-lhe os traços
Age tal qual um corsário
Meliante, um mero falsário

Ilude-se mais a si do quem o lê
Na sua triste saga em nada ser
Na passagem de alguém
Rouba-lhe em assalto
O verso e a rima em ato inglório
Age tal qual desprezível finório

Gosta do fruto da escrita
Mas o exercício o irrita
Na passagem de alguém
Rouba-lhe os passos
Crendo ter o seu destino
Age tal qual um cretino

Chãos e céus

Não me faltam chãos
Careço é de voos
Os céus estão por aí
Não se acabarão nunca

Eu tive a lição da estrada
Trechos e atalhos inventei
Da minha incompletude
E fantasia brotavam versos

Se for prisão, viro vento
Há homens, e há gentes
Mas custa haver humanos
Não há grades ao pensamento

Minha alma escorre como rio
Segue fluida entre suas margens
É esse o caminho que me resta
E nesse chão o fluxo da vida

As vezes me faltam suspiros
Tantas vezes me sobram rimas
Noutras tantas outras certezas
Enquanto duvido do meu pensar

Da conclusão tenho o portanto
Em versos sem muito nexo
Em versos brancos e pretos
De um portanto portantíssimo

Não me faltam chãos
Careço é de voos

Os céus estão por aí
Não se acabarão nunca

Intergaláticas ilusões

Quanto suspirar mais terei Nessa longa odisséia infinita Tanta vida em breves sopros Tanta morte que não sei Indefinidas são as constelações Brilham desde um brilho morto Até a super nova em nova vida Viagem de intergaláticas ilusões As estrelas guardam segredos Nessa expansão fluida bendita No tempo e no espaço revolvo A origem dos medos e desejos Sigo o fluxo em prosa e universo Nas poesias a novidade do novo É o próprio recomeço essa lida E da rebeldia, o verso, o subverso Quanto suspirar mais terei Nessa longa odisséia infinita Tanta vida em breves sopros Tanta morte que não sei

Soneto do poeta abstinente

da inspiração, sofro a abstinência
a dor do poeta, cor do vazio
nada sou sem letra, um baldio
errante sem estrada ou destino

vibrante a desrima, o desatino
a perdição da falta de um verso
nessa escuridão eu fico submerso
a frase inexístida, minha penitência

a palavra muda, verbo que não muda
quero a criatividade que me desnuda
em cada detalhe de qualquer impossível

nessa ilusão a florada em tom indescritível
de um nada o todo surge num desespero
quero a escrita plena de um poeta inteiro

Sobre o céu e a terra

O céu é meu nascedouro
E é berço que ainda me embala
A terra é o mero sonho que cativa
E que justifica o desejo por asas

Antes do cárcere dessa vida, vivia
No leito tanto que me acolhia o infinito
No quanto imponderável, o abrigo
De todo meu ser que em si é descabido

Agora, ainda sem desterro, tenho passos
Numa realidade de uma escrita efêmera
Posso estar onde a palavra me pede
Numa inspiração que assopra e cede

Depois, já fluido e descingido, tenho voos
No desvelo do universo em cada sol
Nos raios de uma alvorada em odisseia
Nas imagens sem um tempo em epopeia

Ao esquecimento chama-se morte
E ao sofrimento, a adaga que fere
No desatino que precede cada cicatriz

Nesse torvelinho, gira a gira, triz em triz
O momento, a benção que se infere
Eloquente, qual chama de toda sorte

O céu é meu nascedouro
E é berço que ainda me embala
A terra é o mero sonho que cativa
E que justifica o desejo por asas

Antes do cárcere dessa vida, vivia
No leito tanto que me acolhia o infinito
No quanto imponderável, o abrigo
De todo meu ser que em si é descabido

Soneto claudicante

caio, quedo-me em queda
voo em vasto precipício
a razão ingrata, não medra
o desespero é meu vício

qual liberdade resta ao errante
ao errar um negro alvo
em mira indigesta, a flexa
em arco sem qualquer íris

obtusa visão de cicatrizes
que ignora o que lhe afeta
claudicante em passo falso

desluzida ideia de um pensante
que se faz refém dessa falha razão
não se libertando pelo coração

Pedras mudas

...

Rolam as pedras, rolam pedras mudas
Arrancadas, como arrancam o coração
Jogadas em ladrilhos no chão
Estrondando grito que ninguém escuta

Rolam as pedras, rolam pedras mudas
Sem surdina, rasgam o escrutínio
Ao futuro, indiferentes ao destino
A natureza em impassividade, ausculta

Revolvam-se terras, querem tesouros
Revoltam-se serras, indignação de pedra
Turvam-se o diamante em noite
Apagam-se o brilho da prata e do ouro

Em desequilíbrio, calor em açoites
Revoltam-se serras, indignação de pedra
Dessa sina, viva a reação que nos espera
Rolam as pedras, rolam pedras mudas

...

Olhos fechados

...

Aos mortos

Os olhos fechados

Aos vivos

O dilema dos pecados

Viver é a plenitude do milagre que se ignora

Morrer é a ilusão da finitude

No esplendor do eterno

Desde antes e agora

Aos pecadores

A remissão via oportunidades

Aos julgadores

Os açoites e o fardo das verdades

Viver é a profusão do verbo dito

A ação nos tempos dos vários eus

Morrer é a iletração sem sentido

Decifrável pela dimensão de Deus

No mistério que agora futura

Há lugar no espírito a rima do verso

O enigma da vida e de todo universo

Imagine toda a amplidão do espaço

Com todo o amor, guarda-se no abraço

Na lúdica verdade expargindo ternura

Morrer é a plenitude do milagre que se ignora

Viver é a ilusão da finitude

No esplendor do eterno

Desde antes e agora

Aos vivos

Os olhos fechados

...

Carente, entanto

vez em quando
sinto-me sem tempo
desgarrado de alguma vida, sem morte
vez ou outra
percebo-me antenascido
na quentura de uma mãe, num ventre
outra vez tanta
vejo-me longe, carente, entanto
de um tanto de mim
muitas vezes quando

desalento

escuta-se do ódio
que se propaga
sente-se da angústia
que se estabelece
degusta-se da morte
que é presente
desdenha-se da vida
que se desfutura
ensurda-se do amor
que se dissipa
goza-se do alento
que se veta
usura-se da dor
que se usa
exalta-se do egoísmo
que se abjeta
escuta-se do ódio
o próprio grito

Algo tanto

já fui tanto
fui punhado
um algo pouco
a razão do desatino
na guerra, fui soldado
um poeta peregrino
já fui grande
hoje louco
e tão pouco, pequenino
na terra, um desolado
um algo pouco
a razão do desatino
eu vivi
mas não cresci
tanta vivência
uma vida bendita
tanta carência
nessa fluência
o que me resta
a justificar a vida
é para luz
ser uma fresta
algo pouco
é tanto

Sonhos mutilados

Há de cessar
O fogo que queima
As crianças mudas gritam
Gritam sem corpos
Mutilados os sonhos
Na contagem dos mortos
Já não são tantas meninas
Nas tristes terras palestinas
Vinde a mim as criancinhas
Já não correm tantos meninos
Sobre o chão árido palestino
Vinde a mim os pequeninos
Ainda há escuridão na terra da luz
Ainda clama a mesma salvação
No mesmo calvário daquela cruz
E nos caminhos de um Mestre
Insistindo a voz da atrocidade
Impingindo ao destino a peste
Não calará o brado da verdade
Ainda há escuridão na terra da luz
Ainda clama a mesma salvação
No mesmo calvário daquela cruz
As crianças mudas gritam
Gritam sem corpos
Mutilados os sonhos
Na contagem dos mortos
O fogo que queima
Há de cessar

Tempo bendito

...

Tenho saudade de um qualquer infinito
De um impossível menor que seja
Era tanto tempo de tanto tempo bendito
Da eternidade da luz além da estrela

Tenho o tempo como meu abrigo
E o presente é meu leito onde me deito
E no sono do porvir, o virgem arbítrio
Num sonho inalcançável, rarefeito
Se desperto, nas paredes do passado
Fotografias vivas de um álbum desbotado
O meu quintal é de flores e instantes
E antes das eras e dos momentos
Antes das águas e dos lamentos
De todos os sopros e dos suspiros
Nas letras dos meus versos em delírio
Perdido, fui meu próprio desabrigo

Tenho saudade de um qualquer infinito
De um impossível menor que seja
Era tanto tempo de tanto tempo bendito
Da eternidade da luz além da estrela

...

Declaração Universal aos Fulanos

...

Em toda guerra no mundo
Dores, mortes de inocentes
E em um cálculo demente
Calculismo do lucro indecente
Enquanto guerras no mundo

O princípio em diálogo com o fim
O futuro e o passado no presente
As imagens, movimentos na tela
Permanente esse último suspiro
Todos os instantes num átimo
Ao final do túnel, no ocaso da luz
O fim persuasivo, rasgando motivos

Uma declaração em carta aos fulanos
Aos esquecidos, pobres proscritos
A fome se declarando aos gritos
E a maldade no manto da hipocrisia
Faz canção carente de melodia
Desilusão universal no mundo desumano

Ao final do túnel, no ocaso da luz
O fim persuasivo, rasgando motivos
Não justificando os meios ou inteiros
Permanente esse último suspiro
O mundo incandesce para todos
Enquanto o sol brilha aos poucos
A sombra não alivia os enganos

Em toda guerra no mundo
Dores, mortes de inocentes

E em um cálculo demente
Calculismo do lucro indecente
Enquanto guerras no mundo

...

E o cotidiano...

o cotidiano, e agora? tanta terra, tanto chão na ânsia por meus passos tanto horizonte, vastidão prescindindo dos abraços da fantasia dos meus escritos o cotidiano me ancora o cotidiano me demora tantas nuvens, tanto céu ansiando por meus sonhos tantas cores, tinta, pincel adormecidos, pressuponho a espera de um infinito o cotidiano me devora

O eco do infinito

... Ao longe, o eco do infinito E um berro sufocado Engasga-me o próprio grito Num silêncio o inaudito Mistério indecifrado Tons, bemols e sustenidos Enigma da fé e do pecado Verso em melodia guardado O mistério ainda indecifrado Sons rasgando algum vazio Enigma da fé e do pecado Escândalo que silencio A vida é inaugurada no silêncio Na contrafeição das muitas tormentas Expansão que em cada choro se arrasta A vida é inaugurada no silêncio Celebração que a criação tanto fomenta Deflagrando o sopro divino que exalta Ao longe, o eco do infinito ...

Genuflectido

...

Já não ando,

Arrasto-me...

Qual lei determina essa sanção?

Qual juízo de tão pesada mão

Curvo-me

Não por reverência

Genuflectido

Não por abnegada fé

Braços estendidos

Ainda é inalcançado

O horizonte...

...

Sensação de saudade

...

o respirar não espera
do inspirar esperança
e o coração não espera
no pulsar perseverança
tanta rotina faz-me a sina
e no amor que se procrastina
entorpece minha inspiração
que saudades de ser criança
quando a vida era fantasia
quando a inocência libertava
tudo era verso e era poesia
e até o choro que se chorava
era lírico, leve, livre criação
que saudades de ser criança
o respirar não espera
do expirar perseverança
o coração não espera
e no pulsar há esperança

...

Num inverso de luar

... Era como se sonhasse E era um sonho absurdo Das alturas, uma pausa Catava estrelas e luzes
Para colorir uma fantasia No espaço profundo Desse universo fecundo De tantos astros e mundos
E sóis me abrasavam E me faziam cintilante Num inverso de luar Chegava-se ao meu paladar
Loucura de uma eterna melodia Música de muitas viagens Em ondas sonoras siderais
Eu poderia ser todo o espaço E essa era a a nossa lógica A própria lei e minha alegria No espaço profundo
Desse universo fecundo De tantos astros e mundos Nessa pausa, um sonho
Sonho um tanto estranho Um sonho que se sonha só De um entretanto sonhador Tanto absurdo que era poesia
De repente ouvia o som Tilintar de um artefato hostil Um suposto despertar ocorre E nesse tráfeço sem porquê
Como se fosse rotina, eu ia ...

Seu olhar

...

Se era fé

Não sei

Amor, talvez

O seu olhar

Reflexo de perfeição

Fazia meu tempo parar

Furtava-me a dimensão

Fazendo-me inexistido

Retro, desnascido

Entre os lábios de Deus

Antes do divino sopro

Na pré-tangência

Ainda sem contorno

Via-me um mero fulgor

No entanto, pleno

Da pureza

Era amor

Sem certeza

Sem pergunta

Sem resposta

Apenas fé

Talvez

...

Algumas verdades

... a verdade no mundo em toda era, hora, segundo é como o ser humano falho, incompleto, torto relativo, frágil, pecaminoso . a verdade da guerra é o que friamente se enterra no pó de chão imundo raso, cada tombado corpo que todo verme come . a verdade da fome sem predicado ou pronome se esconde, não se revela mas exala o fétido lodo sem ventura, tortura . a verdade da vida como o pleno sol que fustiga impalpável, ainda confunde aquece e ilumina o todo alheia a qualquer ignorância ...

Melancolia

Melancolia, triste, deprimente

Escrita sem alma, estéril

Criatividade natimorta

Decência que se aborta

E se enterra nesse plágio

De entretantos e entrementes

Que saia da lama do seu umbral

Algum só poema com ou sem rima

Alguma frase que de ti se anima

Com a centelha do próprio brilho

...

Sem mágoas

... Não era intenção lhe magoar Não era essa a intenção da flor Afagada em voos pequeninos Nas asas indignadas de colibri Não queria lhe causar o pranto Mas o perfume é sempre da flor Fui incontido ao verso usurpado Carente de pétalas, sem nada florir Fui intolerante ao verso bonito Ao eco em vão de um outro grito Sei que poderia bem ter ignorado Mesmo diante de algo profano Não fiz o perfume e não fiz a flor Mas meu poema tem meu ardor Pode ser singelo, breve, comezinho Ser de riso, choro, céus ou de sonhar E nutrido com a seiva de alma Ofereço-lhe do que de mim frutifica E poderia eu lhe oferecer uma flor Mas não assinaria a obra do Criador Não era intenção lhe magoar Não era essa a intenção da flor Afagada em voos pequeninos Nas asas indignadas de colibri ...

Passo a passo

Na vertigem

Do céu

O infinito

Nas interrogações

Dessa sina

A estrada

E quanto ao destino

Que não me basta

Os devaneios no pó

De um chão

Que piso

Passo

A passo

Amor e beleza

Amor: é sopro ou suspiro
Etéreo hálito do Criador
Arcano, quando proibido
É divino, mas também humano

Beleza: a expressão estética
Essência imaterial de riqueza
Virtude da inspiração poética
Lucidez manifesta da poetude

Tantas vezes o amor me fez sofrer
É lado humano do imperfeito amor
Quantas vezes o que é belo ilude

Pois ama-se o que reflete a beleza
E da beleza engana-se em desengano
E tantas vezes o amor me fez morrer

Alagoas

...

Alcei-me induvidoso
Sublimei-me em voo
A um belo horizonte

Eu era nuvem no céu
Leve nuvem carregada
E cheia de saudade
Numa altura distante

Eu me precipitava
Eram muitas lágrimas
De gotas salgadas
Do meu imenso oceano

Eu me precipitava
Eram águas de doçura
Fica o leito alagoas
Uma terra de ventura

Leve nuvem carregada
Eu era nuvem lá no céu
E cheia de saudade
Numa altura distante

Alcei-me induvidoso
Sublimei-me em voo
A um belo horizonte

...

Palavras e sonhos

...

Quando me foge a letra
Encontro-a no azul do mar
No rastro do voo de pássaro
No perfume expurgando da flor
No horizonte inalcançável
Onde dormem os sonhos

Se a letra é prescindida do verso
O inverso de tudo se confunde
Ausente a palavra, a terra seca
Mas quando quero dizer, eu digo
Pois do verbo se vivencia
Acaricia ou agride
Ajunta ou divide
Palavra diviniza e também peca
A palavra faz o mundo
Carente de sonho, o espírito sofre
E se é para sonhar, eu sonho
Pois o sonho é fantasia
É inocente, sem limites
Sede da poesia quintessenciada
O sonho é a poetude do poeta
Sonho ascende o mundo

A palavra eterniza
E o sonho infinita

Ausente a palavra nos resta o sonho
Mas sem sonho o sol silencia
Esfria-se impreciso
A lua se faz tímida novamente
Escondida na escuridão

O vento se recolhe ressentido
E apenas balbucia a chuva
Uma chuva carecida de chão
Guardada nos braços do céu

Quando me foge a letra
Encontro-a no azul do mar
No rastro do voo de pássaro
No perfume expurgando da flor
No horizonte inalcançável
Onde dormem os sonhos

...

Quem és?

...

Dizes-me quem és!
Teu encanto me toca
Como teu instrumento,
Em notas, minha emoção
Torna-se cantiga, canto
Torna-se canção
Entoando-me em melodia

Dizes-me quem és!
Um ardor da tua sedução
Arrastas-me nessa ventura
Nas ondas da tua sintonia
Melodiosamente me ecoas
Arrancando-me o pranto
Se ausente de ti
Partindo meu coração
No plano da tua partitura

Dizes-me quem és!
Inexplicável devoção
Sequestras-me em loucura
Inebriantemente me prendes
Nesse fulgor que tu me doas
A liberdade torna-se agonia
És sinfonia, sou contracanto
E me embriago em ti
E no bailar dessa vertigem
Saio de mim e sou teu

Dizes-me quem és!

...

Asas do vento

...

O vento canta

Canta como pássaros

Os pássaros voam

Voam como o vento

Pássaro tem por espírito uma brisa

E vento é pássaro liberto do corpo

Vento é o ânimo que aviva os voos

Pássaro é o milagre que se chama vida

...

Verbo transitivo intemporal

...

Equívocos e suas tentativas vãs
Sou verbo transitivo intemporal
Não tenho conjugação gramatical
Conjugo-me ao sabor do seu afã

No presente do indicativo de amor
No pretérito mais que perfeito
No pretérito humanamente imperfeito
No futuro rememorado em pretérito
No tempo subjuntivo e subjugado
Nos tempos todos da nossa fantasia
No imperativo também conjugado
Nas notas melodiosas de uma poesia

Talvez um único verbo em várias ações
Talvez um único verbo despido do tempo
Traduzido na essência do imponderável
Sem apelo morfológico que se baste
Sem as nuances de análise de sintaxe
Sem precisar de letra ou da palavra

De todas as ilusões do tempo
O futuro sempre se revela um absurdo
Assim como se revela a mágica e a fantasia
Não sou conjugado em terceira pessoa
Nem em primeira ou em última
Não nos conjugamos em qualquer tempo
Pois sou o verbo intemporal em ação
Assim como se revela todo e qualquer absurdo
Assim como se revela a magia e a poesia
E, enquanto há espanto na razão que emudece
O escândalo em ecos infinitos faz a repercussão

Expandindo um universo para além do que padece

Equívocos e suas tentativas vãs

Sou verbo transitivo intemporal

Não tenho conjugação gramatical

Conjugo-me ao sabor do seu afã

...

Poema de Amor

...

sou do seu verso bonito
um refrão, seu estribilho
a inspiração do seu calor
a rima da sua emoção
somos juntos uma poesia
neste poema de amor

somos transcendente letra
embalada numa melodia
neste poema de amor
em notas de sublimar a alma
entoando além do corpo
a cadência de um êxtase

neste poema de amor
que liberta e tanto nos salva
avoca a infinitude na brevidade
trepida as fibras em êxtase
percutindo de cada coração
o canto da nossa verdade
nos tornando um único ser

...

Amanda

...

Antes não sabia
Meu destino tem seus passos
Agora em sua companhia
Nesses versos ainda renasço
Do meu coração o carinho
Amor de sabor paterno

Aninha-se no meu abraço
Presente do meu destino
Sentido do que é eterno

...

Letárgico

...

É como uma reza
Ou a fé que a motiva
Uma prece, oração

É como a música
O ritmo, o som, melodia
Que embala a canção

É uma opressão em teia digital
Tenho saudade do voo e do céu
Das caminhadas à toa e ao léu
Pisar na terra nua desse quintal

Sou ainda daquele mundo analógico
Inadapado e cativo de tanta ilusão
Sobrevivo arredio, pés na contramão
Num pseudo soneto invertido, letárgico

...

Dois sóis

...

São dois sóis e um sempre
Átimo de terna verdade
Duplo existir de tanta luz
Raios que se lançam em mim
Luz resplandecente, alumia-me
Clarão que é eternidade
Prementemente, já reluz
Gloriosa sorte de um ventre
Uma voz do destino que profetizo
Da centelha o reflexo que abrasa
E o frescor dessa brisa que passa
Boa Nova, mundo novo, esperança
Dizem a mim alegrias dessas crianças
São dois sóis num duplo solstício

...

Do pouco que calo

... Silencio, nada falo E dessa voz reprimida Resta-me muda asfixia Do pouco que calo
Liberdade privada do grito É canto sem melodia É mero voo sem altura, inexistido Talvez uma
desventura, céu vazio É um verso sem poesia Mudo cárcere do proscrito É tormento que encerra
A inspiração, arte e sentido Como um suspiro estático Um efeito contracínético Sem ar, no
interior oprimido Em calabouço de pedra Silencio, nada falo E dessa voz reprimida Resta-me
muda asfixia Do pouco que calo ...

Alguém poético

...

E choravas quando eu ia
E vinhas em minha direção
Fazias-me assim presente
E falavas de tuas poesias
E cantavas uma canção
Sorrias-me assim contente
Tuas letras eram ventania
O horizonte era teu coração
Teu olhar era incandescente
E tua voz era uma plenitude
Do teu dorso de melodia
Do ventre em pura sedução
Dos teus lábios irreverentes
Minha inspiração era amiúde
O vasto céu voos te oferecia
Em noites de plena escuridão
Estrelas brilhavam reluzentes
Reverenciando tuas virtudes
Sorrias-me assim contente
E cantavas uma canção
E falavas de tuas poesias

Fazias-te assim presente
E vinhas em minha direção
E choravas quando eu ia

...

Amor de dois

...

Eram tantas vezes vida
Dois comungando a eternidade
Eram vidas vezes tantas
Um amor além do que se tange

Eram vidas vezes tantas
Um enlace que não constrange
Um testemunho da liberdade
No desenlace que não se evita

Apesar da forte dor que se sente
O que é próprio deste mundo, alegre-se
Pois no amor se guarda a verdade

Erga a cabeça, confie, não lamente
Deus é o abraço que ampara, alegre-se
Nessa imponderável realidade

...

Sobre a dor de uma mãe

...

um sorriso de criança
que clareia a própria luz
o horizonte se abre
o céu mais se eternece

chorinho de esperança
o que é divino se traduz
numa presença breve
em luz que não perece

em seu colo são tantos eus
nessa inexplicável ingenuidade
se não era para ser só seu

entregue-se em fé à eternidade
o rebento agora embalado
nos braços do Deus amado

...

Andarilho

... Era andante, andarilho Indestinado, pés descalçados Há tanto céu, faltam-me voos E, do pouco de chão, Tolhem-me os passos Sou caminho e caminhante Não raramente venho a me servir Com meu ultraje maltrapilho Era um torto no chão Roto, em trapos, esfarrapado Vejo-me, na calçada faminto E quantas vezes me ignoro Mas de joelhos ainda rogo Em prece para o ser inglório Na límpida igreja opulente Vou pedindo ações de graça Para abrandar alguma desgraça No seio daquele indigente E expurgada toda a mácula da culpa Brancacento, que outra face se esculpa Ao preço de um tempo, meu fardo Observo-me orando logo ao lado Sem saber das sinas e dos sinos Que se dobram enquanto procrastino E nesse mesmo destempo, a missa ia E diante das noites e dos muitos dias Via-me reverendíssimo no alto do altar Incitando a fechar os olhos e a balbuciar Com desversos da pura hipocrisia Proclamando a mais bela homilia Sou caminho e caminhante Não raramente venho a me servir Com meu ultraje maltrapilho Era um torto no chão Roto, em trapos, esfarrapado Era andante, andarilho Indestinado, pés descalçados Há tanto céu, faltam-me voos E, do pouco de chão, Tolhem-me os passos ...

Quando eu sonhava

...

Quando eu sonhava, era tudo possível
O céu tinha estrelas e a lua me visitava
No meu jardim, toda flor era imperecível
Acreditava e a humanidade encantava
Quando eu sonhava, tudo era possível

Do mundo, queria somente o suspiro
A inspiração de arfar do meu peito
Para justificar meu mecânico pulsar
A aspiração de não faltar respeito
Para eu ter alguma razão para amar

Do mundo, o que eu de fato preciso
Não é propriamente da sobrevivência
E sim não ser esse tão somente sofrer
Queria ver a luz além dessa penitência
Além da dor e da rotina de tanto morrer

Do mundo, sou carente do sorriso
De qualquer motivo para a alegria
Da inspiração de arfar meus versos
Com coloridos e flores e fantasia
E não o retrato de mundo perverso

Quando eu sonhava, era tudo possível
O céu tinha estrelas e a lua me visitava
No meu jardim, toda flor era imperecível
Acreditava e a humanidade encantava
Quando eu sonhava, tudo era possível

...

Errante, prossigo

...

Quantas vezes erro e sigo
E errante, adiante prossigo
Sem esperar da vida pétalas
Mas o perfume de toda flor
Flui na minha eternidade
olho o chão, num olhar trágico
é mundo e é pó, algo mágico
o pulsar de um coração plácido
nesse passo a passo cáustico
salvo em terra, como um naufrago
queria apenas da vida um bálsamo
exalando em minha fé algo bárbaro
creio essa seja minha vida última
assim visto do tempo a sua túnica
para o baile dessa vida tão fúlgida
nesse passo a passo trágico
o pulsar de um coração mágico
é mundo e é pó, algo cáustico
olho o chão, num olhar plácido
Sem esperar da vida pétalas
Mas o perfume de toda flor
Flui na minha eternidade
Quantas vezes erro e sigo
E errante, adiante prossigo

...

Avó do Amor

...

Se está escuro, traz clareza
Nas trevas, nas profundezas
Nas águas turvas e na lama
Nas precipitações abissais

É a esperança no desalento
A brandura a todo tormento
O meu coração por ti clama
E aquieta-me os temporais

É sabedoria na ida em toda vida
Na morte, em toda volta é guarida
Nessa jornada os passos me guia
No trajeto, guia-me o tempo todo

Senhora dos tempos e das eras
E é avó do Amor que há na Terra
Na turbidez decanta e faz poesia
É luz da noite, e é luz no lodo

Se está escuro, traz clareza
Nas trevas, nas profundezas
Nas águas turvas e na lama
Nas precipitações abissais

É a esperança no desalento
A brandura a todo tormento
O meu coração por ti clama
E aquieta-me os temporais

Nas suas águas estancadas

É que meu espírito se aclara
Oh! Anciã da ancestralidade
Sua justiça, a própria verdade

De agora e desde a origem,
Dos ontens e dos amanhãs
Da singeleza na sustentação
Do meu pulsar e do meu viver
Ela rege e vibra meu coração
De agora e desde a origem

...

Ainda assim

...

difícil é ser poeta...

como fazer letra de samba
se há fronte das sombras
em vis casamatas camufladas
na mira de fogo e de bomba
como fazer letra de samba
fazer canção à gente bamba
pras pretas, brancas, pras mulatas

difícil é ser poeta...

para criar melodioso rondel
com verso em métrica preciso
versar um soneto com alguma graça
ou ao mundo escrever um cordel
no ritmo da ilustração dos tiros
e soldado sem cabeça de papel
pois a rima ou fantasia não congraça
com imagem tão triste, real e cruel

é difícil ser poeta...

quando a fantasia é desencantada
quando as estrelas caem decadentes
e o céu nos parece inalcançável
e o chão é agressivo à caminhada
e em gritos de calo de pés doentes
sigo insone nessa vigília inexorável

ainda assim sou poeta...

de riscos, rabiscos e versos livres
aos cantos e recantos e encantos
nas letras do sagrado, no verbo profano
ecoando cores em raras matizes
cortejando canções de acalantos
mesmo o eu lírico agonizando triste

...

Talvez amor

...

Era um quanto imponderável
E com suas asas de brisas
Ganhava todo céu e toda altura
Era um tanto gênio admirável

Seu olhar de poesia me recitava
E me fitava sem qualquer pudor
Seu visgo-desejo me emaranhava
E me prendia, e me dizia ser amor

O seu sorriso era um canto de encanto
E em seu hálito, sedenta me salivava
Emocionava-me, arrancava-me o pranto
E em seu abraço, cativo, me devorava

Se era amor, se era paixão, era sedução
Tocava-me, mas era um universo distante
Enigmática, cerzia nossos corações à mão
Num impossível, com a linha do horizonte

Era um quanto imponderável
E com suas asas de brisas
Ganhava todo céu e toda altura
Era um tanto gênio admirável

...

Um anseio

... parece um estranho outra vez um ar de reviver a irreabilidade de repente o coração grita eram emoções misturadas um gosto de saudade um sabor de alegria uma simplicidade mágica uma dorzinha nostálgica eram sensações variadas num gesto de fantasia indecifrando a verdade de repente o coração grita um tempo passado, não sei de um tempo futuro talvez era uma incerta necessidade um anseio de era uma vez ...

Transmutação

...

A chuva cai e fresca se transformava
No chão, já não é chuva
Aterrissa, vai e ligeira vira enxurrada
E no chão, se transmuta

O céu chora, sisudo, frio, escuro
E suas nuvens se perdem, se vão
Em nova jornada, mesmo com medo
Apenas querem um pouco de chão

Pois do céu em queda, no degrado
Buscam um acolhimento seguro
E em gotas, viram um próprio milagre
Na distância do céu, numa liberdade

E na multiplicação, formam um colorido
Num belo arco-íris, toque de arte divinal
Anúncio em tela, num quadro tão bonito
Do cessar da sede, da alegria do verde

Desiderato da vida, plena transmutação
Em desdobramentos das experiências
No imponderável fluxo da Providência
De vaporoso sopro, à rega, à inundação

Respostas do mundo, força da natureza
Da inocente nuvem do céu expurgada
Na transformação íntima da sua jornada
Em gotas, chuvisco suave, em correnteza

A chuva cai e fresca se transformava
No chão, já não é chuva

Aterrissa, vai e ligeira vira enxurrada
E no chão, se transmuta

...

O poder da poesia

...

A poesia tem um poder estranho
É verdade! Desbrava distâncias
Mas se distância for sua realidade
Aquieta-se num colo, se sua vontade

Aquece-se no carinho de um beijo
Se da inspiração for o seu desejo
É fantasia! Varia em significâncias
De verso pequeno ou sem tamanho

Vezes tantas é fingimento sincero
Em sentidas dores da imaginação
Outras muitas, é grito do coração

Na tortura de um tormento severo
Poesia é voz de lamento, voz de alento
E é o segredo da arte em sacramento

...

Três leituras do injusto

...

Seu olhar pedia
Minha alma implorava
Sua boca sem sorriso
Uma compaixão qualquer
Sem palavra dizia
Imolava-me o coração

Sem lágrimas mais o choro
Pois certamente é injusto
Da dor da sua fome
Minha fartura, sua inanição
Era dor de um vazio
Causa-me perturbação
Sua boca sem sorriso
Sem palavra dizia
Uma compaixão qualquer
Uma compaixão qualquer
Seu olhar implorava
Minha alma pedia

...

E nada mais

...

Aproximou-se
Repentinamente
Era esguia diante de mim
Sentia seu elã sem distância
A quentura da ofegância
Fitava-me
Com seu olhar brasio
De vontade feminina

Aproximou-se
E nitidamente
Por suas protuberâncias
Mais salientes
Era denunciada a ânsia
Apontavam-me
Era um desejo de cio
Efeito de ocitocina

Mãos aos ombros
Em único movimento
O deslizar das alças
Ela se mostrava

Tinha apenas o vestido
Que caía aos meus pés
E nada mais

...

Por aí

...

Andava por aí
E há séculos tenho ido em passos
Voador em voo
Mareando em mares
Soprando os versos que ressoo

Nas muitas andanças,
Na brisa do pensamento tenho asas
Desbravo céus em vários ares,
Na crista das muitas ondas viro oceano
Sou sal do chão e salgo os mares

Do pó que se levanta de meus rastros
Surgem estrelas e astros de toda vastidão
Tantas estrelas, muitos astros e imensidão
Universos da inspiração da minha fantasia
Fantasias sem limites no sentido de versos
Versos, paisagem, cheiro em pétalas, poesia

Nas muitas andanças
Sou sal do chão e salgo os mares
Na crista das muitas ondas viro oceano
Desbravo céus em vários ares,
Na brisa do pensamento tenho asas

Andava por aí
E há séculos tenho ido em passos
Voador em voo
Mareando em mares
Soprando os versos que ressoo

...

Um impulso

...

E demora-se tempo
Perpetuado em poesia
Infinitude do momento
Retrato de uma magia

Desforra-se o desavento
Desdobra-se em sintonia
Amplitude dum realento
Cheiro, ânimo, sinestesia

Tempo que se demora
Flores cansadas no jardim
Quando o homem chora

Prenhe de vida, é a criação
Letra, verso, estrelas, enfim
Impulso divino da inspiração

...

Alma da rosa

... Uma rosa bonita Embeleza nossa vida Uma rosa bonita E seu perfume nos agrada E seus perfumes exalam Mas as rosas murcham Em pétala já desbotada Não mais percebemos Uma rosa bonita Mas seu perfume é para sempre É para sempre seu perfume Como uma sinestesia perene Olfativo lume em nossa alma Luminosa alma da rosa E a beleza da flor transcende Transcende sua brevidade Para muito além Para além do muito Do que possa ser ponderável Uma rosa bonita ...

Luz palpável

...

Era uma sensação

Sensação de céu

Leveza da vida...

Um olhar do imponderável

A luz palpável

Buscando meu abraço...

E nesse acolhimento

Guardo a eternidade

Num átimo de ternura

..

Pobre poeta

...

Pobre poeta!

Sofra essa dorzinha renitente

Com essa palavrinha de condão

Como se pudesse fazer magicamente

Da poesia o Morfeu

Com meu sonho em suas mãos

Não mais haverá palmas

Para os instantes de fantasia?

Preso na desesperante mortalha

Já olvido meus suspiros de alma

Sem a possibilidade de uma rima

Minguada ficaria a minha sina

Sem a cor exalada de uma letra

Sem a cantiga de magia em poesia

A alma, assim, é de pouca serventia

...

Crônica de um Cruzeirense

...

A queda de um gigante que fez estremecer o chão e abalar as montanhas de Minas não representava o fim, mas um recomeço...

Tantos riram e tripudiaram com estridente escárnio, escondendo a própria realidade pequena de alívio guardado na grande soberba.

No traumático percurso do seu despencar, do alto da sua grande altura, vítima dos próprios erros e do banditismo instaurado como câncer em suas entranhas, até a profundidade onde todos chamariam de morte, aos olhos desatentos daqueles que desprezaram a dimensão da sua força, parecia tudo acabado, enxergaram o último suspiro, e já celebravam o seu fim...

Entretanto, esse último suspiro tanto esperado pelos rivais se revelou como um aceno de um primeiro alento da redenção, no sinal de renúncia ao ocaso e à extinção... Das suas próprias ruínas e das cinzas, o amor da sua imensa torcida perseverava e eclodia sua luz radiante! Não era morte, era vida! O Cruzeiro vive!

Não era um último suspiro e sim a inspiração profunda para o ressurgimento nos braços do seu povo que diante do incrível, desdenhando o impossível, ainda sustentava sua bandeira, suas cores e suas estrelas, o seu escudo e o orgulho da nossa gloriosa história escrita com muita luta e dignidade, com a convicção do futuro de vitórias que nos espera. A tradição persevera!

Eu lembro da nossa história! Nunca pude esquecer quem somos... Da nossa origem popular, do Palestra ao Cruzeiro, concebido pela união, forjado pelo amor além das fronteiras, surgido dos braços de uma comunidade que arrancou da alma a essência de uma paixão, de um amor sem limites, e hoje somos multidão, uma gigantesca nação!

Depois da estrada grandiosa das conquistas, o tormento de um cenário dramático de um infortúnio cruel nos impactou... Experimentamos a dor e a humilhação, na tortura de um tempo que se estendia sem conseguir nos desiludir ou nos desanimar, no entanto.

Resistimos com bravura e com a coragem e a raça que marca nosso caráter.

Não conseguiram nos impedir a caminhada, e em qualquer tormenta, ainda que fosse nos arrastando, prosseguíamos e prosseguimos!

Nós somos Cruzeiro, que não tem a opção de acabar, pois o time é carregado por sua multidão, com o ímpeto de um amor que não perece, que é imortal e que mais se fortalece diante das

dificuldades e dos desafios.

Assim é o Cruzeiro desde a época do Palestra!

Assim é o espírito guerreiro do cruzeizense, de guerrear a batalha justa, onde o destino nunca é a derrota que se encontra no caminho das conquistas. Nunca desistimos!

E a história não se pode apagar e as cicatrizes têm o valor de conquista, o sabor amargo agora é doce, gosto de desafio superado que ainda mais engrandece a trajetória vencedora com as cores azul e branco e nossa constelação.

As fibras de um coração que conheceu o indefinível sofrimento, o constrangimento, a aflição e a angústia continuam a pulsar, no ritmo da esperança... Fibra da fé inabalável, da força, da resiliência e da superação.

É bom estar de volta e retomar a posição que conquistamos com muita luta.

Hoje é o dia da glória, dia de decisão de título, e seremos campeões novamente, independente do resultado, para o sempre que marca nosso destino... Avante, Cruzeiro Guerreiro!

Somos uma tradição que não se apaga, que nunca se abala, de uma instituição que é filosofia de vida, que nenhuma Ciência pode explicar, pois não se define na razão, é ideologia e é doutrina, é religião e é o amor, e é a paixão que movimenta uma nação inteira!

Somos uma nação e o Cruzeiro é nossa pátria!

...

A morte

...

A morte é um 'no entanto'

Um triz depois da vírgula

Um piscar pausado

Um alívio talvez

Exponencial da existência

Pois uma frase não finda

Com um advérbio

E o ponto final é ilusão

Uma ênfase para o mistério

Uma ilustração da ignorância

A morte é um entretanto

...

Colo de mãe

...

Ouvi tua voz
Em teus braços
No calor de um abraço
Em raios de sol candente
No teu colo resplandecente
Acolhias-me ainda criança

Ouvi tua voz
Em teus braços
No abrigo do teu regaço
De indescritível luz a brilhar
Toda tua virtude de amar
Embalaste-me esperança

Ouvi tua voz
E dizias em brevidade
Ecoando para sempre
Como a recitar meu destino
Via a melodia de amor
Era muito e tanto amor

Ouvia tua voz
Sob um canto de Ave Maria
Acolhias-me ainda criança
No teu colo de sol candente
Em timbre de luz e poesia
Dizias-me simplesmente:
Não temas!

...

Sonho e reflexo

... o sol surgiu com seu jeito pontual eu ainda sonhava um abandono apagou-me a razão era
espelho sem reflexo o sol surgiu apagou-me pontual era ainda sem reflexo um abandono com
seu jeito sem razão eu espelho sonhava ...

Mensagem do relógio

...

O que me diz o relógio
Impingindo-me o tempo?
Quantas rezas
Quantas preces
Quantos lamentos
Súplicas num genuflexório
De algum e qualquer templo

Símbolo da impotência
Insígnia de uma humildade
Tantas vezes imposta
Sem nenhuma clemência

Além do horizonte a realidade
Tantas vezes se mostra
Em lapsos vivos da verdade
Nas distrações e carências

O que me diz o relógio
Impingindo-me o tempo?

...

Tormento infantil

...

O choro da minha criança está logo ali
A sua distância me apunha-la desde lá
A saudade me açoita no âmago do meu peito
E a tudo eu receio, irresignado, eu não aceito

A outra criança, sem distância, chora aqui
Sofre ausência de colo diante da minha presença
Estendo-me os braços e ela não se acalanta
A calamidade em minha mente me espanta

Embirra-me essa impotência que me aplaca
Revolta-me não tocar todo o impossível
Não se trata da pequenez de um rebento

Mas sim da insignificância do meu lamento
Percebo-me ainda perdido e insensível
E essa percepção é raio de luz que me aclara

...

De repente

... Como uma queda Como um raio, sem demora Um de repente Era como um piscar Ainda
que esperado Torna-se inesperado Passa Era Preteritado Estado Já é passado Errado Era
como um trinar Breve escutado Canto nostálgico Vivido Ido Irreconhecido Morrído Já esquecido
Olvido Como uma queda Como um raio, sem demora Um de repente ...

Sem resposta

... eu não tinha as respostas eram tão somente interrogações mas era a própria proposta no dia a dia e nas noites distantes a procura, o objetivo, o horizonte um olhar sempre além do próprio ser via os conflitos e via contradições perguntas tantas e tantos porquês e era a própria resposta, o carma reclusa atrás da própria frente a essência do que se indagou e era a dúvida e também a solução exata um somatório de nós a se descingir das mãos numa oração, a fonte a fé no destino que se desenhou súplicas de muitos eus a se despir indagações disformes em almas escolhas em letras, chãos e versos viver em passos, em céu e reversos era tão humano, de luz perfeita e inexata perguntas tantas e tantos porquês via os conflitos e via contradições um olhar sempre além do próprio ser a procura, o objetivo, o horizonte no dia a dia e nas noites distantes mas era a própria proposta eram tão somente interrogações eu não tinha as respostas ...

Dou-te o olhar

...

dos meus olhos
dou-te o olhar
e o horizonte

cedo-me cativo
da tua luz a me cativar
tardo-me evocativo
lúcido a te contemplar

subjugas-me o instante
capturas-me o tempo
no compasso da brevidade
a cada lembrança tua

insinuas-te instigante
no meu pensamento
em fantasias da irreabilidade
tua linda silhueta nua

cedo-me cativo
da tua luz a me cativar
tardo-me evocativo
lúcido a te contemplar

dos meus olhos
dou-te o olhar
e o horizonte

...

Juízo suspeito

...

Um conflito,

Mas não achei justo o veredicto

O sentimento de culpa que nos rasga o peito

É por excelência um júízo suspeito

Se o júízo fosse pela felicidade,

Veríamos prolatada outra realidade...

Isso seria muita pretensão

Exercício de mera adivinhação...

Amor é luz de iluminar o caminho,

Mas a cada passo o equilíbrio é a razão...

E o temor nos afasta o carinho,

Com medo de machucar o coração...

Um sábio dizia e ainda ensina

Que o medo da felicidade

Faz da frustração realidade,

E da infelicidade a sua sina...

Um conflito,

Mas não achei justo o veredicto

O sentimento de culpa que nos rasga o peito

É por excelência um júízo suspeito

...

Carta ao Poeta

...

Caro poeta,

Não me prendo à formalidade barata ou à literalidade pobre, e quando a ti digo que é caro, quero mesmo dizer que é precioso e de alto valor.

Aprendo contigo a cada palavra e a cada verso seu eu me transformo, você me ensina, e é admirável a sua fluidez em crônica com a perfeita rima; em sua escrita eu me amoldo; seu destino é transformar as pessoas e o mundo, tocando as emoções num lirismo profundo, superando as razões, é sua sina. Aprendo contigo!

Contigo percebi que ser poeta é aderir à liberdade sem os limites do impossível, é contemplar o universo na palma da mão e equilibrar o céu para que não caia no chão...

Aprendi que ser poeta é ser o próprio criador sem parecer pretencioso, é reduzir as distâncias num piscar de olhos, sem transparecer poderoso e é fazer de qualquer olhar um portal para toda fuga necessária para salvaguardar a inspiração, tridimensionando o imponderável num simples verso, garantindo o porvir, as lembranças e para sempre o presente...

Da sua escrita universos se expandem e se expandiram! O movimento flui do seu poema estático, a paralisia contemplativa se evidencia na fluidez do seu poema cinético e abstratamente se abstrai na sedosa concretude do poema concreto. Da sua escrita universos se expandem...

E do cotidiano você extrai a fantasia que detalha a simplicidade que nos emociona, com a sutileza e singeleza da palavra acessível e democrática, com sabor, cheiro, formas e impactos. Aprendo contigo!

Sabe gritar a indignação que arranca de todo leitor o chão, fazendo cair na imensidão do vazio aqueles que não sabem voar, e ofertando constelações e cometas a quem se permite o sublime e que sonham ser universos e exclamações...

Contigo faço contos e contas em estrofes matemáticas de perfeita métrica... Contigo apronto proezas! Contigo enlaço pontos e pontas de linhas mágicas em perfeita estética... Contigo aprendo a beleza!

Caro poeta, aprendi com seu verbo a melhor ação de amor, em possibilidades que não mais me constroem, pois a poesia não precisa apenas dizer, pois também toca na imprecisão da letra, sem se prender a sentidos... Uma poesia não precisa ser precisa, nem precisa ter razão. Mas sem

emoção é mero poema!

Reafirmo, por derradeiro, nesta carta singela, que não me contenho na moda que castra, pois quero emoções não conhecidas, e não me provenho com a limitação que me mata, pois vislumbro dimensões ainda não vividas, e quando a ti digo que é caro, quero mesmo dizer que é precioso e de alto valor.

Nesses breves dizeres digo um pouco do meu carinho, da minha admiração e da minha gratidão.

Do seu amigo

...

Inspire

...

Aspire, encha os pulmões,
Segure o quanto puder
Além do ar o alento

Expire, esvazie as emoções,
Libere o pranto se quiser
Um alívio sem lamento

Suspire, quebre esses grilhões,
Extravase sem limites sua fé
O Cristo é seu acalento

Inspire, fantasie constelações,
Flua-se, poetize-se como se é
Poesia também é alimento

...

Versos Sem Pudor - Imagens Explícitas

...

Tinha apenas o vestido
Que caía aos meus pés
E nada mais
Sua ânsia era louca
Loucura que excita
Nesses versos, você é minha
Estrelas no seu céu
Falo em sua boca
Suga meu prazer
Seu olhar para cima
Busca o meu...
Descortino seu véu
Sua face ao travesseiro
Se oferece de joelhos
Quadril ascendente
Engatinhada me quer
Nesse desejo de mulher
Rósea flor em orvalho
Nectar fremente
Um púlpito mais alto
Enlaço-lhe a cintura
O prazer e aventura
Abro-lhe em doçura
Suas pétalas em ventura
Quero seu gemido
Acoberto-lhe, espremido
Aperto-lhe contra meu colo
Você me pede, eu imploro
Você mexa, sinta, deixa
Empine, deixa, mexa
Enquanto beijo sua nuca
Estico braços, toco os seios

Energia que alivio
Nesse prazer sem culpa
Bela fêmea no cio
Estrelas no meu céu
Faço-lhe versos, devaneios
Descortino seu véu

...

Partícula do Infinito

...

Olho adentro a janela
Uma janela do meu peito
Vejo um grande mistério
Que eu chamo de infinito
Sinto um grande infinito
Que eu chamo mistério
Alucina-me,
Hipnotiza-me
É essência do meu Eu
Luz, fagulha de Deus
E eu me chamo aos gritos
Eternidade, partícula do infinito
Qual o melhor caminho
Andar
Qual o melhor voo
Voar
Qual profundidade
Mergulhar
Quem sou eu nessa imensidão
Nessa imensidão de que jeito
De tanto além
Um tanto além de mim
Olho adentro a janela
Uma janela do meu peito
Olho da janela o fim
Quem sou eu nessa vastidão
Alucina-me,
Hipnotiza-me
É essência do meu Eu
Luz, fagulha de Deus
E eu me chamo aos gritos
Eternidade, partícula do infinito

...